



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LEANDRO PIAZZON CORRÊA

**A biblioteca e o arquivo feitos obra: a publicação das
antologias do Bom Professor de Malba Tahan.**

Campinas / SP
2020

Leandro Piazzon Corrêa

A biblioteca e o arquivo feitos obra: a publicação das antologias do Bom Professor de Malba Tahan.

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de
Pós- Graduação em Educação da
Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de
Campinas para obtenção do título
de Mestre em Educação, na Área
de Concentração Educação.

Orientador: Dr. Andre Luiz Paulilo

ESTE TRABALHO CORRESPONDE
À VERSÃO FINAL DE
DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO
ALUNO LEANDRO PIAZZON
CORRÊA E ORIENTADA PELO
PROF. DR. ANDRE LUIZ PAULILO.

Campinas / SP
2020

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

C817b Corrêa, Leandro Piazzon, 1980-
A biblioteca e o arquivo feitos obra: a publicação das
antologias do Bom Professor de Malba Tahan / Leandro Piazzon
Corrêa. – Campinas, SP: [s.n.], 2020.

Orientador: Andre Luiz Paulilo.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Tahan, Malba, 1895-1974. 2. Arquivos Pessoais. 3. Escola
Nova. 4. Antologias. 5. Escritores e Edição. I. Paulilo, Andre Luiz,
1975-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The library and the archive made work: the publishing of the Good
Teacher anthologies by Malba Tahan

Palavras-chave em inglês:

Tahan, Malba, 1895-1974

Personal Archive

New School

Anthologies

Writers and Editing

Área de concentração: Educação

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora:

Andre Luiz Paulilo [Orientador]

Maria Silvia Duarte Hadler

Arnaldo Pinto Júnior

Data de defesa: 20-02-2020

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

. ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-3971-1382>

. Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/0394231670222232>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A biblioteca e o arquivo feitos obra: a publicação das
antologias do Bom Professor de Malba Tahan.**

Leandro Piazzon Corrêa

COMISSÃO JULGADORA:

Prof. Dr. Andre Luiz Paulilo

Prof.^a Dr.^a Maria Silvia Duarte Hadler

Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no
SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.
2020

Agradecimentos

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - IFSP pelo apoio institucional.

Ao professor e orientador Andre Luiz Paulilo, pela zelosa e precisa orientação. Pelo incentivo e paciência durante os momentos de incerteza. Por abrir caminhos. Seu conhecimento e apoio foram imprescindíveis.

Aos professores Maria Silvia Duarte Hadler, Arnaldo Pinto Junior, Sérgio Aparecido Lorenzato e Reginaldo Alberto Meloni, pelas contribuições e orientações que enriqueceram a pesquisa.

Ao Programa de Ensino e Pesquisa Historiar a Educação – PROEPHE, pelos estudos e conhecimentos adquiridos ao lado de colegas cordiais e solícitos. Silvia, Vanessa, Márcia, Carolina, Cássia, Claudiana, Taís, Matheus, Ricardo, Rodrigo e Munir, muito obrigado. A vida acadêmica ao lado de vocês é ótima.

A equipe da Biblioteca da Faculdade de Educação e ao Centro de Memória da Educação da Unicamp, pela generosidade e confiança.

A minha esposa Osana, pelo carinho e amparo durante os momentos mais difíceis que enfrentei ao digitar essas páginas. Pela sua resignação. Obrigado pelo cuidado conosco.

Ao pequeno Maximiliano, por alegrar meus dias, pelos muitos convites para brincar durante a escrita dessas páginas. Isso foi um incentivo enorme.

A minha mãe e meu irmão, por tudo que fazem por mim. Por secarem minhas lágrimas. Pela coragem e orações. Não há palavras para externar minha gratidão.

Ao amigo Josafá Crisóstomo pela dedicação, apoio e gentileza de sempre.

A todos que de alguma maneira me ajudaram nesse trabalho.

O conhecido e admirado escritor (Malba Tahan), neste trabalho põe, à prova o seu elevado senso critico e seu espírito realista.

Laurenço Filho

“Tudo neste livro é dos outros”, diz Malba Tahan no prefácio; “tudo é dele”, direi eu, pois sua foi a escolha do trigo em meio ao joio.

Anísio Teixeira

Resumo

Esta pesquisa trata dos meios e recursos utilizados por Malba Tahan na composição e publicação dos livros *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O professor e a vida moderna*, *O mundo precisa de ti, professor*, *Antologia do bom professor*, *Roteiro do bom professor* e *Páginas do bom professor*, lançados através da extinta Editora Vecchi, entre 1967 e 1969. Malba Tahan é o pseudônimo do professor, engenheiro, escritor e palestrante Júlio Cesar de Mello e Souza, reconhecido como popularizador e divulgador da matemática no Brasil através de manuais e livros didáticos, e também pela criação de contos com temática oriental e de moral religiosa. Ao longo de sua carreira, publicou mais de 120 livros, lecionou em importantes instituições de ensino, ministrou muitos cursos e palestras de temas variados, além de ter atuado em defesa dos hansenianos no Brasil. Por conta dessas atividades, acumulou uma série de documentos, que constituiu um arquivo pessoal. Hoje esse arquivo compõe um acervo que se encontra no Centro de Memória da Educação da Unicamp, denominado “Fundo documental Malba Tahan”. Assim, a pesquisa investiga a materialidade desses livros (capa, contracapa, páginas preliminares, miolo, dedicatórias), além dos temas, da bibliografia, dos autores e seus lugares, buscando compreender como foi o modo de atuação do autor para compor sua obra. Para isso, a pesquisa se apoia em diversos autores, dentre eles Chartier (2014), Darnton (2009), Genette (2009), Paulilo (2018) e Lorenzato (2013). O primeiro capítulo aborda a composição material dos seis livros em questão, analisando o trabalho realizado pela editora e intervenções do autor. Já o segundo capítulo, apresenta um estudo sobre como o autor fez uso de seu arquivo pessoal para construir os três primeiros livros publicados em 1967, em um olhar do arquivo para as obras. Encerrando, o último capítulo faz um movimento inverso ao segundo capítulo, partindo dos livros para a bibliografia indicada nas obras, analisando e pontuando como Malba Tahan se utilizou de sua biblioteca para reunir o conteúdo das três antologias publicadas em 1969. Lançados no final da carreira do autor, procura-se a partir dessa série de seis livros publicados pela Editora Vecchi, compreender o modo de trabalho de Malba Tahan na composição de seus textos e material literário.

Palavras-chaves: Tahan, Malba, 1895-1974; Arquivos Pessoais; Escola Nova; Antologias, Escritores e Edição.

Abstract

This research deals with the means and resources used by Malba Tahan in the composition and publication of the books *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O professor e a vida moderna*, *O mundo precisa de ti, professor*, *Antologia do bom professor*, *Roteiro do bom professor* e *Páginas do bom professor*, released by the extinct Editora Vecchi, between 1967 and 1969. Malba Tahan is a pseudonym to the teacher, engineer, writer and speaker Júlio Cesar de Mello e Souza, recognized as a popularizer and disseminator of mathematics in Brazil through manuals and textbooks, and also for the creation of short stories with an oriental theme and religious morals. Throughout his career, he has published over 120 books, taught at leading educational institutions, ministered many courses and lectures on various topics, in addition to acted in defense of the Hansen's disease sufferers in Brazil. Because of these activities, he accumulated a series of documents, which constituted a personal archive. Nowadays this archive is part of the collection at Unicamp's Education Memory Center, called "Malba Tahan Documental Fund". Thus, this research investigates the materiality of these books (cover, back cover, preliminary pages, book core, dedications), in addition to the themes, bibliography, authors and their places, seeking to understand how was the author's way of acting to compose his work. For this, the research is supported by several authors, among them Chartier (2014), Darnton (2009), Genette (2009), Paulilo (2018) and Lorenzato (2013). The first chapter deals with the material composition from the six books in question, analyzing the work done by the publisher and the author's interventions. The second chapter presents a study of how the author made use of his personal archive to build the first three books published in 1967, in a look from archives to the works. By closing this survey, the last chapter moves in reverse to the second chapter, starting from books to the bibliography indicated in the works, analyzing and pointing out how Malba Tahan used his library to gather the contents from the three anthologies published in 1969. These books was released at the end of his career and we seek, from this six books' series published by Editora Vecchi, to understand Malba Tahan's way of working in the composition of his texts and literary material.

Keywords: Tahan, Malba, 1895-1974; Personal Archive; New School; Anthologies; Writers and Editing.

Lista de figuras

Figura 1: Capas dos livros publicados em 1967.....	20
Figura 2: Capas dos livros publicados em 1969.....	20
Figura 3: Frente da capa do encarte promocional.....	24
Figura 4: Verso da capa do encarte promocional.....	24
Figura 5: Página do encarte promocional com o conto SASSEVASA.....	25
Figura 6: Página do encarte promocional com ilustração de temática oriental.	25
Figura 7: Verso da primeira capa, com a foto, e frente da página frontal, com a dedicatória e datação, ambas com a assinatura de Malba Tahan.	29
Figura 8: Cabeçalho do artigo de Domine, na seção Puntas Secas, da Revista <i>Educación y Cultura</i> , dezembro de 1944.	57
Figura 9: Caderno de arquivo com colagens e anotações para compor o texto do livro <i>O mundo precisa de ti, professor</i>	67
Figura 10: Caderno de arquivo com colagens e anotações para compor o texto do livro <i>O mundo precisa de ti, professor</i>	67

Lista de quadros

Quadro 1: Obras publicadas nos anos 1960	23
Quadro 2: Propagandas e Divulgação dos livros em Jornais	26
Quadro 3: Relação dos temas mais abordados nas antologias de 1969.	40
Quadro 4: Artigos que tratam da matemática entre 1963 e 1966 na coluna "A Escola e a Vida".	53
Quadro 5: Relação entre artigos da coluna "A Escola e a Vida" com capítulos do livro <i>A Arte de Ser um perfeito mau professor</i>	61
Quadro 6: Relação entre artigos da coluna "A Escola e a Vida" com capítulos do livro <i>O professor e a vida moderna</i>	63
Quadro 7: Relação entre artigos da coluna "A Escola e a Vida" com capítulos do livro <i>O mundo precisa de ti, professor</i>	69
Quadro 8: Relação do total de citações identificadas e pesquisadas nas antologias de 1969	74
Quadro 9: Comparativo entre o total de citações indicadas e a amostragem pesquisada.	74
Quadro 10: Conferências Nacionais de Educação.....	77
Quadro 11: Autores de teses apresentadas na XIII CNE citados por Malba Tahan.	78
Quadro 12: Membros identificados da ABE e citados por Malba Tahan.	79
Quadro 13: Funções exercidas por Carneiro Leão na ABE	83
Quadro 14: Relação dos autores pesquisados e que foram utilizados por Malba Tahan.	118

Sumário

Introdução	12
Capítulo 1 - A editora, os livros e seu conteúdo	16
1.1 A editora	17
1.2 Os livros	19
1.3 A divulgação das obras	26
1.4 Contracapas, lombadas, abas e seus paratextos.	30
1.5 Peritextos e material preliminar	33
1.6 Páginas finais, capítulos e conteúdo	39
1.7 Epitextos	41
Capítulo 2 - A construção dos livros	46
2.1 A coluna “A Escola e a Vida”	47
2.2 “A Escola e a Vida” nos livros	57
Capítulo 3 - A bibliografia das antologias, seus intelectuais e lugares	72
3.1 Associação Brasileira de Educação (ABE): seus membros, as Conferências Nacionais de Educação (CNE) e o Manifesto de 1932	75
3.2 Instituto de Educação e Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos	85
3.3 A Coleção Atualidades Pedagógicas	88
3.4 Autores Estrangeiros	91
3.5 Manuais de Psicologia Educacional e História da Educação	93
3.6 A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul	96
3.7 Revista Escola Secundária e outras publicações da CADES	98
Conclusão	102
Bibliografia	107
Anexo	118

Introdução

Malba Tahan é o pseudônimo adotado pelo professor, matemático, engenheiro, escritor e conferencista Júlio Cesar de Mello e Souza (Rio de Janeiro, 6 de maio de 1895 – Recife, 18 de junho 1974). Estudou na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, no Colégio Militar e Colégio Pedro II. Formou-se professor pela Escola Normal e engenheiro pela Escola Nacional de Engenharia. Lecionou em diversas instituições, como no Colégio Pedro II, na Escola Normal, no Instituto de Educação e na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na condição de professor catedrático. Paralelamente, atuava na defesa da causa dos hansenianos, tendo visitado diversos sanatórios destinados ao confinamento e tratamento desses enfermos e editado a revista *Damião*, de circulação interna nesses sanatórios.

Teve papel importante na divulgação da matemática no Brasil através de suas obras ficcionais e revistas. Nas décadas de 1920 e 1930, participou, assinando como Júlio Cesar de Mello e Souza ao lado de Salomão Serebrenick, a publicação da Revista Brasileira de Matemática. Nas décadas de 1940 e 1950, como Malba Tahan, da publicação da revista de recreações matemáticas *Al-Karismi*.

É notadamente conhecido pelos contos, novelas e romances com ambientação oriental e moral religiosa, tendo publicado mais de 120 livros. O mais famoso deles é sem dúvidas *O homem que calculava*. Contudo, também escreveu livros didáticos, manuais e recreativos sobre matemática, alguns ao lado de destacados nomes da matemática brasileira, como Cecil Thiré, Euclides Roxo e Irene de Albuquerque.

Com essas atividades, acumulou em um arquivo pessoal quantidade expressiva de materiais, como cartas, cartões de visita, apostilas de cursos, cadernos de palestras, cadernos de recortes, fotografias, souvenirs, originais de livros, diplomas e certificados, documentos pessoais e outros, que hoje se encontram disponibilizados para pesquisa no Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Unicamp (CME-FE/UNICAMP).

Diversos trabalhos, entre teses, dissertações e artigos, abordam algum dos muitos aspectos da biografia de Malba Tahan, contribuindo para a compreensão do trabalho realizado por esse professor e escritor. Destacamos as

teses de Siqueira Filho (2008) e Oliveira (2008) as dissertações de Santos (2017), Moraes (2017) e Faria (2004), e os artigos de Lorenzato (2013, 2004 e 1995), Valente (2003) e Paulilo (2018).

A dissertação que se segue vai tratar especificamente de uma série de seis livros publicados por Malba Tahan através da Editora Vecchi: *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O professor e a vida moderna*, *O mundo precisa de ti, professor*, de 1967, e *Antologia do bom professor*, *Roteiro do bom professor* e *Páginas do bom professor*, de 1969. A escolha desse objeto se deu pelo fato de não localizarmos trabalhos que abordassem esses livros, apesar de identificarmos alguma citação em Lorenzato (1995) e a indicação dessa série no levantamento bibliográfico realizado por Siqueira Filho (2008).

Inicialmente, a pesquisa trabalhou com o arquivo pessoal de Malba Tahan, especificamente na seção dos cadernos de recortes de jornais. Nessa seção, foram localizados dois cadernos de recortes com conteúdo que ligava esses recortes aos três primeiros livros da série, em especial ao livro *A arte de ser um perfeito mau professor*, onde foi identificado artigo de 1964 com o mesmo título do livro.

Trata-se de uma série que foi publicada no final de sua carreira, e que se divide em dois tipos de livros. Os três primeiros livros foram lançados em 1967, e os três seguintes, em 1969. São antologias que reúnem uma série de autores e temas ligados a educação em geral. Tiveram somente uma edição e não foram reimpressos. Chamou a atenção o fato de ser a primeira e única vez que Malba Tahan lançava livros pela referida editora, o que fomentou questionamentos a respeito do que tratavam essas obras, como eram as capas e a qual público se destinavam.

Desta forma, verificou-se a necessidade de um conhecimento mais apurado a respeito da materialidade de toda a série, o que é tratado no capítulo 1. Para isso, a pesquisa apoiou-se principalmente nos trabalhos de Chartier (2014, 2001, 1999 e 1991, Darnton (2009) e Genette (2009). Inicialmente apresentamos a editora responsável pela edição e publicação dessa série. A seguir, tratamos da materialidade dos livros, primeiramente das capas, qualidade do papel e da forma como título e autor são apresentados, além da composição do miolo e método de impressão. Posteriormente, analisou-se o trabalho realizado pela editora e pelo autor na divulgação dessas obras. E concluindo, cuidamos da análise das

contracapas, lombadas, abas, paratextos, material preliminar, capítulos e epitextos.

O capítulo 2 trata da análise das três primeiras obras publicadas em 1967, *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O mundo precisa de ti, professor* e *O professor e a vida moderna*, procurando demonstrar como os textos que compuseram esses livros foram fabricados com o auxílio sistemático do arquivo pessoal de Malba Tahan. Dividido em duas partes, o capítulo apresenta na primeira o trabalho realizado por Malba Tahan na *Folha de São Paulo* entre 1963 e 1966, com a publicação de artigos na coluna “A Escola e a Vida”. É demonstrada a maneira como a *Folha de São Paulo* apresenta o autor e a nova coluna ao público, os principais temas abordados, a comunicação de Malba Tahan com leitores e como ele articula essa relação para a seleção de material e produção de novos textos, ou reaproveitamento de outros, para comporem seus artigos.

Na segunda parte do capítulo 2 é demonstrado como Malba Tahan utiliza seu arquivo pessoal como ferramenta para compor esses livros, ou seja, como os artigos da coluna “A Escola e a Vida” são transformados em textos e esses textos em livros. Livro por livro, é feito um comparativo de cada capítulo com os artigos publicados na coluna e arquivados nos cadernos de recortes, seguindo as pistas deixadas pelo próprio autor. Além disso, são pontuados os principais assuntos de preocupação do autor e as influências presentes nessas obras de modo geral.

Por fim, o capítulo 3 trata das três antologias, a *Antologia do bom professor*, *Roteiro do bom professor* e *Páginas do bom professor*. Diferentemente dos três livros anteriores lançados em 1967, as antologias não são montadas com os recursos provenientes do arquivo, mas da biblioteca pessoal de Malba Tahan. Na ausência da biblioteca para comparação, a pesquisa fez o cotejamento dos autores e obras utilizadas pelo autor na seleção dos excertos que integram as páginas das antologias. Desta forma, as obras e autores foram agrupados em sete grupos principais por afinidades.

Três grupos foram associados a um lugar, sendo: Associação Brasileira de Educação (ABE); Instituto de Educação do Distrito Federal (IE-DF) e Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP); Autores Estrangeiros. Outros dois grupos são ligados a coleções: Coleção Atualidades Pedagógicas; Manuais de

Psicologia Educacional e História da Educação. Por fim, outros dois reúnem periódicos: Revista do Ensino do Rio Grande do Sul e Revista Escola Secundária e outras publicações da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES).

Primeiramente, são elencados os intelectuais citados que fizeram parte dos quadros da ABE e a ligação de alguns desses nomes com reformas educacionais, bem como a identificação e atuação desses intelectuais no IE-DF e no INEP. Posteriormente, a pesquisa cuida das obras e autores citados que fizeram parte da Coleção Atualidades Pedagógicas, bem como a influência de autores estrangeiros e o esforço de Malba Tahan em demonstrar sua erudição ao referenciá-los.

Em seguida, elencamos a presença dos manuais de psicologia da educação e história da educação, e como esse material aparece nas três antologias. Finalizando, a pesquisa demonstra os usos que Malba Tahan fez de artigos da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul e Revista Escola Secundária, bem como de outras publicações da CADES, e de sua biblioteca de maneira geral.

Com isso, a partir da materialidade das obras, passando por textos, temas e autores citados, a pesquisa não buscou somente fazer uma apresentação descritiva das obras. Buscou, sobretudo, apontar as influências teóricas e o estilo que Malba Tahan adotou para compô-las e publicá-las, identificando, assim, como o autor fez uso dos recursos de que dispunha em seu arquivo e biblioteca particular.

Capítulo 1 - A editora, os livros e seu conteúdo

- Malba, você é um gênio da engenhosidade.
É inacreditável que se possa fazer um livro destes¹.

Na segunda metade da década de 60, em 1967 e 1969, Malba Tahan lançou seis livros em sequência. Em 1967 foram lançados os livros *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O professor e a vida moderna* e *O mundo precisa de ti, professor* e, em 1969, Tahan encerra a série com três antologias, a *Antologia do bom professor*, *Roteiro do bom professor* e *páginas do bom professor*.

Este primeiro capítulo cuidará da apresentação desses livros, procurando localizá-los no seio da vasta e diversificada produção literária do autor. Pontuarei brevemente a respeito do contexto do mercado editorial da época e das características da editora, do trabalho e suporte editorial empregado na composição e divulgação do material, como aspecto externo e interno dos livros. Na sequência, tratarei dos autores que são citados nas dedicatórias, capítulos, frases e pensamentos e, finalizando, elencarei os temas e assuntos abordados.

Como aporte teórico, adotei os trabalhos de Chartier (2014), Darnton (2009) e Genette (2009). Utilizei também artigos, dissertações e teses que abordam algum aspecto da obra de Malba Tahan, pois não foram localizados estudos que tratassem especificamente desta série ou de algum desses livros em particular.

Neste capítulo, além da descrição do aspecto exterior e do conteúdo dessas obras, buscou-se compreender os seus significados, e as maneiras que os assuntos e autores aparecem e materializam as ideias do autor, pois “as obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro” (CHARTIER, 1991, p.8).

Ainda sobre a materialidade do livro, Chartier (2014, p.11) aponta:

Textos estão ligados a diversos tipos de materialidade. A materialidade do livro, em primeiro lugar, que reúne ou dissemina, a partir do fato de incluir ou não obras diferentes de um autor ou distribuir citações de seus trabalhos.

Para Chartier (2001), essa materialidade está ligada ao trabalho

¹ Monteiro Lobato se dirigindo a Malba Tahan, expressando sua surpresa ao ler *A Sombra do Arco Íris*, em entrevista concedida à Silveira Peixoto e Monteiro Lobato, em 1941, publicada no 3º volume de *Falam os Escritores*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1971-1976.

editorial, pois “a edição é o momento em que o texto se torna um objeto e encontra leitores” (CHARTIER, 2001, p.44). O historiador francês diz ainda que “todas as dimensões da história da cultura impressa podem se associar à figura do editor, à prática da edição, à escolha dos textos, ao negócio dos livros e ao encontro de um público de leitores” (CHARTIER, 2001, p.45). Nesse entendimento, o capítulo vai abordar principalmente o trabalho editorial e um pouco de como o autor se envolveu nesse trabalho.

1.1 A editora

A Casa Editora Vecchi Ltda. foi uma editora carioca fundada pelo italiano Arturo Vecchi (1895-1969), e que em 1967 acumulava cinquenta e quatro anos de história no mercado editorial brasileiro. Segundo Hallewell (2005, p.34), a editora ocupava nesse mesmo ano a décima posição em uma relação de fontes de livros infantis utilizada pela Biblioteca Pública de São Paulo.

Durante entrevista concedida a Nascimento (1989)² em 1986, Delmon Bonato, então gerente comercial da empresa e funcionário da mesma desde 1930, contou detalhes sobre a trajetória da editora. Disse que umas das publicações mais famosas da editora, a *Revista Grande Hotel*, chegou a sair com tiragens de 220 mil exemplares. Ressaltou também o tamanho do parque gráfico e da aquisição de maquinários novos, e apontou a editora como uma das mais modernas à época, enaltecendo a variada produção editorial, como podemos ver abaixo:

Nos anos de intensa atividade editorial, a Vecchi diversificou sua produção, publicando além de revistas, romances, antologias, contos, poesias, ensaios, obras teóricas, biografias, autobiografias, memórias, vida de santo etc. Os romances, desde os primeiros folhetins em fascículos, foram a base da editora, nos mais diversos estilos: de aventuras, policiais, de amor, políticos, sociais. (NASCIMENTO, 1989, p.106).

² Ângela José do Nascimento, foi jornalista e produtora cultural, organizou o Festival Latino Americano de Cinema e Vídeo-Cinesul, foi professora no curso de Cinema da Universidade Federal Fluminense (UFF), e autora do livro *Olney São Paulo e a Peleja do Cinema Sertanejo*, Quartet/Pulsar, RJ/1999.

Tais características foram destacadas pela própria editora, como é possível verificar em publicação do jornal *Correio da Manhã*, no dia 9 de setembro de 1958, quando trouxe no caderno 3, página 8, um anúncio comemorativo dos 45 anos da Editora Vecchi, onde são mencionados diversos autores, nacionais e estrangeiros, que tinham seus livros publicados pela editora, além de enaltecer o tamanho do acervo editorial, que ultrapassava à época mais de 700 títulos.

Ainda segundo Nascimento (1989), em 1983, foi decretada a falência da empresa, passando, em 1984, a ter como avalista o *Jornal do Brasil*, responsável por manter os funcionários e o parque gráfico funcionando.

Durante a pesquisa junto ao acervo de Malba Tahan, no Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Unicamp (CME-FE/UNICAMP), não localizei documentos como cartas e contratos que pudessem fornecer pistas da relação de Malba Tahan com a Vecchi para a publicação da série didática. Ocorre que tais documentos não existem, pois, segundo Artur Vecchi³, bisneto de Arturo Vecchi, revelou-me em entrevista, todo o arquivo da editora havia sido descartado. A ausência de arquivos dos editores também foi constatada por Darnton (2009, p.197):

Infelizmente, porém, editores costumam tratar seus arquivos como lixo. Ainda que ocasionalmente guardem as cartas de algum autor famoso, jogam no lixo os livros contábeis e as correspondências comerciais, que costumam ser as fontes de informação mais importantes para o historiador do livro.

Segundo Darnton (2009), os historiadores mal começaram a explorar os documentos dos editores, e considera tais documentos os mais ricos para toda a história do livro, pois o estudo destes possibilitaria entre outras coisas “compreender como os editores firmavam contratos com autores, faziam alianças com livreiros, negociavam com autoridades políticas e lidavam com finanças, fornecimentos, cargas e publicidades” (DARNTON, 2009, p.196).

No acervo de Malba Tahan, foram localizados três documentos que conectam o autor à Vecchi. Um cartão de visita (MT/01.032.0019-13), de J. Adolfo Garbayo Blasset - diretor literário da Casa Editora Vecchi, o número do telefone da

³ Artur Vecchi é economista, especialista em Marketing e mestre em Administração de empresas. Criou a AVEC Editora onde atua como editor e *publisher* de livros impressos e *e-books*. Por telefone, informou o destino dado aos documentos da falida editora da família.

editora anotado em uma agenda e um exemplar de encarte promocional, destinado à divulgação e venda da série de seis livros.

Conforme levantamento realizado por Siqueira Filho (2008), em sua carreira, Malba Tahan publicou por meio de 36 editoras, de 1925 até o ano de 1975⁴, e veio a trabalhar com a Vecchi somente no final de sua carreira. No período de 1960 a 1969 publicou através de 8 editoras: a Editora Conquista, a Editora Saraiva, a Getúlio Costa, a Edições de Ouro, a Brasil-América, a Editora Aurora, a Record, e por fim, a Editora Vecchi.

1.2 Os livros

O contato inicial que o leitor tem com livro é por meio da capa, geralmente com a arte concebida pela editora, e que não possui somente o sentido de proteger o miolo, mas sobretudo de transmitir uma mensagem, de informar o leitor sobre as possibilidades que o livro pode oferecer. Para Cardozo (2005), a capa tem a função de persuadir pela arte aliada ao zelo na composição do título, o que pode decidir o futuro da publicação:

Quando falamos de livros, a capa e o título são o primeiro contato que o leitor terá com a obra. O que ele vê primeiro deve incitá-lo a abrir e, efetivamente, consumir o livro. Como embalagem do livro, a capa tem o papel de transmitir o espírito do livro, revelando parte de sua alma e instigando o leitor a desvendar os mistérios contidos por detrás de sua capa. (CARDOZO, 2005, p.12).

As capas desta série publicada pela Vecchi foram feitas com papel couche de baixa gramatura, não plastificadas, com a arte feita com três a quatro cores, e seguiram um mesmo estilo, onde o nome do autor ocupou mais de cinquenta por cento da área útil, com os títulos posicionados na parte inferior, com fonte e tamanhos mais discretos, como se pode observar a seguir nas figuras 1 e 2.

⁴ Levamos em consideração o levantamento realizado até 1975 por conta de ser a última primeira edição do autor, em lançamento póstumo de *O Jogo do Bicho à Luz da Matemática*, Curitiba: Grafipar.

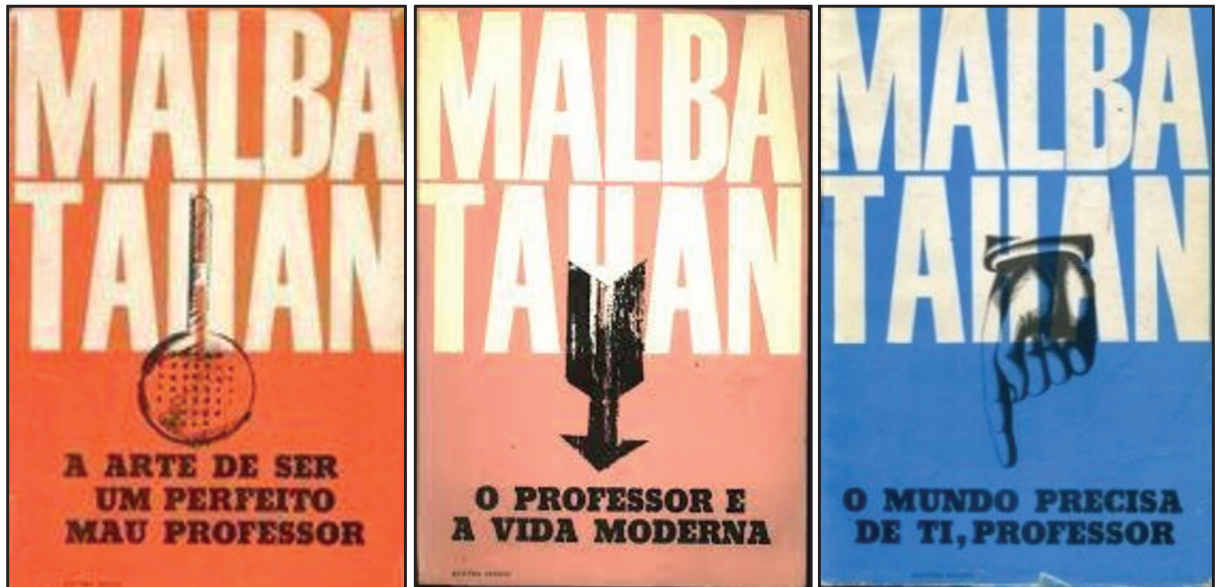


Figura 1: Capas dos livros publicados em 1967.

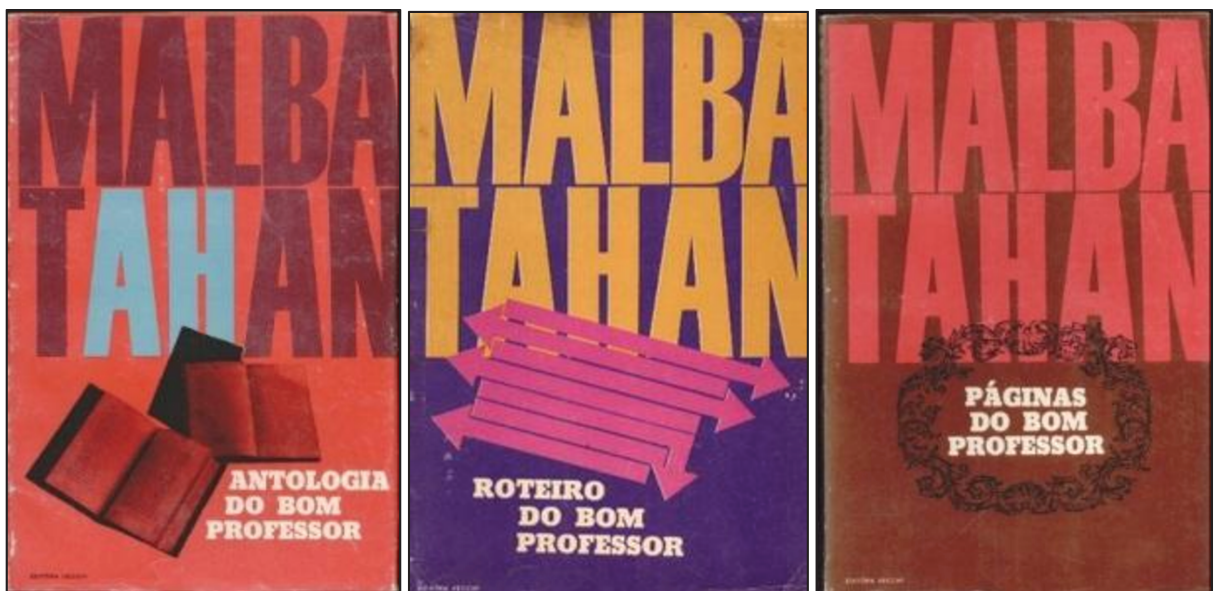


Figura 2: Capas dos livros publicados em 1969.

Cada capa recebeu uma ilustração que buscou relação com o título da obra. A *arte de ser um perfeito mau professor* apresenta a figura de uma palmatória, *O professor e a vida moderna* uma seta direcionada para o título, assim também ocorreu com *O mundo precisa de ti, professor*, onde a seta foi substituída por uma mão com o dedo indicador em riste apontando para o título. As antologias não apresentaram mudanças de estilo e qualidade, sendo que a imagem de dois livros abertos foi utilizada na *Antologia do bom professor*, um feixe de setas com variadas direções no *Roteiro do bom professor* e uma guirlanda estilo rococó ornou o título de *Páginas do bom professor*.

Em termos práticos, os livros desta série apresentam uma capa gráfica composta com tipos, e para Escorel (1974, p.33–34), esse modelo de capa demonstra uma falta de sensibilidade gráfica. Quanto ao acabamento exterior destes livros, todos eles apresentam os problemas apontados por Escorel (1974, p.59) como característicos dos livros impressos no Brasil à época, enfatizando que o acabamento da brochura brasileira “deixa a desejar”, sendo os principais problemas a má qualidade da cola e bordas não aparadas, com as “capas cortadas com muita folga”.

O miolo foi impresso em papel comum pelo método da tipografia, composto no formato brochura com tamanho 20 x 13 cm. O número de páginas variou pouco, sendo que *Arte de ser um perfeito mau professor* possui 128 páginas, *O Mundo precisa de ti, professor* e *O professor e a vida moderna* com 176 páginas e, por fim, as antologias com 192 páginas cada livro.

Não é informado o tamanho da tiragem de cada obra, porém, conforme nos aponta Escorel (1974, p. 56), o método offset só era utilizado para tiragens grandes, acima de 5.000 mil exemplares ou quando havia alguma possibilidade de sucesso nas vendas, sendo que para tiragens menores, em média até 3.000 mil exemplares, o método mais adequado economicamente seria o tipográfico, seja por tipos móveis ou pelo método de linotipia⁵.

Essas características da aparência externa dos livros que compõem esta série, desde a capa até o acabamento das bordas e lombada, bem como o papel e o recurso empregado na impressão, nos permite deduzir de que se trata de uma publicação popular, simples, sem traços de sofisticação. Apontando nesta direção temos, por exemplo, o entendimento de Unseld (1986, p.44), tal autor ressalta que “o aspecto exterior do livro é a expressão do seu conteúdo. As dificuldades surgem muitas vezes do fato de que essa apresentação deve não só fazer justiça ao conteúdo, como também atrair a atenção”. Já, em trabalho mais recente sobre a configuração e composição de capas para livros didáticos, Moraes (2010, p. 51) assevera o seguinte:

⁵ A respeito dos meios de impressão, para quem desejar se familiarizar com o vocabulário empregado nessa área, a obra *A palavra escrita, história do livro, da imprensa e da biblioteca* será útil. Nela, Martins (2002) realiza um levantamento dos meios de impressão e sua evolução técnica, discorrendo ao longo do capítulo 9 sobre as máquinas, materiais e processos utilizados.

O título, associado ao nome do autor, ou, muitas vezes, apenas a grafia do nome do autor numa capa, é manifestação suficiente do *ethos* que garante a validade da obra e conduz à sua aquisição pelos seguidores que se identificam com ela. Há inúmeras coleções em que o elemento gráfico principal é o nome do autor, associado ou não a sua imagem pictorial, ficando o título em segundo plano. O prestígio do autor, conquistado em obras de um seguimento de ensino ou determinado tema, é explorado em outros.

Quanto ao nome do autor, infere Martins (2010, p.171):

O nome do autor, devido à disposição gráfica em destaque na capa do exemplar (geralmente no topo ou centro da página, em fonte com tratamento diferente daquela utilizada no corpo do texto), é, da mesma forma que o título, o paratexto autoral mais à superfície e, portanto, de acesso mais imediato. Considerando as práticas editoriais ainda vigentes, o nome do autor é um elemento paratextual tão indispensável para a circulação do texto em forma de livro que não designaria nada além de sua primeira e mais óbvia função – indicar o autor do texto, quer dizer, simplesmente o nome do indivíduo que escreveu a obra e que, por isso, detém o direito de propriedade sobre ela, aquele que receberá (ou não) os dividendos financeiros e simbólicos decorrentes desse ato de posse. Se, contudo, o nome do autor marca o reconhecimento da pertença de um texto, também estabelece a relação da obra com a personalidade histórica e literária que o nome designa.

A Editora Vecchi, ao elaborar as capas desta série no intuito de atrair a atenção do público, optou por dar um amplo destaque ao nome do autor das obras. É o nome Malba Tahan que aparece em caixa alta, com letras chapadas, trazendo consigo um padrão de qualidade e respeito que o nome do autor encerra em si, buscando, como aponta Chartier (1991, p. 178), a produção de um sentido. Essa foi uma estratégia editorial para chamar um público que já tinha em Malba Tahan uma referência na literatura e ensino da matemática no Brasil. Mais adiante, discorre Chartier (1991, p. 182):

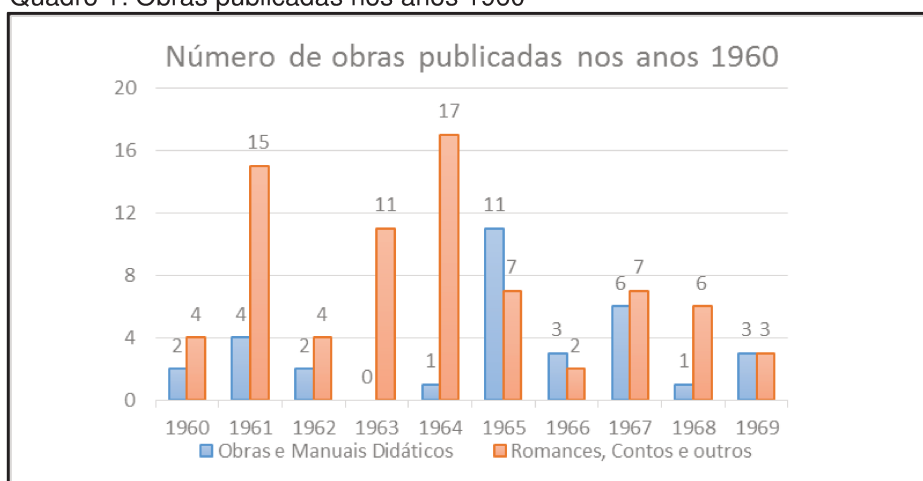
[...] é preciso lembrar que não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido) e que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor. Daí a distinção indispensável entre dois conjuntos de dispositivos: os que provêm das estratégias de escrita e das intenções do autor, e os que resultam de uma decisão do editor ou de uma exigência de oficina de impressão.

Esses dispositivos elencados por Chartier estão presentes nas estratégias adotadas pelo autor e pela editora Vecchi. A editora atua não apenas para a composição física das obras, mas também para sua divulgação e venda.

As estratégias de escrita adotadas por Malba Tahan ficam mais evidentes quando analisarmos seu acervo documental, algo que discutiremos no capítulo 2.

Malba Tahan já era um autor consolidado, com vasta e diversificada produção literária, com presença constante no mercado editorial e na imprensa escrita, com um público fiel ao seu trabalho, como podemos ver a seguir com a análise do quadro 1.

Quadro 1: Obras publicadas nos anos 1960



Construído com os dados obtidos por Siqueira Filho (2008, p. 239–244), no quadro 1 podemos observar o volume anual das publicações entre 1960 e 1969. Somente na década destacada foram publicadas 109 obras, sendo que desse total, 29 foram lançamentos, primeiras edições, de Malba Tahan. Com relação às reedições, *O homem que calculava*, por exemplo, teve cinco reimpressões pela Editora Conquista, chegando à 23ª em 1969. O volume de obras reeditadas pelas editoras nos permite apontar que o autor era um nome que vendia livros, algo atrativo para as editoras, pois segundo Hallewel (2005), até 1961, estas tinham elevados custos com a produção de livros, sendo que 75% era apenas com o papel, uma situação que começaria a mudar após 1966, e que “na qual ninguém ousava pensar em publicar qualquer livro que não oferecesse a certeza de ser vendido rapidamente” (p. 549).

Outro ponto que merece ser destacado no gráfico apresentado acima é o volume de obras literárias, significativamente superior ao de obras e manuais didáticos. Foram 79 obras literárias, aproximadamente 70% do total publicado no período, consistindo entre romances, contos e histórias infantis. Essa característica da produção literária de Malba Tahan pode ser observada em toda

sua carreira, como lembra Lorenzato (2004, p.63), quando ressalta a intensidade da produção do autor, destacando o número de 120 livros produzidos, e que destes 51 foram referentes à matemática, ou seja, a maioria das obras foram romances.

Toda essa informação referente ao autor não passou despercebida pela editora, que em seu folheto promocional destinado à divulgação e venda da série que passou a publicar, buscando explorar o prestígio do autor, apresenta em suas páginas iniciais o escritor como o contista com temática oriental, estilo que consagrou Malba Tahan, ainda que a série fosse de caráter didático pedagógico e destinada aos professores, como podemos ver nas figuras 3, 4, 5 e 6.

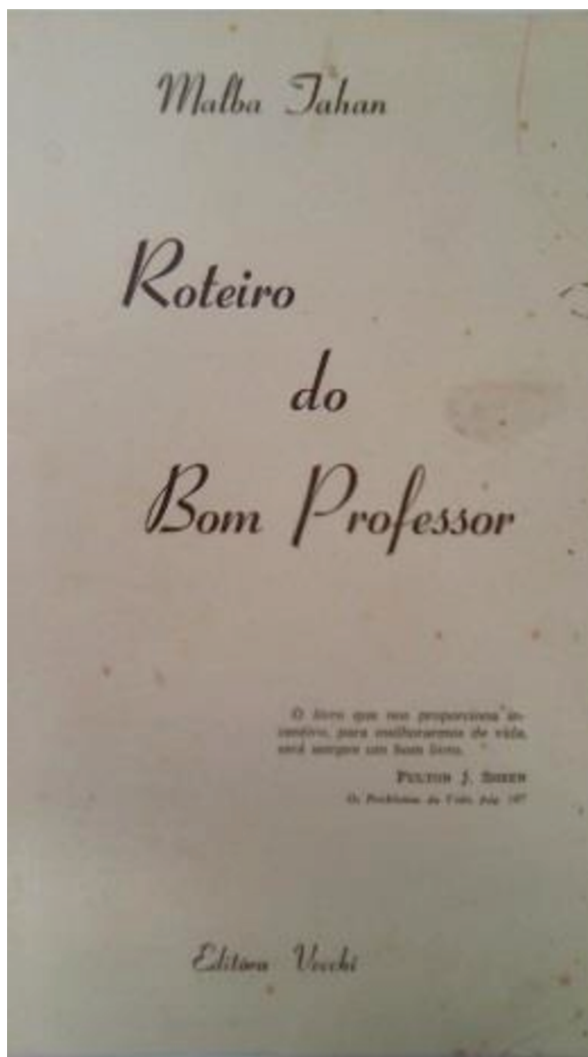


Figura 3: Frente da capa do encarte promocional

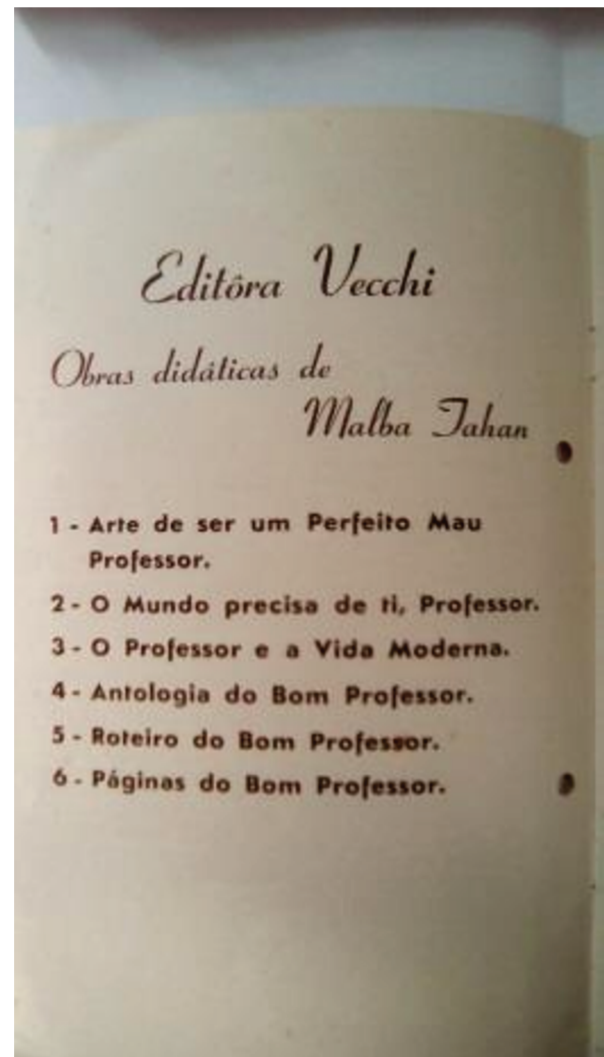


Figura 4: Verso da capa do encarte promocional

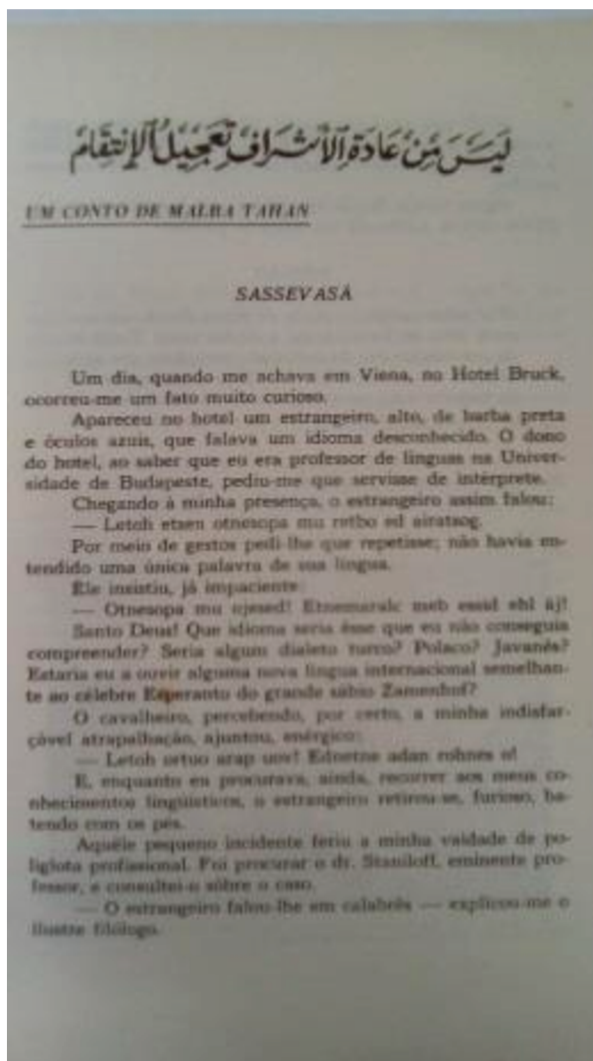


Figura 5: Página do encarte promocional com o conto SASSEVASA.



Figura 6: Página do encarte promocional com ilustração de temática oriental.

Para Zaid (2004, p.39), “o autor tem que encontrar editores que se empenhem na busca por leitores aos quais tenha o que dizer” e, apesar de a Vecchi nunca ter publicado livros de Malba Tahan, romances ou didáticos, possuía como mencionamos anteriormente, uma tradição editorial na publicação de livros infantis, romances e revistas femininas, ou seja, mantinha contato com um determinado seguimento de leitores. Para Unseld (1986, p.41), “a escolha que um autor faz a favor de uma casa editorial é uma escolha a favor da casa em seu conjunto”, e, para a Vecchi, publicar Malba Tahan era a oportunidade de ampliar seu público leitor, e, em contrapartida, oferecer ao autor a possibilidade de publicar seu trabalho e tê-lo divulgado possivelmente para novos leitores.

1.3 A divulgação das obras

Para Malba Tahan, a divulgação de seus livros em jornais e revistas foi fundamental desde o início de sua carreira, criando uma rede de contatos graças à sua constituição e permanência no mercado editorial por décadas e que também adveio “do movimento de comercialização e divulgação de seus diversos editores com os quais trabalhou, como também, das estratégias e táticas utilizadas”. (SIQUEIRA FILHO, 2011, p.236).

A Vecchi mantinha regular publicação de propagandas de seus livros e revistas nos jornais da época. Para a divulgação da série didática de Malba Tahan foram realizadas algumas divulgações e propagandas em jornais do Rio de Janeiro (quadro 2):

Quadro 2: Propagandas e Divulgação dos livros em Jornais

Jornal	Data e localização	Divulgação
Diário de Notícias	09/11/1969 – Sec. 3 p. 5	Livros de 1969
Diário de Notícias	15/10/1969 – Sec. 1 p. 13	Livros de 1969
Diário de Notícias	15/03/1970 – Sec. 4 p. 2	Livros de 1969
Diário de Notícias	04/01/1970 – Sec. 2 p. 7	Livros de 1969
Jornal de Letras	09/1967 – p. 4	Livros de 1967
Tribuna da Imprensa	29/06/1967 – Cad. 2 p. 3	A arte de ser um perfeito mau professor
Jornal do Comércio	27/05/1967 – p. 2	A arte de ser um perfeito mau professor

Observando as datas das propagandas, bem como quais os livros da série que foram anunciados, podemos ter alguma dimensão do trabalho realizado pela editora para a divulgação da série. Para Darnton (2009, p.196), o estudo das propagandas dos livros pode ser bastante promissor:

A propaganda de livros é um tema que precisa ser investigado por inteiro. Aprenderíamos bastante sobre as atitudes em relação aos livros e o contexto de seu uso estudando a maneira como eram apresentados — a estratégia do apelo, os valores invocados pela escolha de palavras — em todo tipo de publicidade, dos anúncios em jornais aos cartazes de rua.

Segundo Siqueira Filho (2008, p.47):

O espaço aberto nos jornais para as propagandas de obras literárias, além de darem prestígio e notoriedade a seus autores, tornava-os conhecidos em todo território nacional. Elas não faziam referências somente ao escritor, mas também à composição material e ao conteúdo do livro.

A primeira obra da série a ser formalmente divulgada nos jornais foi a *A arte de ser um perfeito mau professor*, no *Jornal do Comércio*. Tratou-se de uma pequena nota, sem figuras de capa ou desenhos alusivos ao tema e conteúdo do livro, onde o nome do autor é reverenciado, mas sem tratar de informações relevantes ou detalhes do conteúdo da obra em si. Em setembro, no *Jornal de Letras*⁶, especializado e totalmente dedicado à literatura, é feito o único anúncio onde as três obras lançadas em 1967 aparecem juntas, com destaque ao nome do autor e suposto sucesso das obras. Chama a atenção nesse anúncio um erro no nome de uma das obras, pois onde deveria estar escrito *O mundo precisa de ti, professor*, aparece *O mundo confia em ti, professor*.

As antologias foram as únicas obras da série que tiveram suas capas divulgadas em jornal, o *Diário de Notícias*. A publicação do dia 15 de outubro de 1969, página 13, recebeu atenção especial, já que era o dia dos professores. Quatro dias depois, 19 de outubro, o mesmo jornal traria apenas a divulgação da *Antologia do bom professor*. A edição de 15 de março de 1970, na página 2, também trouxe todas as capas, ambas com grande destaque ao autor, mas principalmente as impressões positivas de intelectuais citados nesses livros.

Um outro recurso utilizado pela editora foi o de remeter exemplares das obras à redação dos jornais onde mantinha alguma relação comercial. Isso ficou evidenciado em duas publicações no *Diário de Notícias*. A primeira foi do dia 1º de junho de 1967, onde numa coluna social chamada “Diário de Bolso”, assinada por Maria Cláudia⁷, publicou-se nota de agradecimento à Editora Vecchi pelo envio do livro *A arte de ser um perfeito mau professor*, fazendo um trocadilho entre o título da obra e a ausência de bons professores no país. A segunda foi na coluna “Feira

⁶ O *Jornal de Letras* foi fundado na década de 1940 e perdurou até 1992, quando Elysio Condé, médico e amante da literatura, último dos fundadores e mantenedor do jornal, veio a falecer. Foi o mais longo jornal dedicado à literatura a circular no Brasil, gozando de grande prestígio no meio literário, com circulação de âmbito nacional. Para mais detalhes, ver a tese *A construção e a permanência do nome do autor: o caso José Condé*, de Edson Tavares Costa (2013).

⁷ Maria Cláudia Mesquita e Bonfim foi uma jornalista, colunista social, e técnica em comunicação social. Trabalhou nos jornais *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, em funções burocráticas no governo do Rio de Janeiro e foi colaboradora na Academia Brasileira de Letras. Faleceu em 2015. <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101415/memoria4.pdf>> Acesso em: 11/12/2018.

de Livros”, assinada por Cely de Ornellas Rezende⁸, sob o título “Mau professor, mal do século”, a crítica fez questão de destacar a originalidade da obra, classificando-a como uma das melhores do gênero. Além dos jornais, a revista *A Cigarra* também trouxe publicações divulgando obras que compõem a série em sua seção intitulada “Livros”, especializada em literatura, assinada por Carla Mesquita. Na edição de julho de 1967, sob o título *Vecchianas*, um curto anúncio do lançamento de *A arte de ser um perfeito mau professor*, e, posteriormente, na edição de fevereiro de 1970, as antologias mereceram sete linhas com breves comentários, inferindo que as obras fossem de interesse de todos os bons educadores católicos, e que eram escritas com clareza e simplicidade.

Porém, não ficou somente a cargo da editora a divulgação. Malba Tahan tratou de utilizar os espaços que dispunha nos jornais e, por meio de suas colunas, incluiu excertos de algumas obras da série, citando o livro que servira de fonte. A coluna “A Escola e a Vida”, que Malba Tahan assinava em *O Jornal*, serviu como reforço na divulgação, paralela às que ocorriam no *Diário de Notícias*. Os artigos nos quais Malba Tahan trabalhou dessa maneira apareceram nas edições de *O Jornal*, dias 17 de agosto e 5 de novembro de 1969, com excertos de *O mundo precisa de ti, professor*, e nos dias 25 e 26 de novembro de 1969, com dois excertos da *Antologia do bom professor*. Ainda houve publicação no *Diário de Pernambuco*, em 20 de agosto de 1969, nos mesmos moldes, divulgando também *O mundo precisa de ti, professor*.

Aproveitando-se de sua rede de contatos para divulgar seus livros, Malba Tahan se utiliza da tática de repassá-los, pelos correios ou pessoalmente, para pessoas que pudessem viabilizar a aceitação de suas obras no meio literário e educacional, bem como dar alguma devolutiva positiva ou negativa do conteúdo. No CME-FE/UNICAMP, localizei dois documentos que ilustram essa prática. São duas cartas de agradecimento pelo envio de livros, sendo uma de Francisco Cândido Xavier⁹, onde agradece o envio do livro *O aviso da morte*, dispensando alguns elogios e demonstrando estar lisonjeado com o presente. A outra carta foi

⁸ Cely de Ornellas Rezende foi jornalista, atuou como colunista e crítica literária. Também foi diretora de relações públicas na Editora Saga, Editora Bruno Buccini e na gravadora Top-tap do Rio de Janeiro.

⁹ Francisco Cândido Xavier, 1910–2002, foi um escritor e filantropo mineiro, principal expoente do espiritismo no Brasil. Para outras informações, ver a obra *Chico Xavier: um herói brasileiro no universo da edição*, de Fernandes (2008).

enviada por Humberto Rohden¹⁰, que agradece o envio do livro *O filho pródigo*, mas nesta os elogios foram poucos, e as reprovações ao conteúdo mais acentuadas.

Pessoalmente, o autor deu em 13 de abril de 1968 um exemplar do livro *O mundo precisa de ti, professor*¹¹, com foto, autógrafo e dedicatória à professora Léa Dias Abrantes (figura 7), que à época era a delegada regional de ensino em Barbacena, Minas Gerais, após três conferências realizadas na Aliança Espírita de Barbacena, nos dias 10, 11 e 12 (MT/01.032.0067-13). O uso da foto ou desenho do autor nos livros tem, para Chartier (1999, p.53), a função de “constituir a escrita como expressão de uma individualidade que fundamente a autenticidade da obra”.



Figura 7: Verso da primeira capa, com a foto, e frente da página frontal, com a dedicatória e datação, ambas com a assinatura de Malba Tahan.

¹⁰ Humberto Rohden, 1893–1981, foi um filósofo e teólogo cristão, escreveu mais de 60 obras de escopo religioso. Para outros detalhes, ver a tese *O sermão da montanha na visão do filósofo cristão Humberto Rohden*, Guimarães (2014).

¹¹ Todos os exemplares que foram utilizados como fonte para essa dissertação foram encontrados e adquiridos em sebos. No caso em particular, o livro *O mundo precisa de ti, professor* fez parte do espólio da professora mineira Léa Dias Abrantes, falecida em 2015.

As propagandas e notas de divulgação de toda a série apareceram em seções de jornais destinadas à literatura, aos livros e escritores de modo geral. Seja por meio da propaganda propriamente dita, seja por destaques realizados pelos colunistas e críticos literários, raramente apareciam isoladas. Esse foi um cuidado que visou deixar os livros e o autor mais próximo dos leitores. Nesse mesmo entendimento, observou Zaid (2004, p.86):

Um livro corretamente posicionado torna mais atraente toda uma coleção, e quando o todo assume um perfil coerente, o livro é encontrado com maior facilidade por seus possíveis leitores. Da mesma forma, os artigos em uma revista reforçam uns aos outros e tornam a revista mais atraente.

Segundo Siqueira Filho (2008, p.37), os editores tiveram ainda importante papel na divulgação das obras de Malba Tahan durante toda sua carreira, e os jornais foram o principal veículo para isso, pois atingiam um maior número de leitores. Mesmo assim, nada disso garante o sucesso de uma obra absolutamente.

1.4 Contracapas, lombadas, abas e seus paratextos.

Além da parte frontal, a capa é composta também pela lombada, contracapa e em alguns casos por abas. É todo esse conjunto que forma os paratextos, um espaço que pode ser utilizado para apresentar o autor, a obra e conquistar possíveis leitores. Sobre os paratextos, Genette (2009, p.9–10), diz:

[...] o paratexto é aquilo por meio do que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público [...] que oferece a cada um a possibilidade de entrar, ou retroceder [...] sem limite rigoroso, nem para o interior (o texto), nem para o exterior (o discurso do mundo sobre o texto).

Genette (2009) define dois tipos de paratextos, os autorais, nos quais o autor colabora e interfere diretamente, e os editoriais, nos quais é a escolha ou opção de determinado editor que prevalece. Sobre isso, não é possível identificar as ações de um e de outro na série no âmbito das capas. Não há documentos que possam dizer se os autores que escreveram nas contracapas e abas, por exemplo, foram uma escolha direta de Malba Tahan ou do editor, ou mesmo acerca de qual texto iria para a contracapa ou para a aba. O certo é que os

autores, todos eles, são citados com certa frequência no corpo da obra, ou seja, foram referências bibliográficas para o autor.

A lombada de um livro, apesar de pequena se comparada com o restante da capa, “tem evidente importância estratégica, traz na maioria das vezes o nome do autor, logotipo da editora e título da obra” (GENETTE, 2009, p.29), e as lombadas de todos os livros da série seguiram esse padrão, com o nome do autor apresentado de forma descendente, seguido pelo título e logotipo da editora. A escolha por esse formato de lombada se deveu ao fato de ela poder ser lida da esquerda para a direita quando o livro se encontra deitado com a capa voltada pra cima. Foi uma escolha da editora Vecchi.

Já as contracapas tiveram um trabalho específico para os livros publicados em 1967 e 1969. Nas obras de 1967, as três contracapas foram idênticas, exceção feita à cor de fundo, e apresentaram um caráter biográfico do autor, onde o escritor Othon Costa, então presidente da Academia Carioca de Letras, na qual Malba Tahan ocupava à época a cadeira número 8, fez uma sucinta biografia, ornada ludicamente com a caricatura de um árabe (TAHAN, 1967, contracapa). Nessa biografia, que começa em Queluz, recordando o pai e mãe do autor como professores, e termina com o costume que o mesmo tinha, quando criança, de colecionar sapos, Othon delinea toda a carreira acadêmica, profissional e literária, além de militante e que Malba Tahan exercia em prol dos hansenianos. Em nenhum momento é feito qualquer comentário quanto às obras e seu conteúdo.

Nas contracapas das antologias, o argumento foi diferente. Não tratou diretamente do autor, mas do objetivo das obras. Com uma arte simples, sem figuras ou fontes vistosas, abaixo da frase “Falam os Mestres”, Lourenço Filho destaca a pluralidade da antologia, visto que esta cita autores de diversas áreas, nomes comuns e famosos, e enaltece o “elevado senso crítico e espírito realista” de Malba Tahan. Logo abaixo, Anísio Teixeira infere que a obra é uma seleção de pontos importantes do pensamento do educador e professor, sendo assim, um compendio das “visões mais recentes do pensamento e das perspectivas dos educadores” (TAHAN, 1969, contracapa).

As abas não ficaram em branco. Tiveram seus espaços utilizados para apresentação do conteúdo a ser tratado na obra e para expor as recomendações e elogios de leitores, todos eles ligados à área educacional e literária. Nas obras

didáticas, *A arte de ser um perfeito mau professor* apresentou um conto de cunho moral, onde o personagem principal é um rabino, excelente professor, que trata seus alunos com reverência. Em *O mundo precisa de ti, professor*, as abas serviram para tratar mais especificamente dos objetivos da obra, tratar da ética profissional do professor. *O professor e a vida moderna* teve em suas abas texto mais direto quanto ao conteúdo, tratando de didática, indicando inclusive na aba da contracapa conteúdo da segunda parte da obra. Com relação às antologias, o espaço das abas foi utilizado para elogios e assertivas quanto à qualidade, bem como originalidade e utilidade do conteúdo das obras, externados por personalidades de locais variados, mas todas de prestígio, como Alberto Carneiro Leão (ex-professor do Pentágono), Maria Junqueira Schmidt (Universidade Santa Úrsula), Djacir Menezes (do Conselho Federal de Educação), Dr. Benjamin Albagli e Juracy Silveira (presidente e diretora da Associação Brasileira de Educação), P. Laércio Dias de Moura (reitor da PUC-RJ), Peregrino Júnior e Tristão de Athayde (da Academia Brasileira de Letras).

Para Genette (1987, p. 15–19 apud MARTINS, 2010, p.170):

[...] o paratexto não apenas confere a materialidade necessária à circulação do texto, mas é dotado ainda de um complexo caráter performativo, que, além de comunicar uma mera informação (o nome do autor, a data de publicação) ou uma intenção ou interpretação autoral ou editorial (prefácio, indicação do gênero), atua sobre o leitor construindo representações e crenças a respeito da natureza da leitura ou do texto.

Mais à frente, conclui Martins (2010, p.170):

O paratexto, muito mais do que acompanhar o texto, nele integra-se, não apenas por acrescentar uma informação ou propor uma interpretação, mas, sobretudo, por colocar a obra em perspectiva intertextual, conferindo-lhe uma dimensão institucional. [...]. Pode-se afirmar que o paratexto, jogando com as convenções literárias (e editoriais), cumpre uma importante função no sentido de garantir, antes mesmo da leitura do texto, sua literariedade. Assim, o paratexto poderá constituir-se em um eficiente mecanismo de legitimação do texto literário.

Os elementos paratextuais presentes nas abas e contracapas dessa série, possuem o objetivo de atingir um público específico, um público que possua repertório para identificar na mensagem um significado para os elementos que o constituem (autores, lugares, palavras). Desta forma, o prestígio de um autor e de uma instituição produzirá algum sentido em possíveis leitores dessas obras, como

podemos ver na aba da contracapa do livro *O mundo precisa de ti, professor*, na qual encontramos a recomendação de que o “livro é destinado especialmente aos alunos das Escolas Normais, aos alunos das Faculdades de Filosofia, aos diretores e orientadores educacionais”. Ou ainda, na aba da capa do livro *Roteiro do bom professor*, onde Maria Junqueira Schmidt recomenda o livro aos estudantes de filosofia e orientadores educacionais.

1.5 Peritextos e material preliminar

Segundo a definição de Genette (2009), o peritexto é o paratexto que está dentro do livro, mas que não é texto da obra em si. São os elementos que ocupam as páginas de rosto ou páginas finais (folhas de guarda), geralmente estão nas páginas não numeradas. São o índice, prefácio, posfácio, dedicatória, título, logotipo da editora, foto, autógrafo, dentre outros, que Chartier (2014) vai classificar como material preliminar, e ele justifica o uso do termo, dizendo que tal “nomenclatura formal dos elementos que compõem o paratexto talvez seja de pouca ajuda para compreender, em descontinuidade, a lógica que governa sua composição e articulação” (CHARTIER, 2014, p.235–236).

Toda a série editada pela Vecchi seguiu o mesmo padrão na localização do material preliminar, no primeiro caderno, por conta da diagramação e distribuição do texto nos cadernos que compuseram o texto de cada obra, e esse detalhe é que possibilita identificarmos práticas de impressão que interferiram na composição e localização dos peritextos. Recordando rapidamente do que tratamos no início do capítulo quanto ao tipo de impressão, são obras tipografadas, e esse processo tem suas especificidades técnicas que direcionam e determinam algumas escolhas do editor.

A primeira página apresenta no centro o nome da obra com fontes em caixa alta na cor vermelha, e seu rodapé com um pensamento reflexivo de cunho moral, excerto de poema ou de livro, tudo com citação de fonte¹². O mesmo ocorre na página 3, com a diferença de que o nome do autor aparece no alto da página. Nos versos dessas páginas, o espaço foi utilizado para a apresentação de uma

¹² Apesar de não serem numeradas, as páginas foram identificadas por seus respectivos números, como página 1, página 2, e seguintes.

lista das obras já escritas e publicadas por Malba Tahan, contendo editora, título e edição. Essas listas permitiram identificarmos, por cruzamento de dados¹³, quando as obras da série foram publicadas, pois a listagem sofreu modificações de uma obra para outra.

Essas folhas são parte do primeiro caderno, que é identificado por um número e palavra que fazem referência ao livro ao qual pertence o caderno. Isso foi feito com o intuito de organizar a sequência dos cadernos para a encadernação, algo essencial no processo tipográfico. Essa é a prática que Chartier (2014, p.237) aponta como usual entre o século XV e início do XIX, pois possibilitava que fossem feitos acréscimos sem modificar o corpo final do texto, o que, caso contrário, significaria mexer com milhares de tipos na oficina de impressão. As dificuldades técnicas dos editores mencionadas por Chartier não eram as mesmas que a oficina gráfica da Editora Vecchi enfrentava. Contudo, a prática de utilizar esses primeiros cadernos para alterações, acréscimos e supressões, feitas pelo editor ou autor, estão presentes na série que pesquisamos.

As primeiras obras a serem destacadas nas páginas são as publicadas em 1967, *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O professor e a vida moderna* e *O mundo precisa de ti, professor*. São identificadas as editoras das demais obras da lista, as editadas pelas Editoras Conquista e Saraiva. A lista que aparece em *A arte de ser um perfeito mau professor* anuncia a 22ª edição pela Editora Conquista da obra *O homem que calculava*. Contudo, em *O mundo precisa de ti, professor* e *O professor e a vida moderna*, a edição anunciada é a 23ª. Ocorre que a 22ª edição foi lançada em 1965, e a 23ª em 1969, e as três obras constam como lançadas em 1967.

Nas antologias, as edições anunciadas na lista da Editora Conquista de *O homem que calculava* também não são conclusivas, pois em *Antologia do bom professor* a referida obra é apresentada como estando na 24ª edição, enquanto que em *Roteiro do bom professor* e *Páginas do bom professor* estaria na 23ª edição.

Com isso, foi possível identificarmos a sequência de impressão por parte da editora do material dos livros lançados em 1967. A primeira foi *A arte de*

¹³ Foi utilizado como referência o levantamento realizado por Siqueira Filho (2008, p.242–245).

ser um perfeito mau professor, em segundo lugar *O professor e a vida moderna* e em terceiro *O mundo precisa de ti, professor*. Siqueira Filho (2008, p.242) menciona o lançamento de *O Mundo precisa de ti, professor* em 1966, mas não foi localizada nenhuma referência que confirme tal informação, ao contrário, a divulgação nos jornais, bem como os exemplares analisados do volume, indicam precisamente o ano de 1967, sem indicação de outra edição ou reimpressão. Essa sequência de impressão das obras fica mais evidente ao observarmos a página 4 de *O mundo precisa de ti, professor*, pois somente nesta página há o anúncio de lançamento das primeiras obras de Malba Tahan pela Editora Brasil–América.

Na página 2 de *Antologia do bom professor* vê-se uma mudança. A lista de livros da série agora apresenta a identificação da editora, e *A arte de ser um perfeito mau professor* é anunciada como estando em sua 2ª edição, algo que se repetiu na mesma página de *Roteiro do bom professor* e *Páginas do bom professor*. Foram as únicas referências sobre uma possível segunda edição dessa obra, já que os exemplares examinados, bem como o levantamento de Siqueira Filho, não fazem menção. A página também trouxe a lista dos livros publicados pela Editora Conquista, onde *O homem que calculava* vem indicado como estando em sua 24ª edição¹⁴. As editoras Saraiva e Brasil–América, também tiveram seus livros de Malba Tahan anunciados, sendo que a Brasil–América não mais como obras em preparação, mas como obras já publicadas.

As páginas 4 das obras didáticas também apresentaram uma lista de livros, mas desta vez o autor anunciado é o Prof. Mello e Souza. Essa diferenciação entre um e outro desaparece nas mesmas páginas das antologias, onde todas as obras são apresentadas como de Malba Tahan. Sai um autor, Prof. Júlio Cesar, e reafirma-se outro, Malba Tahan. Dessa forma, por meio do processo de exclusão e seleção, é feita a opção por identidade e de um discurso atribuído a um indivíduo que visa caracterizar o autor, “que marcada pelo nome próprio é, de início, uma função de classificação dos discursos que permite as exclusões e inclusões em um *corpus*, atribuível a uma identidade única” (CHARTIER, 2012, p.28–29). Todas essas modificações e atualizações do material preliminar de uma obra para outra, indicam uma ação autoral, onde é a mão do autor que propõe as modificações e inserções de novos dados.

¹⁴ Outro conflito de números, pois Siqueira Filho (2008, p.245) indica que a 24ª edição de *O homem que calculava* foi em 1971.

Essa ação ostensiva do autor na seleção do conteúdo preliminar fica mais evidente se olharmos as páginas 6 de *Páginas do bom professor* e *Roteiro do bom professor*, onde há em cada uma delas uma lista com 21 obras em preparo, ou seja, em processo de escrita ou planejamento, sem indicação de editora ou previsão de lançamento. Destas, somente *Iazul*, pela Editora Ediouro, foi publicada em 1970. Pela Editora Bloch, foram publicadas quatro obras que sugerem pertencer à lista devido a uma semelhança de títulos. Em 1972, *As maravilhas da matemática*, em 1974, *A matemática na lenda e na história* e *Belezas e maravilhas do céu*, e em 1975, *Belezas e maravilhas da matemática*. Apesar da semelhança, não há como identificar se são obras publicadas com alteração nos títulos. As obras anunciadas e não publicadas foram as seguintes:

- *A geometria na quarta dimensão.*
- *Antologia escolar moderna.*
- *A matemática na vida, na lenda e na poesia.*
- *Astronomia divertida e pitoresca.*
- *Belezas e curiosidades da matemática.*
- *Belezas e curiosidades da poesia brasileira.*
- *Contos e lendas da matemática.*
- *Dicionário da matemática (6 volumes).*
- *Dicionário do céu.*
- *Matemática moderna.*
- *Noves fora, professor!*
- *O cliente da meia noite.*
- *O homem sem sombra (Chamisso).*
- *O número na lenda e na história.*
- *O pecado da esposa perfeita.*
- *O purgatório (Divina comédia, tradução em prosa).*
- *Os cem castelos de Azê.*
- *Os homens do mundo perdido.*
- *Parábolas de todo o mundo.*
- *Uma aventura de amor em T.T.N.*

As dedicatórias aparecem na página 5 em todos os livros da série, com marcante diferença com relação aos personagens homenageados. Para Martins (2010, p.174), a dedicatória é o peritexto autoral onde há mais dificuldades de

relação com o texto, e que “isso se deve, sobretudo, ao fato de que a dedicatória, [...] parece indicar laços afetivos do escritor alheios à fatura da obra”, complementando mais à frente:

Dedicar uma obra a alguém é um gesto de reconhecimento e gratidão, no âmbito das relações sociais, políticas, intelectuais ou afetivas do escritor. As possibilidades de homenagem são infinitas: a mãe, um grande escritor, uma personalidade histórica, a Arte etc. A dedicatória, a exemplo do nome do autor e do título da obra, poderá ultrapassar os limites de uma mera informação e indicar algo de relevante para a leitura da obra ou do projeto literário do autor. [...]. Neste sentido, posto que atua também sobre o leitor, a dedicatória poderá integrar-se aos procedimentos de legitimação da obra, seja para garantir a inserção do escritor em um consagrado panteão, seja para sugerir uma relação de influência literária ou de comunhão de princípios estéticos, políticos ou ideológicos (MARTINS, 2010, p.174).

Nas obras didáticas, como “insignes e ilustres”, são agraciados em *A arte de ser um perfeito mau professor* os professores(as) e educadores(as): Adalberto Menezes de Oliveira, foi presidente da ABE e militar da marinha; Alfredina Paiva e Souza, foi professora do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (IE–RJ); Benjamin Albagli, foi presidente da ABE; Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, membro da Associação Brasileira de Imprensa (ABI)¹⁵ e da Associação dos Artistas Brasileiros (AAB); Eunice Pourchet, foi professora do IE–RJ; Heloísa Marinho, foi professora do IE–RJ; Joaquina Daltro, foi diretora do Instituto Ferreira Vianna e signatária do manifesto de 59; Juracy Silveira, foi diretora do departamento de educação primária do IE–RJ; Lourenço Filho, signatário do manifesto dos pioneiros da educação e foi diretor do INEP; Maria Junqueira Schmidt, foi escritora de livros didáticos e orientadora educacional no IE–RJ; Mario Paulo de Brito, foi professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, diretor da ABE e signatário do manifesto de 59; Pedro Gouvêa Filho, signatário do manifesto de 59; Raul Jobin Bittencourt, foi presidente da ABE e signatário do manifesto de 59.

Em *O professor e a vida moderna*, o Padre Laércio Dias de Moura, S. J., então Magnífico Reitor da PUC-RJ, e em *O mundo precisa de ti, professor*, Malba Tahan homenageou os professores da Faculdade Nacional de Arquitetura, Chafi Haddad, Durval Lobo, Eugenio Hime, Felipe dos Santos Reis, Ildefonso

¹⁵ Malba Tahan foi sócio da ABI.

Mascarenhas da Silva, José Octacílio de Saboya Ribeiro, Lucas Mayerhofer, Maria Adelaide Rabelo Albano Pires, Maurício Houaiss, Mauro Ribeiro Viegas, Paulo Ewerard Nunes Pires, Paulo Ferreira Santos, Raymundo Barbosa de Carvalho Netto e Ubi Bava.

As antologias trouxeram homenagens póstumas dedicadas a familiares, sendo a primeira para os pais de Malba Tahan, João de Deus de Mello e Souza e Carolina Carlos de Mello e Souza, em *Antologia do bom professor*. No livro *Roteiro do bom professor* é homenageado um de seus irmãos, Nelson Carlos de Mello e Souza, e em *Páginas do bom professor*, a homenagem foi para Luiz de Mello Campos, seu primo e ex-diretor do Colégio Mello e Souza, no Rio de Janeiro.

Chartier (2014, p.240) demonstra que algumas práticas junto aos materiais preliminares levam ao estabelecimento de relações entre o autor, e seus “protetores” e pretendidos leitores, uma das práticas que possibilitaria esse tipo de relação advém das dedicatórias e prólogos. As relações ideológicas e familiares pronunciadas por Malba Tahan através dos nomes que aparecem nas dedicatórias demonstram sua relação e forma de ver, pensar e compreender a educação, a escola, o professor e o aluno.

Os prefácios aparecem de maneira mais elaborada e estruturada em quatro das seis obras da série. Nas obras lançadas em 1967, eles são assinados no ano de 1966, um ano antes da publicação, diferentemente das antologias, onde os prefácios datam do mesmo ano de publicação, 1969. Em *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O professor e a vida moderna* e *Antologia do bom professor*, os prefácios são oferecidos aos leitores, mas em *O mundo precisa de ti, professor* ele é oferecido especificamente aos professores. Neles, as obras são apresentadas, indicando estrutura e temas, mas é o prefácio de *Antologia do bom professor* que dá uma pista importante com relação à série editada pela Vecchi. Na página 10, Malba Tahan indica que o livro faz parte de um conjunto, e que o livro é o complemento de outros três livros, e cita os livros anteriores, passando a ideia de que o presente livro seria o fechamento de uma série.

Contudo, como é fato, outras duas antologias foram lançadas no mesmo ano, o *Roteiro do bom professor* e *Páginas do bom professor*. Estas apresentam “à guisa de prefácio” dois excertos em cada obra, e que não são assinados por Malba Tahan, indicando ser uma escolha do editor, ou seja, um

peritexto editorial, pois bastou ao editor selecionar dois trechos entre os muitos que as antologias apresentam e alocá-los como prefácio.

Logo, apesar de Malba Tahan indicar que a série de livros com a Vecchi terminaria com *Antologia do bom professor*, a editora lançou mais duas antologias, que praticamente foram as três obras dentre as seis que compõem a série que mais anúncios tiveram nos jornais, como vimos anteriormente. Há indicação de que, em 1969, o livro *A arte de ser um perfeito mau professor* teve sua segunda edição ou reimpressão, o que teria sido um sinal positivo para a editora ampliar a série de obras com o nome do autor, pois era um bom negócio para os editores e livreiros editar e publicar antologias.

Essa categoria de livros, coletâneas e antologias, segundo Hallewell (2005), servia como um alento financeiro para as editoras, mas que, no entanto, gerava um problema de ordem legal, pois a partir dos anos 50, as editoras começaram a ampliar esse tipo de publicação, obras compostas por recortes, trechos e excertos de outras obras, até de outras editoras, geralmente sem a anuência prévia dos autores, graças a uma brecha no artigo 666 do Código Civil à época, causando enormes prejuízos nas questões de direitos autorais. O problema só viria a ser resolvido em 1973, após diversas ações judiciais contra editoras, através da atualização da legislação brasileira, Lei nº 5.988/1973.

1.6 Páginas finais, capítulos e conteúdo

As páginas finais da série foram reservadas para receberem o índice, lista de abreviaturas, a lista de autores citados e de assuntos e temas abordados. As obras didáticas possuem uma estrutura diversa das antologias. *A arte de ser um perfeito mau professor* possui 35 capítulos, com a citação de 194 autores, e *O professor e a vida moderna* foi dividido em três partes, com a primeira contendo 14 tópicos, a segunda parte com 12 tópicos e a terceira com 39, com 206 autores citados. *O mundo precisa de ti, professor* possui 36 capítulos e uma parte complementar com dois tópicos e a citação de 312 autores.

Em *A arte de ser um perfeito mau professor*, todos os capítulos tratam do professor, da função docente, das relações dos professores com os alunos, a escola e sociedade. Em *O professor e a vida moderna*, a primeira parte se assemelha com os conteúdo do *A arte de ser um perfeito mau professor*,

passando uma ideia de continuidade. Porém, nas partes seguintes, a segunda e o complemento, é abordada a questão do caderno dirigido e o método de jograis respectivamente, tendo o professor como objeto de atenção nas três partes da obra. Por fim, em *O mundo precisa de ti, professor*, o foco principal dos temas abordados nos capítulos e complemento é uma relação que Malba Tahan faz entre o professor e a ética.

Com maior diversidade de assuntos, as antologias apresentam uma certa complexidade na apresentação dos temas. A *Antologia do bom professor* é a que traz a lista mais elaborada, de leitura agradável e de melhor visualização, com 187 assuntos. Já nas outras duas, *Roteiro do bom professor* e *Páginas do bom professor*, as listas são compactadas, com fontes pequenas e linhas densamente agrupadas, um evidente esforço do editor para economizar papel, e apresentam 376 e 364 assuntos respectivamente. Invariavelmente, os assuntos se repetem entre as obras, mas há a incidência mais acentuada de alguns.

No intuito de facilitar a visualização dos assuntos abordados nas antologias, fiz uma seleção, e em seguida a quantificação, dos verbetes que indicam os assuntos abordados e que mais aparecem nas listas e índices, alocando-os em oito grupos, sendo eles: infância, criança e adolescente; escola; educador, professor e mestre; livro e leitura; educação; aprendizagem, ensino e didática; interesse, atenção e motivação; pedagogia. A seguir, no quadro 3, podemos observar a situação de cada grupo de temas individualmente, separados por obras, com a quantidade de vezes que os verbetes aparecem em conjunto.

Quadro 3: Relação dos temas mais abordados nas antologias de 1969.

		LIVROS		
		ANTOLOGIA DO BOM PROFESSOR	ROTEIRO DO BOM PROFESSOR	PÁGINAS DO BOM PROFESSOR
T E M A S	ADOLESCENTE, CRIANÇA e INFÂNCIA	12	37	48
	ESCOLA	2	18	13
	PROFESSOR, EDUCADOR e MESTRE	14	33	15
	LIVRO e LEITURA	4	18	35
	EDUCAÇÃO	31	36	32
	APRENDIZAGEM, ENSINO e DIDÁTICA	9	11	19
	INTERESSE, ATENÇÃO E MOTIVAÇÃO	3	31	16
	PEDAGOGIA	7	3	3

A diversidade dos assuntos nos livros em compõem esta série é ampla, e tal repertório mereceu a atenção de Lorenzato (1995, p.98–100), que aponta também para a atualidade dos temas abordados pelo autor ao longo de sua trajetória profissional. Lorenzato ainda destaca a originalidade e perspicácia de Malba Tahan na escolha dos títulos de seus livros e capítulos, como podemos ver em *O professor e a vida moderna*, títulos como “O decote motivador da professora louca” e “Como torturar as crianças”.

1.7 Epitextos

Encontramos em Genette (2009, p.303) o conceito de epitexto, para o autor ele “é todo elemento paratextual que não se encontra anexado materialmente ao texto no mesmo volume, mas que circula de algum modo ao ar livre, num espaço físico e social virtualmente limitado”, ou seja, é qualquer lugar fora do livro. Eles podem ser públicos, como notícias, comentários e críticas em jornais, revistas, rádio ou filmes, ou em espaços privados, como correspondências, agendas, diários íntimos e outros.

Podemos ver um exemplo de epitexto público que apareceu no jornal *Correio da Manhã*, edição de 13 de março de 1968, primeiro caderno, página 3, envolvendo o livro *O mundo precisa de ti, professor* e o Prof. Gentil João Luiz Feijó¹⁶. Na oportunidade, o professor Luiz Feijó remeteu ao jornal uma carta de resposta para se defender de acusações feitas por ex alunos e publicadas em reportagem pelo mesmo jornal no dia 9 de março de 1968, primeiro caderno, página 5.

Nessa carta de defesa, o professor Luiz Feijó declara que sua reputação é inabalável e que o jornal tratou como sendo de sua autoria citações de que fizera uso em sua palestra e aula inaugural do curso de Medicina da UFRJ e retiradas do “magnífico livro *O mundo precisa de ti, professor*, do escritor e mestre Melo e Souza”. Por meio da carta resposta do professor Luiz Feijó, fica

¹⁶ Gentil João Luiz Feijó, 1909–1994, “professor titular de três Universidades: Universidade Federal do Rio de Janeiro na Cadeira de Clínica Médica, Universidade Federal Fluminense na Cadeira Semiologia e Propedêutica e Universidade Estadual do Rio de Janeiro na Cadeira de Clínica Médica. Foi Chefe de Departamento, Vice-diretor e Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro por concurso público de provas e títulos”. < http://www.amrj.org.br/pdf/bio_cad59_p.pdf> Acesso em: 08/01/2019.

evidenciado que o mesmo havia citado o livro de Malba Tahan em sua palestra, e que o jornal não havia feito as devidas explicações no momento de escrever o texto e publicá-lo posteriormente.

Quanto aos epitextos privados, o CME-FE/UNICAMP tem sob sua guarda o acervo documental acumulado e organizado por Malba Tahan durante toda sua vida. Segundo Paulilo (2018), o autor:

arquivou em cadernos, pastas e álbuns a sua intensa atuação como professor e escritor, construindo um acervo de anotações, textos manuscritos e impressos, souvenirs de viagem e material de estudo por meio do qual dispôs de um repositório seguro de dados da própria existência. (p.174)

Foi no referido acervo que localizamos 10 correspondências que tratam dos livros da série publicada pela Vecchi, que podem nos dar uma ideia de como funcionava a rede de contatos de Malba Tahan para distribuição e divulgação das suas obras.

A primeira delas é a carta (MT/01.031.0071-12) assinada pelo Diretor do Instituto Estadual de Educação Conselheiro Rodrigues Alves, da cidade de Guaratingueta/SP, Rosalvo Madeira Cardoso, em 06/06/1967. Nela, Rosalvo agradece o envio da obra *A arte de ser um perfeito mau professor*, ressaltando que ela é “o retrato sem retoque de uma chusma de impostores que por aí pululam, usando com demérito o nome apostolar”.

José de Moura, secretário de redação do jornal *A Gazeta*, enviou carta timbrada (MT/01.031.0075-12) em 17/06/1967, agradecendo e confirmando o recebimento dos livros *A arte de ser um perfeito mau professor* e *O professor e a vida moderna*, e externou que “os livros oferecem um selo de garantia – Malba Tahan – inteligência rutilante, analista consciente, escritor de absoluta probidade”.

Adalberto Menezes de Oliveira, em carta (MT/01.31.0011-12) de 05/08/67, relatou uma aquisição de oportunidade, pois durante uma viagem a Teresópolis, comprou o livro *A arte de ser um perfeito mau professor* na livraria da rodoviária, tendo considerado o livro fascinante. Diz que por ter lecionado em várias escolas superiores e no Instituto de Educação, vê-se em condições de avaliar como “inestimável” o trabalho de Malba Tahan, relatando que ficou emocionado ao ver seu nome na dedicatória, e que este foi “o maior galardão” que havia recebido em sua vida de professor.

Outra carta (MT/01.31.0031-12), mais íntima, datada de 17/06/1970 e assinada por Wilton Moreira Bandeira de Mello, agradece Malba Tahan “pela gentil oferta” do livro *A arte de ser um perfeito mau professor*. Na carta, Wilton relata que o livro chegou-lhe às mãos por intermédio da esposa e filha, que havia visitado o escritor, “um querido amigo”, em sua casa alguns dias antes, que o mesmo é a “experiência de uma vida” e que irá recomendá-lo a vários amigos.

Os laços de amizade e simpatia são muito evidenciados em algumas das cartas, como é o caso da carta (MT/01.034.0021-13) enviada por Elida de Freitas e Castro Druck¹⁷, de 12/10/1971. No texto, Elida fala de sua aposentadoria, dos netinhos e do sucesso profissional dos filhos. Relata que as últimas obras didáticas de Malba Tahan foram seus livros de cabeceira, e que obrigava as alunas a adquiri-los, em especial, *O mundo precisa de ti, professor*, realçando na obra as citações e metodologia. Agradece as citações que recebeu nos livros e lamenta a brevidade da vida, enaltecendo a “imortalidade de Malba Tahan”. Conclui dizendo que os novos rumos educacionais tomaram caminhos com os quais se sente impossibilitada de trabalhar.

Essa carta recebeu resposta de Malba Tahan. Trata-se de um rascunho (MT/01.034.0026-13), não da carta definitiva. Há vários documentos desse tipo no acervo. No documento, verifica-se que Malba Tahan conhece toda a família de Elida, e o autor enaltece as qualidades da professora enquanto educadora, informando que seu nome é citado com grande destaque nas obras *Antologia do bom professor* e *Páginas do bom professor*. Quanto a essas citações, merece ser destacado que na *Antologia do bom professor* há menção a duas citações, nas páginas 106 e 177, porém, a segunda foi suprimida do texto. Já em *Páginas do bom professor*, a citação é na página 150, onde excerto ocupando praticamente uma página aborda a importância da biblioteca infantil.

Malba Tahan não apenas recebia elogios, mas também críticas e reclamações. Em carta (MT/01.031.0087-12) de 31/07/1967, assinada por Homero Cascarelli, professor e então Assistente de Chefia da Divisão de Ensino do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Departamento Regional de

¹⁷ Elida de Freitas e Castro Druck “foi professora, escritora e poetisa nascida em Montenegro/RS. Mãe de três filhos: Péricles, Eurito e Iole. Deixou seu nome na literatura rio-grandense escrevendo histórias para crianças, nas quais ostenta sua admirável sensibilidade humana, dando vida, movimento e musicalidade às palavras para melhor ensinar”. Hoje empresta seu nome a uma biblioteca na cidade de Porto Alegre. Disponível em <<https://estado.rs.gov.br/monica-leal-participa-de-inauguracao-de-biblioteca>> Acesso em 12/12/2018.

Minas Gerais, há um questionamento quanto ao conteúdo dos três últimos parágrafos do capítulo XII, na página 58 de *O mundo precisa de ti, professor*. Homero descreve um possível mal entendido por parte de Malba Tahan, quando esteve, a convite do SENAI, em Belo Horizonte, em uma reunião com Orientadores de Ensino de Matemática da citada instituição.

Acontece que entre as muitas conversas, segundo Homero, Malba Tahan teria ouvido do próprio Homero que em um concurso para professores do SENAI na cidade de Itaúna houve a participação de candidatos da Faculdade de Filosofia e outras instituições daquela cidade, mas que para espanto de todos, houve um índice total de reprovações. Continuando, Homero relata que Malba Tahan não havia entendido a história, pois apesar da prova na ocasião ter sido feita com questões comuns da área técnica industrial, os candidatos não estavam familiarizados com aquele universo, e que seria conveniente que o grupo responsável pela elaboração das provas cuidasse para que as questões fossem mais próximas da realidade onde os pretensos professores atuariam, e que não era questão de discutir a capacidade e competência da Faculdade de Filosofia, bem como dos candidatos que participaram do concurso.

No entanto, Malba Tahan, após citar em seu livro o SENAI e nome do professor Homero como confidente da história, relata que o concurso fora feito com todas as questões de nível primário e, mesmo assim, todos os catedráticos foram reprovados. Encerra o capítulo dizendo que em Itaúna, “mesmo com a tal Fac. de Fil., não havia professor com preparo suficiente para lecionar num curso primário”.

A resposta de Homero foi respeitosa, porém firme e contundente, desaprovando o uso de seu nome e do SENAI, revelando verdadeiro espanto pela ocasião da publicação, sem autorização ou consulta prévia, recomendando que Malba Tahan fizesse uma nota corretiva, ou mesmo retirasse a história nas próximas edições do livro.

Em esboço (MT/01.031.0087-12) de uma carta, sem data, podemos ler a resposta de Malba Tahan ao professor Homero. Nela, Malba Tahan se defende dizendo que a história narrada em seu livro é absolutamente verdadeira, mas que o professor havia exagerado quando disse que todos os candidatos haviam sido reprovados, pois posteriormente à publicação do livro, havia recebido um relatório do concurso, e que as reprovações não atingiam o colegiado da Faculdade de

Filosofia daquela cidade. Encerrando, explicita que o professor não teve a menor interferência na publicação da história, e que esta seria retirada nas futuras edições.

Outras edições não vieram e essa pequena contenda ficou registrada nas cartas e livro. De modo geral, essas cartas nos mostram um traço da maneira de como Malba Tahan trabalhou com sua rede de contatos, assunto explorado pela dissertação de Moraes (2017), mas também contam um pouco da história dos livros que são objetos de análise deste trabalho e de seus personagens.

Uma derivação dos epitextos privados são os prototextos, que segundo Genette (2009, p.347–349), são documentos reunidos que apontam como um autor teria escrito determinada obra ou texto, conservados e legados pelo autor à posteridade. No próximo capítulo, trataremos dos documentos, e prototextos, reunidos por Malba Tahan e hoje guardados e preservados pelo CME-FE/UNICAMP, que nos mostrarão como o autor elaborou esses livros.

Capítulo 2 - A construção dos livros

No capítulo anterior, busquei mostrar como os livros de Malba Tahan publicados pela Vecchi se apresentam fisicamente e o trabalho de divulgação de tais obras realizado tanto pelo autor quanto pela editora. A seguir, irei abordar como o autor construiu os textos que compuseram esses livros. Será “uma visita, mais ou menos organizada, à ‘fábrica’, numa descoberta dos meios e caminhos pelos quais o texto se tornou o que é” (GENETTE, 2009, p.353). Malba Tahan foi metódico na organização do seu arquivo documental. Quanto a isso, observa Paulilo (2018, p.179) que o autor:

Separou em pastas nomeadas os originais dos seus textos e em cadernos suas publicações da imprensa e anotações para palestras e aulas. Também faz parte do seu acervo os cadernos em que reuniu fotos, reportagens e souvenirs de viagem. Trata-se de um conjunto central do acervo em torno do qual se articulam tanto a documentação pessoal quanto os materiais de estudo, a crítica e a correspondência. A organização desse material no CME-FE/UNICAMP observou os modos como o próprio Júlio César classificou seu arquivo.

O zelo que Malba Tahan teve no arquivamento desses documentos, da infância até sua morte, possibilita que hoje possamos compreender sua maneira de trabalhar na elaboração de palestras, seminários, cursos e livros. “A consequência mais importante da existência de arquivos literários [...] é a relação estabelecida entre a obra do autor e a vida do escritor” (CHARTIER, 2014, p.149). Para Paulilo (2018), o acervo de Malba Tahan é a obra de uma vida, onde podemos identificar as faces do escritor e do professor, uma vez que:

O gesto de arquivar vestígios da juventude, registros da carreira de professor e escritor e souvenirs de viagens permite ter da docência uma ideia vinculada às ações que nela se materializa a título de prova ou evidência. De fato, as aulas, as conferências, os originais manuscritos, as colunas na imprensa que, então, reuniu oferece uma amostra representativa não apenas dos protocolos do ofício, mas das estratégias de execução (PAULILO, 2018, p.181).

É essa estratégia, utilizada na composição dos livros *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O mundo precisa de ti, professor* e *O professor e a vida moderna* que buscarei apresentar no decorrer deste capítulo. Porém, como as antologias possuem forma de construção totalmente distinta das de outros livros da série, elas serão detalhadas e apresentadas no próximo capítulo, que tratará

do repertório teórico utilizado por Malba Tahan nas seis obras que compõem a série publicada pela Vecchi.

O capítulo será dividido em dois blocos: o primeiro deles irá abordar a coluna “A Escola e a Vida”, assinada por Malba Tahan e publicada no jornal *Folha de São Paulo*, entre 1963 e 1966. Foi por meio dessa coluna que os temas da série publicada posteriormente pela Vecchi apareceram. O segundo bloco mostrará como a coluna “A Escola e a Vida” foi editada em livros, ou seja, como artigos de jornais e outros documentos foram utilizados na construção dos livros *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O mundo precisa de ti, professor* e *O professor e a vida moderna*.

2.1 A coluna “A Escola e a Vida”

Foi graças ao sucesso de seus contos que Malba Tahan conseguiu sua inserção no mercado editorial (SIQUEIRA FILHO, 2008, p.51–52). A fama nos jornais era um indício de bons negócios tanto para o autor quanto para as editoras e livreiros. Seus primeiros livros trouxeram esses contos, ou seja, o material que saiu inicialmente nos jornais e que foi publicado em livro posteriormente. Essa forma de trabalhar o acompanharia durante toda sua carreira, o que podemos constatar na construção dos livros editados pela Vecchi na década de 60.

O envolvimento de Malba Tahan com os jornais que integram atualmente o denominado *Grupo Folha* teve início em 1926 com a publicação de contos com temática árabe no jornal *Folha da Noite*, onde, conforme levantamento realizado por Siqueira Filho (2008), foram publicados 78 contos. Quase quarenta anos depois, Malba Tahan voltou a escrever para o mesmo grupo, não mais como o árabe narrador de histórias orientais, mas como professor experiente e renomado.

No dia 11 de abril de 1963, o jornal *Folha de São Paulo* fez o anúncio da participação de Malba Tahan em suas páginas, por meio de uma coluna semanal intitulada “A Escola e a Vida”. A apresentação feita pelo jornal deu destaque à biografia profissional do autor, justificando a importância da nova coluna (MT/02.027.0001-06):

As colaborações de Malba Tahan na *Folha Ilustrada*, sob o título geral de “A Escola e a Vida”, serão de considerável interesse para professores, educadores, orientadores educacionais, alunos da Faculdade de Filosofia, das Escolas Normais e de outros estabelecimentos de ensino secundário e superior. Em seus artigos dominicais, debaterá o Professor Malba Tahan todos os temas relacionados com os mais modernos e palpitantes problemas da Didática.

A apresentação de Malba Tahan aos leitores feita pela *Folha de São Paulo* envia uma mensagem a um tipo específico de público que supostamente deveria ter interesse na obra de Malba Tahan ou com os assuntos que a nova coluna anunciara, pois “qualquer leitor pertence a uma comunidade de interpretação e se define em relação às capacidades de leitura” (CHARTIER, 2001, p.31).

Seus primeiros artigos deram o tom do estilo e conteúdos que norteariam as demais publicações. No primeiro artigo, do dia 14 de abril de 1963, que teve como título “Procedimentos Didáticos”, o autor enumera uma série de métodos que poderiam ser adotados e praticados por professores em sala de aula, com sucintas explicações sobre seus pontos positivos e negativos, encerrando-o com a promessa de que cada ponto seria apresentado e estudado individualmente em artigos futuros. No artigo seguinte, do dia 21 de abril, sob o título “O Método da Salivação”, o autor exterioriza que a aula apenas ditada e falada, é ultrapassada, obsoleta, e destaca o sucesso obtido em cursos realizados pela Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES) sobre o uso do caderno dirigido e a aplicação do método dos jograis. O método dos jograis foi o tema do terceiro artigo, sob o título de “O método de jograis”, no dia 28 do mesmo mês. Desta forma, os artigos foram se sucedendo, abordando assuntos relacionados ao ensino, jogos, contação de história, escola, professor, aluno, aprendizagem, didática e comportamento.

Destaco os artigos que tiveram como tema a palindromia, assunto que Malba Tahan apresentava como uma atividade que poderia ser usada como recurso lúdico pelo professor durante as aulas. Com os títulos “A palindromia e seus segredos” (MT/02.027.0023-06; MT/02.027.0024-06), “Ainda as palavras palíndromas” (MT/02.027.0027-06) e “A palindromia e suas singularidades” (MT/02.027.0030-06), o autor iniciou uma relação de proximidade com seu público leitor, solicitando a colaboração dos leitores no envio de outros exemplos de

palavras palíndromas além das já propostas na coluna, com a promessa de enviar um livro autografado de Malba Tahan aos que colaborassem.

Como resultado, Malba Tahan recebeu 81 cartas de leitores desejosos em colaborar com o autor¹⁸ (MT/07.220-96 e MT/07.221-96). As cartas são de um público heterogêneo, mas fiel, pois muitos relatam já serem leitores de suas obras ou de terem participado de seus cursos e palestras, como no caso da carta de Jarbas do Amaral Vilela, de 16 de outubro de 1963 (MT/07.220.0035-96):

Tenho a sua coleção de livros. Meus pais sempre foram admiradores do senhor e minha mãe, Maria..., gabava-se sempre de já ter jogado xadrez com o senhor. Aliás, quando eu morava em Assis, tive oportunidade de dizer-lhe isto, quando o senhor lá esteve, fazendo aquelas conferências. Penso que o senhor se lembra.

Algumas cartas receberam respostas, e a de Jarbas foi uma delas. Em um esboço, Malba Tahan lamenta que a carta de Jarbas tenha chegado após o artigo resposta para a *Folha de São Paulo*, mas assegura ao leitor que as sugestões por ele enviadas seriam citadas “com alto relevo e destaque em um novo estudo mais ou menos completo sobre palindromia” que iria compor para um novo livro da Editora Saraiva (MT/07.220.0036-96).

O original desse estudo, com o título “A palindromia e seus segredos”, é um exemplo da maneira de Malba Tahan trabalhar na construção de materiais para composição de seus livros, pois tudo indica que tal material foi preparado para ser datilografado para posterior envio à editora para publicação ou elaboração de apostilas, geralmente distribuídas em seus cursos e palestras. Esse documento é composto por 32 folhas, papel ofício, e suas páginas apresentam parágrafos manuscritos, mimeografados e colagens de recortes de outros materiais. Ao longo de suas páginas, as indicações dos leitores que colaboraram no envio de novas palavras palíndromas aparecem com frequência, e nas últimas páginas, uma lista com os nomes de todos os colaboradores (MT/07.220.0001-96).

Esse modo de trabalhar na construção de textos para compor um livro é explicado pelo próprio Malba Tahan no ano de 1941, durante entrevista concedida a Silveira Peixoto e Monteiro Lobato. Em determinado trecho da entrevista, Malba Tahan fala a seus interlocutores a respeito da criação do seu mais recente livro, o

¹⁸ As cartas foram reunidas em um único conjunto sobre o estudo de palindromia.

A sombra do arco-íris. O autor diz que na obra “se encontram versos de mais de oitocentos poetas brasileiros e citação de uns três mil e quatrocentos”, que foram retirados de livros de poesias adquiridos aleatoriamente em sebos com o propósito de acumular repertório e conteúdo para inclusão de trechos e citações na obra. Malba Tahan narra na sequência como montou os textos para compor o livro:

Assinalava todos os versos que me pareciam aproveitáveis para o trabalho planejado. Deixava os volumes empilhados sobre a mesa. Quando eu saía, minha mulher e meu filho copiavam os versos assinalados, mencionando a obra e o autor de que os haviam extraído. [...] - Afinal, quando tive os versos todos classificados, fui escrevendo os capítulos (TAHAN, 1941 apud PEIXOTO, 1971–1976).

Monteiro Lobato mostrou-se fascinado com a maneira utilizada por Malba Tahan na montagem dos textos, tratando-o como “gênio da engenhosidade”. Questiona sobre como Tahan escrevia, se “a pena, a máquina ou a lápis”. O matemático confessa que não sabe datilografia e que escreve tudo a caneta. Realmente, o já citado estudo original “A palíndromia e seus segredos” apresenta as características físicas quanto às colagens, anotações e marcações indicando que as revelações de Malba Tahan durante a entrevista são verdadeiras.

Em outro artigo, do dia 3 de janeiro de 1965, que teve como título “Os números convencionais”, Malba Tahan externou uma insatisfação, fazendo uma crítica direta a dois matemáticos, os professores Benedito Castrucci e Geraldo dos Santos Lima Filho. Os professores Castrucci e Lima Filho haviam lançado o livro *Matemática para a 1ª série ginásial*, em 1961, e incluíram neste livro um texto semelhante à história da divisão dos 35 camelos constante no livro *O homem que calculava*, de Malba Tahan.

Malba Tahan aproveitou o contexto do assunto tratado em seu artigo, citou outra passagem do livro de Castrucci e Lima Filho, e em seguida emendou a seguinte observação:

Esses autores incluíram na página 141, desse mesmo livro, a leitura intitulada: Uma história de camelos. Lamentamos dizer que essa leitura foi literalmente decalcada de um livro bastante conhecido, que já foi lido por milhares de brasileiros. Essa velha mania de não citar as fontes das “ideias originais” parece não ser das mais elegantes, principalmente quando os autores do plágio são educadores, isto é, devem dar o exemplo de perfeita honestidade literária (MT/02.038.0001-7).

Essa insatisfação de Malba Tahan com relação ao pretense plágio do professor Castrucci se repetiria em 1968. Em carta endereçada ao professor Benedito Castrucci, Malba Tahan reclama a ausência de outra citação, novamente sobre o caso da divisão dos 35 camelos, desta vez no livro *Matemática curso moderno – vol. 1*. Na carta, Malba Tahan acusa o professor Castrucci de plágio, de faltar com ética, de ser invejoso e agir com ingratidão, dizendo que “qualquer débil mental” poderia usar o mesmo problema com outro número (MT/01.031.0054-12).

Em carta resposta, de 11 de setembro de 1968, o professor Castrucci lamenta que Malba Tahan não o tenha procurado para um entendimento de forma mais direta, e optado pela execração pública. Explica e fundamenta o motivo pelo qual não havia citado *O homem que calculava* e seu autor, mas que nas próximas edições de seus livros faria a devida citação, e termina reforçando que “prefere ignorar as ofensas pessoais” (MT/01.031.0058-12).

Malba Tahan já havia protagonizado conflito semelhante, e tecido críticas públicas a outro escritor e matemático, como podemos conferir no trabalho de Valente (2003), que analisou o debate ocorrido em 1933 no jornal *A Nação* entre Júlio Cesar de Mello e Souza e Jácomo Stávale. Nesse caso, verificou-se que além da simples querela acadêmica, havia também uma disputa por um espaço no mercado editorial de livros didáticos da época. Esses acontecimentos nos mostram uma maneira de ser e agir de Malba Tahan, quando o que está em jogo é a defesa de seus interesses.

A matemática foi tema presente na coluna, com maior intensidade em 1963 e 1966. Reconhecido como um popularizador da matemática no Brasil, característica que é abordada em diversos trabalhos (LOPES, 2018; SOUZA e MOREIRA, 2018; SANTOS, 2017; FARIA, 2004 e LORENZATO, 2013, 2004 e 1995), Malba Tahan discorreu a respeito do ensino, da ludicidade, da didática e educação matemática em seus artigos para a coluna “A Escola e a Vida”, evidenciando sua preocupação com o universo da educação matemática no Brasil. Nesse entendimento, resumiu Lorenzato (2004, p.3):

Apesar de Malba Tahan ter escrito muitos romances, uma de suas maiores preocupações sempre foi contribuir para a melhoria do ensino da Matemática. Esta intenção, comprovada ao longo de sua atuação, está explicitada no prefácio da “Antologia da Matemática” (1961–2º vol.), que

ele caracteriza como uma obra acentuadamente didática, útil a professores e alunos de Matemática, que poderá ser lida até por aqueles que vivem afastados do mundo matemático, porque nela encontrarão sempre, de modo simples e claro, histórias, fantasias, biografias, curiosidades, paradoxos, erros famosos, problemas célebres, enfim, “assuntos aplicáveis ao ensino vivo e eficiente da Matemática”.

Lopes (2018, p.228), destaca o pioneirismo e originalidade de Malba Tahan a respeito da popularização da matemática:

Malba Tahan escreveu cerca de uma centena de livros, mais da metade deles de popularização da matemática, o que o coloca como pioneiro na divulgação da matemática no Brasil e no continente latino americano. Na comparação com os maiores popularizadores da matemática de todos os tempos, Malba Tahan se destaca pelo estilo literário próprio.

O primeiro artigo a falar sobre algo relacionado à matemática foi publicado em 5 de maio de 1963, com o tema “A suposta aridez da matemática” e após esse, mais 23 artigos se seguiram, sendo que os 10 artigos publicados em 1966 não foram arquivados por Malba Tahan e não se encontram no acervo, como pode ser observado no quadro 4 (MT/02.027.0005-06).

Quadro 4: Artigos que tratam da matemática entre 1963 e 1966 na coluna "A Escola e a Vida".

Título do Artigo	Data	Código do Acervo
A suposta aridez da matemática	05/05/1963	MT/02.027.0005-6
O algebrista	12/05/1963	MT/02.027.0006-6
O algebrismo no Brasil	19/05/1963	MT/02.027.0007-6
A matemática e o algebrismo	26/05/1963	MT/02.027.0008-6
O ensino da matemática	28/07/1963	MT/02.027.0017-6
A matemática de Rubem Braga	18/08/1963	MT/02.027.0020-6
O medo da matemática	25/08/1963	MT/02.027.0021-6
A matemática e sua utilidade na educação moral	22/09/1963	MT/02.027.0025-6
A aritmética do apagador	29/09/1963	MT/02.027.0026-6
A matemática para o engenheiro	10/11/1963	MT/02.027.0031-6
Notas sobre o ensino e objetivos da matemática	8/03/1964	MT/02.027.0045-6
Matemática e desenho	10/01/1965	MT/02.038.0002-7
As divergências no ensino da matemática e do desenho	17/01/1965	MT/02.038.0003-7
A vara – medida famosa	02/01/1966	-
A aritmética dos araucanos	09/01/1966	-
O luxo da aritmética	16/01/1966	-
Um professor de matemática no Escorial	23/01/1966	-
1966 e o bissexto	30/01/1966	-
Pérolas da matemática	27/02/1966	-
Os mártires da matemática	06/03/1966	-
A matemática nas adivinhas populares I	13/03/1966	-
A matemática nas adivinhas populares II	20/03/1966	-
A matemática nas adivinhas populares III	27/03/1966	-
A matemática nas adivinhas populares IV	03/04/1966	-

Os artigos “A suposta aridez da matemática” e o “Medo da matemática” não possuem títulos nem conteúdos totalmente inéditos, pois foram publicados por Malba Tahan na *Revista Escola Secundária*, respectivamente nas edições de junho de 1959 e setembro de 1960. De acordo com levantamento realizado por

Baraldi e Gaertner (2014), com 19 edições e tiragem trimestral, a revista era uma publicação da CADES em conjunto com a Diretoria de Ensino Secundário e o Ministério da Educação e Cultura (MEC). “À época, o diretor do Ensino Secundário era o professor Gildásio Amado, o coordenador da CADES era o professor José Carlos de Mello e Souza¹⁹” (BARALDI; GAERTNER, 2014, p.977). Malba Tahan resgata os títulos e os artigos da revista e republica-os com algumas modificações na coluna da *Folha de São Paulo*.

Cabe aqui pontuar a influência que a CADES exerceu sobre Malba Tahan na escolha e desenvolvimento dos temas abordados na série publicada pela Vecchi. Criada em 1953 durante o governo de Getúlio Vargas, a CADES durou até 1971, e, segundo Baraldi e Gaertner (2014), tinha o objetivo de suprir uma demanda na formação de professores que atuavam em diversas disciplinas no ensino secundário, que à época se expandia. Por meio de cursos itinerantes, livros e periódicos, especificamente sobre matemática, “duas importantes orientações didáticas foram difundidas aos professores: a adoção da técnica do estudo dirigido e a utilização de recursos didáticos diferenciados para promover a aprendizagem matemática” (BARALDI; GAERTNER, 2014, p.980). Já Nunes (2000a, p.49), acrescenta que:

Para realizar seus objetivos a CADES firmou convênios com entidades públicas e privadas, patrocinando jornadas pedagógicas e cursos de aperfeiçoamento para professores principalmente no interior dos estados brasileiros promovidos pelas Inspetorias Seccionais. Nesse trabalho destacou-se a Inspetoria Seccional de Fortaleza, dirigida por Lauro de Oliveira Lima.

O estudo dirigido e a utilização de recursos didáticos inovadores, receberam de Malba Tahan reiterado destaque e importância ao longo dos capítulos de *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O mundo precisa de ti, professor*, mas principalmente em *O professor e a vida moderna*, pois o autor foi professor da CADES em muitos cursos pelo Brasil, tendo também publicado através da Campanha artigos e livros sobre a matemática e seu ensino. No acervo, foram localizadas oito cartas designando Malba Tahan para lecionar

¹⁹ José Carlos de Mello e Souza (1905 e 1990) foi um professor e matemático brasileiro, irmão caçula de Malba Tahan. Além de ter atuado na coordenação da CADES, lecionou na Universidade Santa Úrsula do Rio de Janeiro. Criou em 1970 o Grupo de Estudos em Educação Matemática do Estado da Guanabara (GEMEG) e, em 1976, o Grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática (GEPEM) do Rio de Janeiro.

Didática da Matemática e Didática Geral, dentre outras tarefas, entre os anos de 1958 e 1961²⁰.

Os quatro últimos artigos na coluna “A Escola e a Vida” tiveram o tema “A matemática nas adivinhas populares”, que teve seu fim em 3 de abril de 1966. Os artigos relacionados à matemática publicados em 1963 trouxeram principalmente temas e citações que estão de certa maneira presentes na obra *Didática da matemática, vol. 1 e 2*, autoria do próprio Malba Tahan, que teve sua primeira edição publicada pela Editora Saraiva em 1961.

Ao mencionar que o primeiro livro de Malba Tahan que o atraía fora o *Didática da Matemática*, Lopes (2012, p.3) relata que:

Muitas das ideias deste livro não eram exclusivas de Malba Tahan, mas sim de um grupo que escrevia apostilas de didática da matemática para o MEC no final dos anos 1950, os materiais didáticos do MEC sobre Matemática eram assinados pela professora Ceres Marques de Moraes, por Júlio César de Mello e Souza (o Malba Tahan) e por Manoel Jairo Bezerra.

Lopes (2012) complementa, e sugere que os dois volumes do livro *Didática da Matemática* “parecem ter sido escritos como uma sistematização de um conjunto de ideias e escritos dispersos em vários artigos e obras”. A percepção de Lopes corrobora com Paulilo (2018), quando este aborda o uso que Malba Tahan fazia de seu arquivo pessoal:

Uma série de procedimentos testemunham um manuseio reiterado da produção. A presença de versões manuscritas, datilografadas, impressas em periódicos e editadas em livro de um mesmo conto ou texto, a existência de cópias recortadas e coladas em conjuntos de documentação diversos e o padrão de dispersão das cópias sugerem um trabalho continuado de compilação da produção. Sem descartar outras análises acerca das práticas de entesouramento de documentação pessoal em acervo privado, tem-se como hipótese que Júlio César de Mello e Souza reaproveitava o material já produzido em outras publicações (PAULILO, 2018, p.181).

Desta forma, podemos aludir que a coluna “A Escola e a Vida” foi útil a Malba Tahan de duas maneiras. A primeira foi na divulgação de seus livros, em especial o *Didática da Matemática*, citado 18 vezes, pois publicou seus primeiros

²⁰ Identificadas no acervo através dos códigos: MT/11.0025-02, MT/11.0027-02, MT/11.0028-02, MT/11.0029-02, MT/11.0030-02, MT/11.0031-02, MT/11.0032-02, MT/11.0033-02, MT/11.0034-02, MT/11.0035-02 e MT/11.0036-02.

artigos na coluna abordando temas que foram apresentados numa obra lançada recentemente até então. A segunda maneira foi na publicação de artigos que viriam a compor outros livros futuramente, ou seja, se em um primeiro momento o autor resgata assuntos e temas já publicados em livro, em um segundo momento o processo utilizado na composição dos livros *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O mundo precisa de ti, professor* e *O professor e a vida moderna*, e a maneira como estes se fizeram presentes na coluna da *Folha de São Paulo*, foi, de certo modo, inverso ao ocorrido com a obra *Didática da Matemática*.

Malta Tahan arquivou recortes de jornal com os artigos da coluna “A Escola e a Vida” em dois cadernos, que lhe serviram de fonte para compor os capítulos dos livros que compuseram três, dos seis livros que foram publicados pela Editora Vecchi. De fato, os três livros trouxeram temas e assuntos abordados na coluna de maneira mais preponderante entre os anos de 1964 e 1965.

Ao discorrer a respeito da invenção do jornal, Chartier (2001, p.130) aponta que o jornal diário nem sempre leva o leitor a uma releitura e que dificilmente ele é guardado, arquivado, pelos leitores com essa finalidade, pois a dinâmica dos assuntos e notícias não o qualificaria para tal finalidade. Mesmo que estes jornais tragam suplementos literários, “não têm o *status* de livro como objeto que se conserva”, pois são textos mais ligados ao efêmero, e que apenas nos casos de jornais especializados, por possuírem uma situação diferenciada do jornal clássico, é que mereceriam ser conservados, pois possibilitariam uma releitura, uma reutilização.

Para o historiador francês, amparado em Foucault, a relação entre artigos de jornal e obras de autor apresenta uma instabilidade, e coloca em discussão se os artigos jornalísticos de um autor pertenceriam a sua obra ou não, e analisa:

Que textos formam a obra de alguém? Incluem suas listas de compras no supermercado, suas cartas pessoais, suas agendas, seus artigos jornalísticos? Onde se estabelece essa divisão? Vemos que a delimitação não é clara, particularmente no caso de artigos jornalísticos. [...] O efêmero não é unicamente o fluxo das notícias: é o objeto mesmo, que se transforma em papel e que não foi conservado com o mesmo cuidado que as edições impressas (CHARTIER, 2001, p.131).

Chartier conclui que será a importância do autor que definirá a “fronteira de sua obra, dada a natureza do próprio suporte”. De qualquer modo, Malba

Tahan teve o cuidado de arquivar seus mais diversos artigos jornalísticos, e com a coluna “A Escola e a Vida” não foi diferente. Sua coluna não estava localizada na *Folha de São Paulo* em um suplemento especializado em literatura ou educação, porém seu público reconhecia no autor a importância mencionada por Chartier. Para Malba Tahan, as fronteiras mencionadas pelo historiador francês parecem não existirem, já que seus trabalhos publicados nos livros e periódicos da CADES, em seus livros nas mais diversas editoras, em suas apostilas de cursos e artigos de jornais são remanejados e reaproveitados diversas vezes.

A diversidade dos assuntos e temas que foram debatidos e analisados na coluna demonstra a preocupação com que Malba Tahan tratava não apenas o ensino e didática da matemática, mas a educação como um todo. Para Oliveira (2008, p.17), o “educador Malba Tahan retratou, em sua época, um perfil prático profissional que condizia com as características e com o discurso pedagógico que apresentava em suas obras”, o que podemos constatar ao ler seus artigos na coluna “A Escola e a Vida”.

2.2 “A Escola e a Vida” nos livros

Foi na *Folha de São Paulo*, edição de 5 de janeiro de 1964, página 5, que Malba Tahan publicou em sua coluna “A Escola e a Vida” um artigo intitulado “A arte de ser um perfeito mau professor”. Nele, o autor informa que a ideia do título não é de sua autoria, mas retirada de artigo publicado na revista *Educación y Cultura*, Montevideu, Uruguai, edição de dezembro de 1944, tendo como autor um educador que fez uso do pseudônimo Domine (figura 8).



Figura 8: Cabeçalho do artigo de Domine, na seção Puntas Secas, da Revista *Educación y Cultura*, dezembro de 1944.

Essa revista foi “publicada entre 1939 e 1947 em forma bimestral, alcançando 38 números”, e “seus responsáveis eram inspetores de ensino secundário com uma ampla trajetória docente” (ROMANO, 2016, p.471). A presença de profissionais normalistas nas primeiras edições da revista é destacada por Romano (2016, p.472):

Mais uma característica vai acrescentar a esta publicação: a forte presença de autores que pertencem à tradição normalista; isto é, de professores, diretores ou inspetores de escolas primárias. Dos 44 autores nacionais que escrevem na revista, subtraindo aqueles que escrevem sob pseudônimo (2), pelo menos 15 são professores de formação; ou seja, representam 35% dos autores nacionais. E dos 100 artigos publicados por autores nacionais, 41 foram escritos por representantes da tradição normalista, ou seja, 41% dos artigos.

Para Romano (2016), a partir da quarta edição, a revista definiu-se como um espaço de fomento e “construção de cultura pedagógica e profissional dos professores de ensino secundário”, disseminando os ideais da “nova educação” naquele país. Diversos artigos da revista eram assinados por escola novistas, um deles, inclusive, foi oferecido pelo autor a Lourenço Filho, na iminência do Congresso de Educação que viria a ser realizado no Rio de Janeiro em 1939. A influência da “nova educação” nos conteúdos e autores da revista é confirmado por Batista (2016, p.162):

Educação e Cultura, por outro lado, foi a primeira revista verdadeiramente pedagógica voltada para o ensino médio. Foi dividida nas seguintes seções: Notas editoriais assinadas pelos diretores - Colaborações, a seção Puntas Secas, Padrões Pedagógicos, Assistentes de Ensino, Revistas, Bibliografia, Informação Pedagógica e Informação Administrativa. A revista não se ateve ao cotidiano da sala de aula nem buscou ser uma mera ferramenta de publicação para o trabalho docente. Os editores discutiram sobre os objetivos do ensino médio, coordenação com os outros níveis, métodos, organização, formatos escolares, métodos de admissão. Na seção Editorial Notes, o escolanovismo serviu como um discurso à disposição dessas questões mais gerais ou estruturais, com as quais buscou se articular.

Em seu artigo, Malba Tahan deixa explícito que era um leitor da referida revista, e que ao reler a edição de dezembro de 1944, se deparou com a “interessante página” constando o artigo de Domine, onde este oferece uma série de conselhos a um jovem que deseja ingressar no magistério secundário, conselhos esses que se bem observados e praticados, qualificariam o jovem como um PMP, sigla que identificaria o perfeito mau professor. Segundo Chartier (1999,

p.13), “a leitura é sempre uma prática encarnada de gestos, em espaços e hábitos”. Desta forma, Malba Tahan ao identificar-se com o discurso de Domine, reconhece neles seus ideais de professor e profissional docente. Faz uso do título e do conteúdo do artigo da revista uruguaia, como fonte inspiradora para diversos outros artigos em sua coluna na *Folha de São Paulo*.

Malba Tahan transcreveu 11 conselhos, dos 28 oferecidos por Domine, e após cada um deles faz observações e comentários. Os 11 conselhos selecionados por Tahan foram os seguintes: 1º - Não prepare, com cuidado, a lição. Nada de plano de aula, nada de roteiro prévio. Vá sempre pela norma da improvisação; 2º - Não procure manter boas relações com seus superiores, nada de intimidades com os colegas; 3º - Não seja assíduo, nem pontual; 4º - Não procure tomar conhecimento da cadeira que leciona; 5º - Não procure coordenar o ensino de sua matéria com outra matéria ao curso; 6º - Procure conhecer apenas o livro texto que você adota em sua classe. Nada de ler outros livros, artigos ou revistas. Para o PMP é perda de tempo; 7º - Procure repelir, sem a menor vacilação, qualquer sugestão de um colega sobre novo método de ensino. Mantenha-se sempre rotineiro e atrasado; 8º - Procure tratar os alunos com aspereza e brutalidade; 9º - Não hesite em dar grau zero; 10º - Aproveite qualquer circunstância para por em ridículo o aluno que erra; 11º - Sempre que for possível, procure zombar do nome do aluno, fazendo trocadilhos, dizendo piadas.

Esse mesmo artigo do dia 5 de janeiro de 1964 foi citado outras vezes por Malba Tahan em notas de rodapé de outros artigos da coluna “A Escola e a Vida” publicados somente em 1965, como podemos ver em: “A improvisação no ensino”, de 14/2/1965 (MT/02.038.0007-07); “A falta de assiduidade e pontualidade do PMP”, de 21/2/1965 (MT/02.038.0008-07); “A atividade improdutiva do PMP”, de 28/2/1965 (MT/02.038.0009-07); “Severidade excessiva com os alunos”, de 2/5/1965 (MT/02.038.0016-07); “O professor imediatista”, de 13/6/1965 (MT/02.038.0019-07).

Porém, no artigo “O diretor e a obra educacional”, de 12/9/1965, as notas trazem uma modificação nas informações apresentadas. A nota 4 recomenda *A arte de ser um perfeito mau professor* não mais como o artigo publicado na coluna em 5/1/1964, mas como um livro novo (MT/02.038.0033-07). Após essa data, não há mais citações a respeito do artigo ou livro com o referido título. Como o livro *A arte de ser um perfeito mau professor* foi publicado somente

em 1967, a nota de Malba Tahan sugere que esse livro foi idealizado pelo autor em 1965, durante a escrita dos artigos da coluna “A Escola e a Vida”.

O conteúdo do artigo “A arte de ser um perfeito mau professor” é subdividido por Malba Tahan em tópicos que correspondem aos conselhos de Domine, e cada conselho foi utilizado como tema norteador de alguns capítulos que compuseram o livro *A arte de ser um perfeito mau professor*. Contudo, a maioria dos temas que compuseram os capítulos do livro estiveram de alguma maneira nas publicações da coluna, pois Malba Tahan faz constantes idas e vindas em seus textos, rememorando temas, palavras e opiniões, conforme é apresentado no quadro 5 a seguir:

Quadro 5: Relação entre artigos da coluna “A Escola e a Vida” com capítulos do livro *A Arte de Ser um perfeito mau professor*.

Capítulos do livro A arte de ser um perfeito mau professor	Códigos no acervo do CME	Data de publicação na “A Escola e a Vida”
I – A arte de ser um PMP e sua origem.	MT/02.027.0039-06	5/1/1964
II – A improvisação e o ensino do PMP.	MT/02.038.0007-07	14/2/1965
III – O professor e o roteiro de aula.	MT/02.038.0011-07	14/3/1965
IV – O PMP e as relações sociais.	-	-
V – Assiduidade e pontualidade.	MT/02.038.0008-07	21/2/1965
VI – A atividade improdutiva do mau professor.	MT/02.038.0009-07	28/2/1965
VII – Programa incompleto da matéria.	-	-
VIII – O mau professor e a correlação entre as matérias.	-	-
IX – O livro-texto e a incultura do PMP.	MT/02.038.0010-07	7/3/1965
X – A cultura geral de um professor.	MT/02.038.0010-07	7/3/1965
XI – A rotina e o mau professor.	MT/02.038.0011-07	14/3/1965
XII – A severidade excessiva com os alunos.	MT/02.038.0016-07	2/5/1965
XIII – O desrespeito ao aluno.	MT/02.038.0012-07	28/3/1965
XIV – O nome do aluno.	MT/02.038.0012-07	28/3/1965
XV – Dois extremos deploráveis do PMP.	-	6/6/1965
XVI – O problema das reprovações.	-	6/6/1965
XVII – O mau professor contador de anedotas.	MT/02.038.0018-07	23/5/1965
XVIII – O problema dos trajes do professor.	-	-
XIX – A classe e a vida íntima do professor.	-	-
XX – O professor sabatineiro.	-	-
XXI – O desprestígio moral do PMP.	-	-
XXII – O PMP e a crítica motivadora.	-	-
XXIII – O PMP e o problema da disciplina.	-	-
XXIV – A linguagem grosseira do PMP.	MT/02.038.0017-07	16/5/1965
XXV – Por o aluno para fora da classe.	MT/02.038.0014-07	18/4/1965
XXVI – Bateu o sinal.	MT/02.027.0052-06	26/4/1964
XXVII – O PMP e a atividade de classe.	-	-
XXVIII – Castigos coletivos e castigos impiedosos.	MT/02.038.0022-02	11/7/1965
XXIX – Dois pesos e duas medidas.	-	-
XXX – A displicência absoluta do PMP.	-	-
XXXI – O PMP e o imediatismo.	MT/02.038.0019-07	13/6/1965
XXXII – Motivação nula.	MT/02.038.0015-07	25/4/1965
XXXIII – Fumar em aula.	MT/02.038.0013-07	4/4/1965
XXXIV – O PMP e o ensino superior.	-	11/4/1965
XXXV – A obra perniciosa do PMP.	-	-

Podemos comparar no quadro 5 os artigos da coluna com os capítulos do livro, e verificarmos que alguns capítulos não foram publicados explicitamente na coluna, pois estes são desdobramentos de outros artigos da própria coluna. São 22 artigos que viraram os 36 capítulos de *A arte de ser um perfeito mau professor*. É recorrente, tanto nos artigos quanto nos capítulos, alusões ao caderno dirigido, ao professor conferencista, professor rotineiro e ao comportamento do professor.

Os capítulos apresentam narrativas de experiências de professores, sobretudo vividas no Colégio Pedro II, na Escola Normal, Instituto de Educação, na Faculdade Nacional de Filosofia e outros colégios diversos, que exemplificariam o perfeito mau professor e em alguns casos são feitas alusões diretas a disciplinas ministradas por tais professores que segundo Malba Tahan se enquadrariam nos postulados ditados por Domine. Alguns professores são citados de maneira explícita por Tahan (1967, p.27):

Dr. Almeida Lisboa, catedrático de Matemática do Colégio Pedro II, era totalmente insciente dos princípios básicos da Ética. Em aula, falando a uma turma de adolescente, formulava os conceitos mais depreciativos sobre o preparo de seu colega de Congregação, Dr. Euclides Roxo, que ele apontava como um primário, um ignorante, verdadeiro analfabeto na ciência dos números.

Ou de maneira mais velada:

Tivemos no Colégio Pedro II, um colega chamado Elpídio Boa Morte. Certo professor, que era um P.M.P., todos os dias zombava desse aluno, repetindo a mesma piada: - Seu Boa Morte, se você quiser boa vida, estude!

Aquele que faz trocadilhos ou piadas, com o nome de uma pessoa, revela absoluta falta de educação. É um cafajeste (TAHAN, 1967, p.53).

O segundo livro da série, *O professor e a vida moderna*, é composto pela parte I, Casos, Contos e Comentários, com conteúdo muito semelhante ao estilo do livro *A arte de ser um perfeito mau professor* e majoritariamente composto por artigos que saíram na coluna “A Escola e a Vida” no ano de 1963, a Parte II, O problema do caderno dirigido, com todos os tópicos ligados aos artigos publicados em 1965, e uma parte Complementar, Método dos jograis com caderno dirigido, conforme apresenta o quadro 6, abaixo:

Quadro 6: Relação entre artigos da coluna “A Escola e a Vida” com capítulos do livro *O professor e a vida moderna*.

Capítulos do livro O professor e a vida moderna	Códigos no acervo do CME	Data de publicação na “A Escola e a Vida”
<i>I Parte Casos, contos e comentários.</i>		
O monge e o professor rotineiro.	-	-
Formas curiosas de julgamento.	MT/02.027.0044-06	30/2/1964
O decote motivador da professora loura.	MT/02.027.0041-06	?
Xenófanes, o pequeno lenhador e o professor de grego.	-	-
A pergunta do aluno.	MT/02.027.0058-06	7/6/1964
O aluno morto, o grau sessenta e a geometria.	MT/02.027.0046-06	15/3/1964
A matemática para o engenheiro.	MT/02.027.0031-06	10/11/1963
O cálculo integral, o carrapato e o pé de café.	MT/02.027.0032-06	17/11/1963
O professor, o chicote e a circunferência.	MT/02.027.0072-06	13/9/1964
Um professor no inferno.	MT/02.027.0037-06	22/12/1963
O professor e a borboleta.	MT/02.027.0019-06	11/8/1963
O aluno tirolês	MT/02.027.0015-06	14/7/1963
Como torturar as crianças.	MT/02.027.0009-06	?
Os cacoetes do professor.	MT/02.027.0011-06 MT/02.027.0012-06 MT/02.027.0013-06	16/6/1963 23/6/1963 30/6/1963
<i>II Parte O problema do caderno dirigido</i>	-	-
1 – Um bicho papão.	MT/02.038.0024-07	18/7/1965
2 – Vantagens do caderno dirigido.	MT/02.038.0024-07	18/7/1965
3 – Desvantagens do caderno dirigido.	MT/02.038.0024-07	18/7/1965
4 – Opinião de um professor cearense.	MT/02.038.0025-07	25/7/1965
5 – O décimo terceiro mandamento de Chwolson.	MT/02.038.0027-07	8/8/1965
6 – As figuras coloridas e os cadernos de classe.	MT/02.038.0026-07	1/8/1965
7 – Que pode conter o caderno dirigido.	MT/02.038.0026-07	1/8/1965
8 – Livros e cadernos coloridos.	MT/02.038.0026-07	1/8/1965
9 – Um professor notável.	MT/02.038.0026-07	1/8/1965
10 – O caderno dirigido no ensino de ciências.	MT/02.038.0027-07	8/8/1965
11 – O caderno dirigido e sua aceitabilidade.	MT/02.038.0028-07	15/8/1965
12 – A prática do caderno dirigido em matemática.	MT/02.038.0029-07 MT/02.038.0030-07	22/8/1965 29/8/1965
<i>Parte complementar: O método dos jograis com caderno dirigido</i>	-	-
Parte 1 a 9	MT/02.027.0003-06	21/4/1963
Parte 10 a 17	MT/02.027.0004-06	28/4/1963
Parte 18 a 39	MT/02.027.0004-06	28/4/1963

As duas primeiras partes estão presentes na coluna da *Folha de São Paulo* de maneira literal, com algumas pontuais diferenças por conta de acréscimos e do posicionamento no texto, muito por causa das diferenças inerentes ao suporte. A parte complementar teve seus tópicos publicados de maneira mais condensada em dois artigos da coluna, “O método da salivação”, de 21/4/1963 e “O método dos jograis”, de 28/4/1963.

Mas o que chama a atenção é que a parte complementar desta obra é idêntica, do primeiro item ao trigésimo nono, ao material utilizado por Malba Tahan em seus cursos sobre Didática e Didática da Matemática em 1963 (MT/06.001.0041-01 e MT/06.004.0009-3), sendo que a segunda parte contempla o material utilizado por ele em um curso sobre o caderno dirigido (MT/06.004.0008-03).

Em carta de 26 de abril de 1960, o professor José Francisco de Almeida Pimentel, da cidade de Marília–SP, escreveu a Malba Tahan comunicando ter providenciado sua ida àquela cidade, e dedica longos parágrafos agradecendo ao Matemático as aulas que teve pela CADES em Araçatuba sobre o uso do caderno dirigido. José Pimentel reforça que leciona para mais de 800 alunos e todos estavam utilizando o método com o máximo proveito, mas que somente dois professores estariam fazendo uso do método, e coloca-se como um defensor da CADES e de Malba Tahan na cidade, encerrando da seguinte forma (MT/01.024.0178-09):

Somos fieis ao senhor e propagamos seu método por toda a parte. Adotamos seu processo de provas, a maneira de fazer o caderno dirigido, o sistema de aula, a motivação, os jogos, inventamos outros, etc., enfim, todo o seu método. Temos feito coisas incríveis e estamos ensinando melhor, encontrando nos alunos um sorriso amigo.

Em outra carta, de 23 de abril de 1963, de Gerardo Majela Leite, então Inspetor Seccional de Presidente Prudente–SP, acerta com Malba Tahan um programa de curso a ser ministrado na cidade de Tupã–SP. Gerardo solicita que Malba Tahan traga muito material e elogia sua coluna na *Folha de São Paulo*, em especial o artigo “O método dos Jograis” (MT/01.026.0005-10).

A professora Ruth Markus Huber²¹, da 3ª Delegacia Regional de Ensino de Estrela, Rio Grande do Sul, em carta sem data, solicita a Malba Tahan explicações a respeito do uso e aplicação do Método de Jograis e sobre o Caderno Dirigido. Ela declara que pela primeira vez está enfrentando uma classe de ensino médio e que ao ler uma entrevista de Malba Tahan, identificou que está “penetrando pelo método da salvação”. No documento, Malba Tahan anota no rodapé que já respondera, bem como enviara o material solicitado.

Nas três cartas temos exemplos positivos da repercussão dos cursos ministrados por Malba Tahan, digo positivos, pois não localizei carta ou nota no arquivo que fizesse alguma crítica negativa mais contundente ao seu trabalho. De alguma maneira, essas comunicações mais do que apenas elogiar o trabalho de Malba Tahan, prenunciava um público portador de uma demanda que supostamente poderia ser contemplada com mais cursos, mais artigos, e, principalmente, mais livros.

Nesse sentido, no final do prefácio de *O professor e a vida moderna*, Malba Tahan faz uma defesa da originalidade do livro, e diz que “para atender à curiosidade dos professores” havia incluído um estudo elementar sobre o Método de Jograis, e acrescenta que o livro “é, sem dúvida, um livro de Didática, [...] porém, um livro de Didática diferente de todos os livros de Didática até agora publicados”.

O livro *O mundo precisa de ti, professor* teve um processo de composição que pode ser identificado nos cadernos de arquivos contendo os recortes de jornais da coluna “A Escola e a Vida”. Com 36 capítulos que tratam da “Ética profissional do professor” e dois complementos, que de certa maneira mais se aproximam do livro *O professor e a vida moderna*, pois abordam temas já comentados nesta obra, Malba Tahan apresenta na obra artigos publicados em 1963 e 1965, externando para quem a obra é destinada e qual seria a função da ética na vida do professor:

Este livro é destinado, especialmente, aos alunos das Escolas Normais e das Faculdades de Filosofia que serão nossos futuros mestres e educadores. O jovem que ingressa na nobilitante carreira do Magistério, um futuro líder, deve ter conhecimento preciso de seus deveres e de suas responsabilidades perante a sociedade. [...] Sem o conhecimento de Ética, o professor será falho, deficiente, relaxado, inescrupuloso,

²¹ Atualmente, uma escola de ensino fundamental leva seu nome na cidade de Estrela / RS.

rotineiro, relapso e não poderá corresponder à confiança que nele deposita a sociedade. (TAHAN, 1967, p. 12–13).

Ao contrário das obras *A arte de ser um perfeito mau professor* e *O professor e a vida moderna*, *O mundo precisa de ti, professor* teve seu conteúdo não somente retirado dos recortes da coluna, mas se trata de uma composição com outros recortes, anotações e colagens que se completam para formar um texto único e original.

Conforme se observa nas figuras 9 e 10, as páginas dos cadernos de recortes que possuem os artigos que compuseram *O mundo precisa de ti, professor*, foram numeradas e marcadas, tendo seus recortes rasurados com colchetes para acréscimos de parágrafos e rasuras excluindo outros. O mais interessante são as colagens em formato de apêndice, onde um pedaço de papel está colado ao lado das colunas contendo alguns parágrafos datilografados e posicionados onde estes parágrafos deveriam entrar no texto que sairia no livro.

Figura 9: Caderno de arquivo com colagens e anotações para compor o texto do livro O mundo precisa de ti, professor.

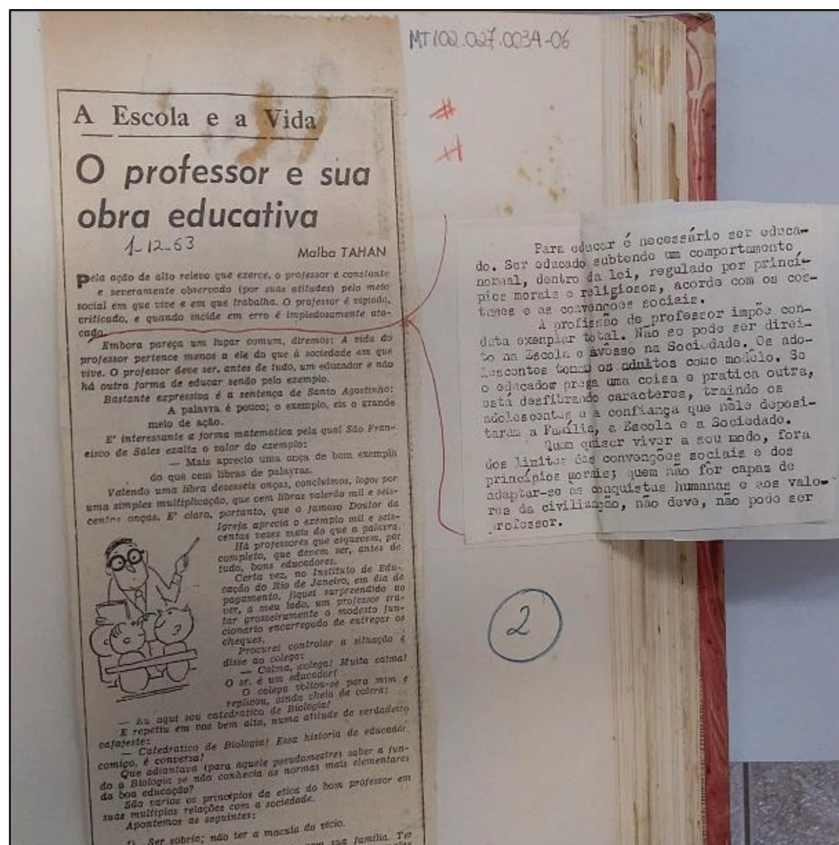
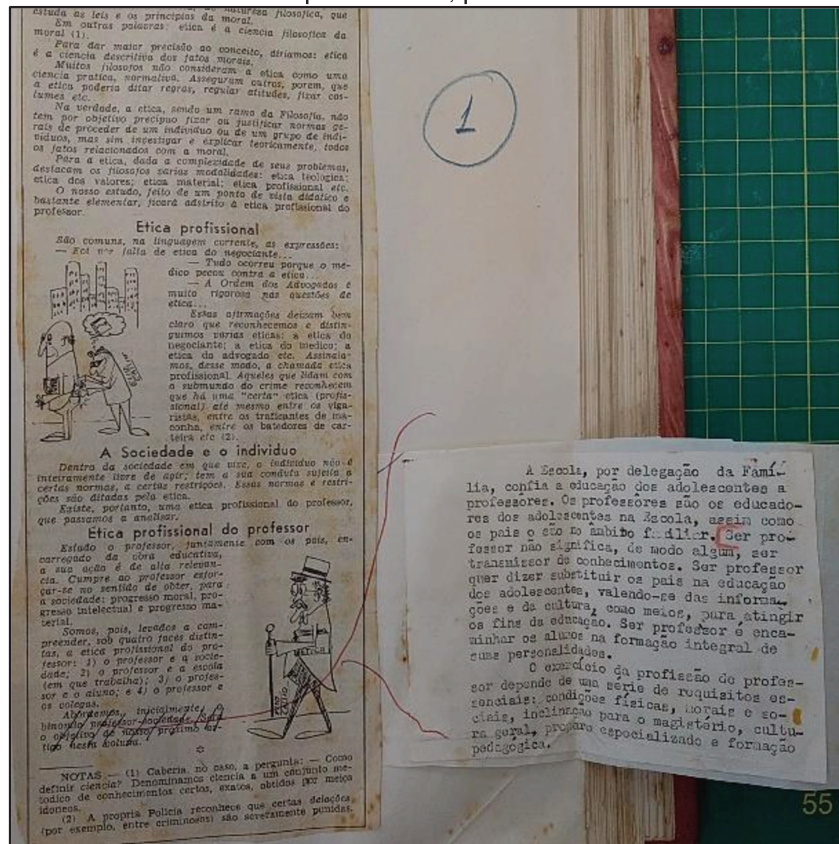


Figura 10: Caderno de arquivo com colagens e anotações para compor o texto do livro O mundo precisa de ti, professor.

O acervo não possui os originais que foram enviados por Malba Tahan à Editora Vecchi, por isso não pude fazer uma dupla comparação, pela qual poderíamos confirmar alterações realizadas pela própria editora na composição de cada página e, posteriormente, no livro pronto. Na figura 9, onde o artigo “A ética profissional do professor” está localizado, há uma marcação em azul com o número 1, e isso segue nas demais páginas com os artigos inerentes ao livro. O pequeno colchete em vermelho anotado no excerto colado na borda da página aponta ao datilógrafo onde deve iniciar o texto. Contudo, esse texto pronto vai aparecer somente no capítulo IV do livro sob o título “O professor e os fins da educação”. Na figura 10, onde o artigo “O professor e sua obra educativa” está destacado, o processo é semelhante, pois apesar de ser o segundo artigo na ordem anotada por Malba Tahan (foi ele que anotou?), este também não obedeceu à ordem apresentada no livro, pois parte do artigo é publicada no capítulo VI. Essa ordem anotada no caderno de arquivo não foi obedecida na edição dos capítulos que compuseram o livro, conforme podemos comprovadamente verificar no quadro 7.

Quadro 7: Relação entre artigos da coluna “A Escola e a Vida” com capítulos do livro *O mundo precisa de ti, professor.*

Capítulos do livro O mundo precisa de ti, professor.	Códigos no acervo do CME	Data de publicação na “A Escola e a Vida”
I – Conceito de ética.	MT/02.027.0033-06	24/11/1963
II – A ética profissional.	MT/02.027.0033-06	24/11/1963
III – A ética profissional do professor.	MT/02.027.0033-06	24/11/1963
IV – O professor e os fins da educação.	MT/02.027.0033-06	24/11/1963
V – O educador e o interesse.	-	-
VI – O professor e a obra educativa.	MT/02.027.0034-06	1/12/1963
VII – Escolas que não educam.	-	-
VIII – Problema da educação útil.	-	-
IX – A conduta do professor.	MT/02.027.0034-06	1/12/1963
X – A Educação pelo exemplo.	MT/02.027.0034-06	1/12/1963
XI – O professor e o educador.	MT/02.027.0034-06	1/12/1963
XII – O educador e o instrutor.	-	-
XIII – Princípios de ética: o professor e a sociedade	MT/02.027.0035-06	8/12/1963
XIV – Princípios de ética: o professor e a escola.	MT/02.027.0036-06	15/12/1963
XV – Princípio de ética: o professor e o aluno.	MT/02.027.0036-06	15/12/1963
XVI – O professor e os trabalhos extraclasse.	MT/02.027.0033-06	24/11/1963
XVII – Princípios de ética: o professor e os colegas.	MT/02.027.0036-06	15/12/1963
XVIII – Princípios de ética: o prof. em relação a si próprio.	-	-
XIX – O salário do professor e a ética.	MT/02.027.0033-06	24/11/1963
XX – Relações entre o professor e o aluno.	MT/02.038.0037-07	10/10/1965
XXI – A ação do educador e sua amplitude.	MT/02.038.0038-07	17/10/1965
XXII – Decálogo do bom professor.	MT/02.038.0040-07	7/11/1965
XXIII – O professor e seu aperfeiçoamento.	-	-
XXIV – Sugestões ao bom professor.	-	31/10/1965
XXV – A personalidade do professor.	-	-
XXVI – Preocupação de acertar.	-	-
XXVII – A escola e o bem da comunidade.	-	-
XXVIII – O professor pessimista.	-	-
XXIX – A profissão de educador.	MT/02.038.0036-07	3/10/1965
XXX – O professor idealista.	MT/02.038.0039-07	24/10/1965
XXXI – O professor e a sociedade.	MT/02.027.0035-06	8/12/1963
XXXII – O diretor e a obra educacional.	MT/02.038.0033-07	12/9/1965
XXXIII – A tarefa do diretor	MT/02.038.0033-07	12/9/1965
XXXIV – Orientação educacional.	MT/02.038.0034-07	19/9/1965
XXXV – O orientador educacional.	MT/02.038.0035-07	26/9/1965
XXXVI – O tempo na obra educativa.	-	-
Complemento I – A linguagem monótona do professor.	-	-
Complemento II – O professor conferencista.	-	-

Essa maneira de trabalhar o material de seu arquivo pessoal é uma pista que alude aos indícios apontados por Paulilo e Lopes quanto ao reaproveitamento de materiais antigos para novas publicações. Comparo essa atuação junto aos próprios textos e tal uso de seu arquivo por parte de Malba Tahan com o que Certeau (1994, p.42) vai chamar de arte de fazer, pois é uma “maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar”, e no caso de Malba Tahan, reutilizar muitas vezes, alterando e diversificando os suportes onde seus textos aparecem (jornal, apostilas, livros) e os usos que seu arquivo lhe proporciona. Para Artières (1998, p.11), a ação de arquivar a vida pessoal “é pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”.

Ao tratar dos suportes onde os textos se encontram, Chartier (1991, p.182) vai dizer que estes não alteram as expectativas dos leitores, mas a mudança desses suportes possibilita novos significados e usos dos textos para angariar novos leitores. Com isso, levanto a hipótese de que no momento da publicação da série didática, bem como durante a escrita da coluna “A Escola e a Vida”, ocorria uma diminuição das ações da CADES, pois os cursos e publicações foram desaparecendo sensivelmente até o esgotamento, como no caso da revista *Escola Secundária*, que teve sua última edição em 1963. Essa situação levou Malba Tahan a dar novos formatos e buscar outros meios de divulgar seu trabalho e suas ideias, mas, sobretudo, continuar atuante num campo que lhe era caro, a educação.

Com o fim das publicações, bem como o encerramento dos cursos da CADES, uma porta se fechava à atuação de Malba Tahan, que irá imitar os conteúdos e métodos defendidos pela CADES nos seus livros publicados pela Editora Vecchi. A respeito das publicações da CADES, Baraldi e Gaertner (2014, p.972) apontam que:

Quanto ao número expressivo de livros publicados durante a existência da Campanha, muitos deles manuais de “como ensinar”, podemos afirmar que a preocupação era, sobretudo, com “as didáticas”, ou seja, com as orientações pedagógicas das disciplinas escolares, o que de certo modo, servia como forma de regulação do que deveria ser o ensino secundário e o professor que nele atuaria. Estas obras trazem as orientações pedagógicas e metodológicas que, acreditava-se à época, serem as adequadas para o ensino secundário.

Com relação ao ensino de matemática, as autoras apontam ainda que através da CADES “duas importantes orientações didáticas foram difundidas aos professores: a adoção da técnica do estudo dirigido e a utilização de recursos didáticos diferenciados para promover a aprendizagem matemática”. Esse modo de ensinar e orientações pedagógicas oriundas da CADES é que são defendidas por Malba Tahan tanto na coluna “A Escola e a Vida”, quanto nos livros *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O professor e a vida moderna*, *O mundo precisa de ti, professor*, bem como nas antologias. No próximo capítulo, será demonstrado quais são os autores com quem Malba Tahan trabalha, bem como o repertório utilizado para construir as três antologias, *Antologia do bom professor*, *Roteiro do bom professor* e *Páginas do bom professor*.

Capítulo 3 - A bibliografia das antologias, seus intelectuais e lugares.

No capítulo anterior, verificamos qual foi o trabalho de Malba Tahan para escrever e montar os textos que compuseram os livros *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O professor e a vida moderna* e *O mundo precisa de ti, professor*, detalhando os usos que o autor fez de seu arquivo para a confecção de novos livros, reaproveitando materiais que já tinham sido utilizados em outras publicações. O presente capítulo irá tratar das três antologias que compõem a série publicada pela Editora Vecchi em 1969, *Antologia do bom professor*, *Roteiro do bom professor* e *Páginas do bom professor*.

Diferentemente do anterior, este capítulo apresentará uma operação inversa, sobretudo por não termos disponível para pesquisa a biblioteca particular do autor. Logo, a partir dos autores, bibliografia e instituições citados por Malba Tahan nas três antologias, pretendemos demonstrar que a maneira de fazer do autor não foi diferente ao trabalhar com seu acervo bibliográfico particular. Segundo Darnton (2009, p.133–49), a bibliografia utilizada por um autor transcende a materialidade do livro, ou seja, o estudo dessa materialidade não se limita somente à análise de padrões tipográficos, da qualidade de tinta ou diagramação textual, algo que aqui foi abordado no primeiro capítulo, mas também dos textos que formam a obra em si.

No acervo Malba Tahan não há a presença de sua biblioteca particular²², de modo que será a bibliografia indicada nestas obras um dos caminhos para compreendermos a maneira como o repertório presente na composição das antologias é apresentado. As antologias são compostas por artigos e excertos de revistas, jornais, livros e apostilas, onde um título é relacionado a um determinado conteúdo, acompanhados alguns deles por comentários do autor, e todos terminam com frases e pensamentos de autores variados. Estilo que mereceu atenção de Lorenzato (1995, p.100):

Uma das características das obras de Malba Tahan referentes ao ensino da Matemática era a inclusão de curtas alocuções ao longo dos assuntos, que apresentassem importantes ideias, mensagens ou opiniões, tais como: “O algebrismo é o mais perigoso inimigo da Matemática” (Tahan); “O conhecimento não se apóia só na verdade, mas também no erro” (Jung); “Zero: o passo mais revolucionário em toda História da Matemática” (Hogben); O mundo é cada vez mais dominado pela

²² Segundo o professor Sérgio Lorenzato, a biblioteca foi vendida pela família para sebos.

Matemática' (Carus); "O professor é, abaixo de Deus, o árbitro do porvir" (Ruy Barbosa); A Matemática é a honra do espírito humano" (Leibnitz); "No Brasil só existe um problema nacional: a educação do povo" (M. Couto); "O professor só é rotineiro quando não tem consciência de seu dever" (M. Tahan). É preciso aqui ressaltar que estes pensamentos eram bem escolhidos, deixando a impressão de que o critério para selecioná-los considerava a proximidade com o assunto em questão e a premonição sobre o que deveria ser considerado importante nos decênios seguintes pela didática predominante.

Tal característica é apresentada por Malba Tahan (1969) em uma nota explicativa na *Antologia do bom professor*:

Todos os artigos, incluídos nesta Antologia, são acompanhados das necessárias indicações bibliográficas que poderão orientar o leitor curioso. Para algumas frases, conceitos e pensamentos, como o leitor poderá observar, deixamos de acrescentar quaisquer indicações bibliográficas. Essas indicações, aliás, seriam desnecessárias. Indicamos, tão somente, o nome do autor e a bibliografia no final do livro (p.8).

Desta forma, adotando o critério adotado pelo autor, a análise que faremos se deterá especificamente sobre os artigos onde há indicação bibliográfica, cotejando as nuances que ligam Malba Tahan aos autores e obras selecionadas por ele na construção das antologias, pois não há indicação de bibliografia ao final de nenhuma das antologias, como sugeriu Malba Tahan. A abordagem será de forma conjunta, ou seja, sem individualizar cada antologia, pois excetuando as características que destacamos nos capítulos anteriores, o estilo e a forma de conteúdo das três seguem um padrão único.

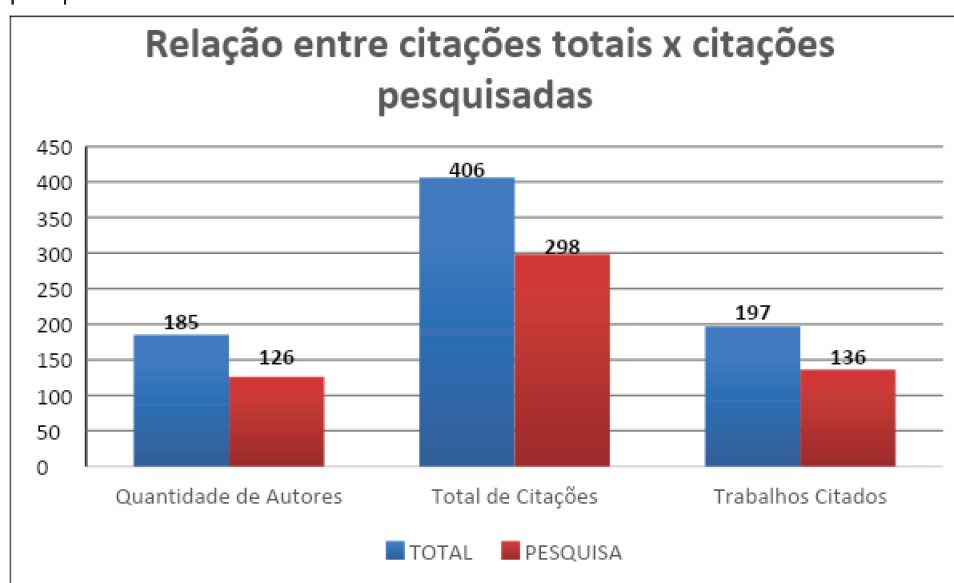
As antologias não possuem uma estrutura feita em capítulos por assuntos ordenados. A sequência dos temas é aleatória, podendo um mesmo assunto ser abordado nas primeiras páginas e posteriormente no meio ou final dos livros, antecedendo, por exemplo, um assunto diverso. Por conta disso, foi feito o levantamento da bibliografia utilizada por Malba Tahan a partir das indicações feitas por ele ao final de cada texto, o que limita de alguma forma a pesquisa, pois há apenas o nome da obra e seu autor, sem indicação de edição ou editora.

No total, são citados 185 autores, o que rendeu 406 referências, em 197 obras, pois diversos autores e obras foram citados mais de uma vez, como podemos ver nos quadros 8 e 9:

Quadro 8: Relação do total de citações identificadas e pesquisadas nas antologias de 1969

	Quantidade de Autores	Total de Citações	Trabalhos Citados	Citações por livros		
				ABP	PBP	RBP
TOTAL	185	406	197	114	142	150
PESQUISA	126	298	136	73	101	124

Quadro 9: Comparativo entre o total de citações indicadas e a amostragem pesquisada.



Malta Tahan utilizou como fonte bibliográfica: 6 apostilas, 6 artigos de jornal, 1 caderno de orientação, 2 conferências, 1 discurso, 1 excerto de aula, 65 livros, 12 revistas, 8 teses e 3 fontes não identificadas. Os livros, as revistas, a apostila e o caderno de orientação serviram de fonte mais de uma vez, variando em suas edições, capítulos ou seções. Com relação aos livros, a recorrência de algumas obras se deu por conta de citações indiretas ou repetição da mesma obra.

Por meio do cotejamento das obras citadas e seus autores, foi possível segregar as referências bibliográficas em grupos por aproximação e identificação, vínculos institucionais, tipo de publicação, locais de publicação e autorias. Desta forma, é possível identificar os grupos de fontes ligados à Associação Brasileira de Educação (ABE), ao Instituto de Educação (IE) e ao Instituto Nacional de Estudos

Pedagógicos (INEP), Coleção Atualidades Pedagógicas, Autores Estrangeiros, Manuais de Psicologia Educacional e História da Educação, Revista do Ensino do Rio Grande do Sul e à Campanha do Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES). As citações que envolvem esses grupos equivalem a 80% do total de citações, pois outras citações são de caráter genérico e não serão tratadas ao longo desse capítulo, porém serão indicadas em quadro do anexo.

3.1 Associação Brasileira de Educação (ABE): seus membros, as Conferências Nacionais de Educação (CNE) e o Manifesto de 1932.

Malba Tahan foi sócio da Associação Brasileira de Educação (ABE), instituição fundada em 15 de outubro de 1924, sendo que sua primeira secção foi realizada no dia seguinte. Sob a aspiração de mudanças no cenário educacional brasileiro, segundo Valério (2013, p.17), a ABE foi composta por “intelectuais de variadas formações, mas declarando um objetivo comum: promover no Brasil a difusão e o aperfeiçoamento da educação em todos os ramos”, conforme o Estatuto da ABE. Esses intelectuais “reafirmaram o bordão, presente no cenário intelectual brasileiro desde o século XIX, da missão das elites cultas na formação da consciência nacional” (VIEIRA, 2017, p.25).

Seu quadro de intelectuais era composto especificamente por dois grupos. Um defensor de uma educação laica, de inspiração científica e norteadada pelos preceitos dos ideais da Escola Nova, e outro grupo, defensor de uma educação conservadora, composto por intelectuais confessionais, ligados ao pensamento católico, algo que foi motivo de disputas e conflitos dentro e fora da instituição, sobretudo após a promulgação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932. De qualquer modo, a iniciativa de criação da ABE era de ser uma voz da sociedade civil para dialogar com o Estado acerca de questões pertinentes à educação. Nesse sentido, Valério (2013, p.20) entende que a criação da ABE:

[...] foi um acontecimento que veio a ter importância fundamental para o direcionamento das mudanças que se fizeram no sistema educacional escolar na segunda metade da década de 1920 e, principalmente, na primeira metade da década seguinte. Até aquela data, o debate sobre as questões educacionais se restringia, quase que exclusivamente, ao

interior do Estado. Depois dela, passou a existir um espaço na sociedade civil onde se discutiam as políticas educacionais elaboradas pelo Estado e se elaboravam sugestões.

Quanto à relação da ABE junto do Estado em seus primeiros anos, Valério (2013, p.32) argumenta que:

[...] a ABE, entendida como instância da sociedade civil, buscou granjear maior representatividade nas decisões do Estado, enquanto o Estado, como órgão público, desejava conquistar o consentimento das instâncias da sociedade civil para a estruturação de um projeto nacional. Nessa relação, foi estabelecido um jogo no qual cada um procurou inculcar no outro o valor de suas proposições. Dessa maneira, compreendemos que esses intelectuais reunidos na ABE foram representantes de uma ampla rede de disseminação de ideias educacionais vinculadas a visões políticas diferenciadas, na medida em que se orientavam pela crença de que a eles caberia a construção de uma identidade para a nação brasileira, tendo o Estado como sua principal força realizadora.

A ABE desenvolveu diversas atividades internas e externas para promoção de debates e fomentação de propostas para renovar o cenário educacional brasileiro, ou seja, “buscou ser um polo aglutinador entre instituições, escolas e pessoas interessadas em discutir a educação nacional” (BURLAMAQUI, 2013). Além da publicação da *Revista Schola*, a “atuação da associação se dava por meio de encontros, onde se discutiam temas de educação, de cursos, de publicações, de pesquisas, e, principalmente, por meio de conferências ou congressos nacionais de educação” (XAVIER; CUNHA, 2010), essas atividades eram organizadas e gerenciadas por departamentos internos da ABE. Os eventos de maior relevância foram as Conferências Nacionais de Educação (CNE), que contou com 13 edições, em que cada edição teve um tema específico, das quais, através de cartas convites, os representantes dos estados puderam participar e apresentar teses e desenvolver seminários.

Quadro 10: Conferências Nacionais de Educação²³.

Ano	Tema(s)	Local
1927	Organização nacional do ensino primário.	Curitiba
1928	Ensino secundário.	Belo Horizonte
1929	Ensinos secundário, primário e profissional; educação sanitária.	São Paulo
1931	Diretrizes para a educação popular.	Rio de Janeiro
1933	Elaboração do anteprojeto de organização nacional da educação.	Niterói
1934	Organização geral do ensino no país.	Fortaleza
1935	Educação física.	Rio de Janeiro
1942	A educação primária: objetivos e organização.	Goiânia
1945	Conceito de educação democrática.	Rio de Janeiro
1950	Conferência convocada com o objetivo de obter sugestões para a Lei de Diretrizes e Bases (LDB).	Rio de Janeiro
1954	Financiamento dos sistemas públicos de educação.	Curitiba
1956	Contribuição da escola à compreensão e à utilização das descobertas científicas. Os processos da educação democrática nos diversos graus de ensino e na vida extraescolar.	Salvador
1967	Educação para o desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia.	Rio de Janeiro

De acordo com Libânia Xavier e Luís Antônio Cunha (2010), a partir de 1935, quando a realização das Conferências deixa de ter apoio do Estado, as ações da ABE vão diminuindo, tendo tais Conferências cada vez mais espaçadas, e mesmo após 1945:

[...] os educadores já não estavam impedidos de discutir suas posições, mas estavam integrados na burocracia do Estado ou faziam parte de outras instituições da sociedade civil que, [...] tomaram a si a luta em torno das diretrizes e bases da educação nacional, na qual a ABE - sua promotora desde a década de 1920 - desempenhou papel secundário. Depois da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em dezembro de 1961, a ABE não desempenhou nenhum papel relevante na discussão e formulação de políticas educacionais no Brasil, embora continuasse a existir formalmente. (XAVIER; CUNHA, 2010)

No âmbito da realização da XIII – CNE promovida pela ABE em 1967, com sede na cidade do Rio de Janeiro, sob o tema “Educação para o desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia”, a instituição já não detinha a

²³ Conforme Vieira (2017, p.24).

influência que gozou em décadas anteriores junto ao Estado, principalmente na segunda metade dos anos de 1920 e primeira metade da década de 1930.

Malba Tahan citou trechos de 7 teses apresentadas durante a XIII – CNE de 1967 e um trecho do discurso de abertura dessa Conferência (quadro 11). Malba Tahan não menciona os títulos das teses e do discurso, ou mesmo da Conferência.

Quadro 11: Autores de teses apresentadas na XIII CNE citados por Malba Tahan.

Citação	Quantidade	Autor
Discurso	1	Benjamin Albagli
Tese 1	1	Antônio José Duffles Amarante
Tese 2	1	Francisco Alexandre Ferreira Mendes
Tese 3	3	Isaias Raw
Tese 4	1	Leonardo Korecki
Tese 5	1	Olympio da Fonseca Filho
Tese 6	1	Roy C. Newton
Tese 7	5	Zeferino Vaz

Além de citar o discurso de abertura da XIII – CNE do então presidente da ABE, Benjamin Albagli, e de teses apresentadas durante o evento, Malba Tahan também cita intelectuais que compuseram os quadros da ABE ao longo dos anos. São intelectuais que devido às questões da conjuntura política em que estavam inseridos, seus ideais quanto à educação transitaram por outras instituições e órgãos do governo. Desta forma, podemos selecionar, na bibliografia indicada por Malba Tahan nas antologias, trabalhos dos seguintes autores descritos no quadro 12, abaixo:

Quadro 12: Membros identificados da ABE e citados por Malba Tahan.

Autores	Nº de Citações
A. Carneiro Leão	4
Afrânio Peixoto	3
Anísio Teixeira	6
Celso Kelly	1
Fernando de Azevedo	2
Juracy Silveira	5
Lourenço Filho	7
Jônatas Serrano	2
Sud Mennucci	1
Everardo Backheuser	5
Ofélia Boisson Cardoso	1
Raul Briquet	1

De modo geral, são nomes que tiveram significativo protagonismo no cenário educacional brasileiro enquanto estiveram na ABE e também fora dela. Ocuparam a presidência da ABE: Antônio Carneiro Leão em 1924, 1931 e 1932, Afrânio Peixoto em 1932 e 1933, Anísio Teixeira em 1931 e 1932, Celso Kelly em 1940 e 1942, Lourenço Filho em 1937 e 1938 e Jonatas Serrano, em 1933 e 1934²⁴. Everardo Backheuser, por sua vez, foi um dos fundadores da ABE em 1924. Quanto a Juracy Silveira, Sud Menucci, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo representaram a ABE durante determinadas edições da CNE (VALÉRIO, 2013).

No cenário político administrativo, parte desses intelectuais atuou no âmbito de reformas educacionais em diversos estados brasileiros. De acordo com Toledo (2001, p.47):

A ABE vinculava os propósitos educacionais reformistas a um programa político de reorganização do país, colocando a reforma educacional como instrumento articulador das políticas sociais que dela adviriam. Porém, o ideal educacional estaria acima de divergências políticas e ideológicas, o que possibilitaria a adesão dos que se interessassem pela campanha educacional. As reformas políticas e sociais teriam como base a reforma moral da sociedade brasileira, criando cidadãos honestos, cooperativos e eficientes.

²⁴ “A diretoria da ABE seria composta por seis sócios mantenedores, eleitos por dois anos pela Assembleia ordinária. A quatro deles estaria destinada a presidência, a ser exercida individualmente por cada um durante um trimestre e assim consecutivamente” (VALÉRIO, 2013, p.33 – 34).

Conforme relata Rocha (2011), Anísio Teixeira promoveu na Bahia, entre 1924 e 1928, quando foi Inspetor de Ensino naquele Estado, uma reforma que teve enfoque principal no ensino primário, momento em que ele, influenciado por John Dewey, buscou dar cumprimento aos princípios da Escola Nova, pois este “fazia da escola primária uma instituição educativa ao procurar desenvolver a observação e o raciocínio na criança, enfrentando diversas dificuldades”. Desta forma, como nos diz Rocha (2011, p.80):

A reforma de instrução pública na Bahia, sob liderança de Anísio Teixeira, no início do século XX, foi uma tarefa difícil, não só pela situação extremamente precária da educação primária baiana, como também porque pelo seu dirigente, o inspetor geral de Instrução que, ao assumir o cargo, não tinha nenhum conhecimento do campo da educação pública, aliada a sua formação católica, que o fazia analisar os problemas educacionais pela perspectiva da Igreja católica, uma vez que toda sua formação escolar ocorreu em colégio particular católico.

O artigo de Nunes (2000b), em menção ao centenário do nascimento de Anísio Teixeira (1900–1971), inicialmente traz a trajetória de vida do autor, mas oferece significativo destaque para a influência de John Dewey no pensamento do educador baiano:

O liberalismo deweyano forneceu a Anísio Teixeira um guia teórico que combateu a improvisação e o autodidatismo, abriu a possibilidade de operacionalizar uma política e criar a pesquisa educacional no país. Anísio Teixeira não assimilou Dewey incondicionalmente. Ao contrário dele, que acreditava no pleno êxito das reformas educativas em países pouco desenvolvidos pela ausência de tradições culturais aí arraigadas, Anísio Teixeira conhecia e denunciou criticamente a força dessas tradições na sociedade brasileira. Ao contrário de Dewey, que em nenhum momento indicou, na sua vasta obra, quaisquer medidas de aferição de inteligência ou de escolaridade, Anísio Teixeira aplicou-as nas escolas da rede pública, na década de 1930. Se Dewey permaneceu como pensador independente, não se filiando a qualquer partido, para defender a reforma do governo municipal carioca, Anísio Teixeira chegou até a redigir um programa partidário. Se Dewey nunca entrou na polêmica entre escola confessional e escola pública, Anísio Teixeira mergulhou, em cheio, nela. Anísio Teixeira assumiu também a crítica deweyana dirigida tanto à escola tradicional quanto à escola nova, o respeito ao pluralismo e um pragmatismo temperado pela sua formação em colégios jesuítas e sua experiência na política regional (NUNES, 2000b, p.14).

Em outro trabalho, Nunes (2011) vai tratar da gestão de Anísio Teixeira na Secretaria Municipal de Educação na cidade do Rio de Janeiro, entre 1931 e 1935. Dentre diversas medidas, Nunes afirma que a atuação de Anísio no Instituto

de Educação do Rio Janeiro teria “o papel de formar intencionalmente uma nova mentalidade docente, mais aberta aos inquéritos sociais e escolares, às necessidades biológicas, psicológicas e culturais dos alunos” (NUNES, 2011, p.296). A formação do professor era uma preocupação constante para Anísio Teixeira, conforme ainda nos lembra Nunes (2011, p.297):

Anísio defendia maior cultura geral do que aprendizado técnico na formação docente. Em sua visão, pedagogia que não fosse toda a cultura humana seria bobagem. A aprendizagem apenas pela prática era o maior inconveniente do caráter da profissão docente, graças à perpetuação indefinida da improvisação e dos mesmos erros.

Já Fernando de Azevedo promoveu a Reforma no Distrito Federal entre 1927 e 1930. Camara (2011, p.177–178) vai chamar a atenção para o esforço que Fernando de Azevedo fez para reestruturar a Instrução Pública, “estabelecendo, para isso, a renovação interior da escola, na sua organização, nos seus métodos e nos princípios que deveriam instituir a ideia da escola renovada”, recuperando “seu lado social, deslocando o centro de gravidade do pensamento educacional” (CAMARA, 2011, p. 182–183), e nesse sentido:

[...] o pensamento social de Fernando de Azevedo encontrou nos teóricos da Escola Nova, a exemplo do filósofo John Dewey, do médico e educador Decroly e, sobretudo, do pedagogo alemão Kerschernsteiner, interlocutores privilegiados para pensar um conjunto de estratégias, visando produzir um sistema escolar adaptado às novas exigências sociais da modernização educativa.

Camara (2011) classifica Fernando de Azevedo como um “desbravador da educação”, tal seu empenho na implementação das reformas. Tais mudanças passavam pela conscientização do professor:

Com o intuito de difundir, junto ao professorado da capital, as ideias e os métodos modernos de ensino, a Diretoria Geral de Instrução Pública envidou esforços na organização de cursos e de uma biblioteca de natureza didática e pedagógica contendo volumes que pudessem esclarecer o magistério sobre os princípios da Escola Nova (CAMARA, 2011, p. 189).

O trabalho de Souza (2011) aborda a atuação de Fernando de Azevedo em São Paulo, em 1933. Quando veio para São Paulo, “Fernando de Azevedo detinha o firme propósito de realizar profundas reformas na educação”, e ao

assumir a Diretoria Geral de Ensino, criou o Instituto de Educação de São Paulo e instaurou o Código de Educação. Para implantação da reforma, Fernando de Azevedo elencou os problemas mais urgentes a serem resolvidos, como o regime de férias escolares, turnos dos grupos escolares, ingresso e promoção do magistério, dentre outros. Para Souza (2011, p.345), a reforma do Ensino Normal paulista foi a “iniciativa mais arrojada de Fernando de Azevedo”:

Duas medidas foram relevantes: por um lado a distinção do curso de formação profissional do curso ginasial ou propedêutico. Pela lei, todas as Escolas Normais do estado deveriam ministrar o curso ginasial fundamental de cinco anos seguido da formação profissional de dois anos de duração. Ao mesmo tempo, haveria a transformação do Instituto Pedagógico de São Paulo (Escola Normal Caetano de Campos) em Instituto de Educação concebido como escola superior. [...] Esse Instituto concretizava o ideal do reformador de imprimir um caráter técnico e profissional à preparação do professor e constituiu-se num projeto ambicioso vinculado à proposta de criação da Universidade de São Paulo.

A respeito de A. Carneiro Leão, Paulilo (2011) trata da reforma promovida pelo educador pernambucano no Distrito Federal, entre 1922 e 1926. Paulilo perpassa pelas relações políticas e administrativas de Carneiro Leão enquanto diretor geral da Instrução pública da capital federal. Apesar de não ter assinado o manifesto de 1932, Carneiro Leão foi um “Pioneiro *Honoris Causa*”:

O estudo da reforma Carneiro Leão no Distrito Federal tem mostrado que tomar partido pelo ensino público gratuito para todos, propugnar métodos ativos de educação ou pensar a organização escolar como um sistema articulado de instituições e serviços não compelia à composição política. Não obstante a recusa de Carneiro Leão de subscrever o manifesto de 1932, atualmente as abordagens do período em que dirigiu a Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal incluem suas iniciativas de reforma do ensino público entre as estratégias de implantação da Escola Nova no país. [...] Carneiro Leão foi próximo dos próceres da Escola Nova ao insistir numa preparação escolar baseada na observação e na experiência (PAULILO, 2011, p.55).

O segundo trabalho, de Araújo (2011), que trata da reforma Carneiro Leão em Pernambuco em 1929, destaca que o ponto central da reforma englobava a qualificação e formação profissional, e que segundo a autora possuía diversos “pontos positivos”, dentre eles “a preocupação com a expansão da escolaridade, a revitalização da carreira de professor, licença maternidade, melhoria da qualidade do ensino, criação da Diretoria Técnica de Educação”

(ARAUJO, 2011, p.238), além de outros interesses, que de alguma forma descrevem o campo de ação de A. Carneiro Leão enquanto administrador. Muitas das propostas saíram do plano das ideias e se consolidaram, conforme descreve Araújo (2011):

[...] várias iniciativas foram concretizadas: a implantação da Diretoria Técnica de Educação, das Escolas Técnicas Profissionais Femininas e Masculinas, da Escola de Aplicação, nos moldes preconizados pela Reforma, dos cursos de férias, a utilização de métodos ativos, na nova estrutura curricular proposta para a Escola Normal. (p.243)

Dentre muitas funções que exerceu e cargos que ocupou ao longo de sua carreira, Carneiro Leão foi membro fundador da ABE, entre os anos de 1924 até 1959, exerceu diversas atividades, até ser diplomado membro vitalício da Associação (CHAGURI; MACHADO, 2018, p.77), como é possível ver no quadro 13, abaixo:

Quadro 13: Funções exercidas por Carneiro Leão na ABE²⁵

FUNÇÕES	ANO
Membro da Comissão de Redação da Revista Educação	1939, 1940 e 1941
Membro do Conselho Diretor da ABE	1939 a 1955
Membro da Comissão de Assuntos Gerais de Educação com Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Prado Kelly, Lourenço Filho, Pedro Calmon e Raul Bittencourt	1956 e 1957
Membro Vitalício do Conselho Diretor da ABE com Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Antônio Carneiro Leão, Darci Ribeiro	1959

Não há aqui a intenção de repassar a trajetória biográfica desses intelectuais, já que a historiografia da educação nesse sentido já possui material abundante. A proposta é demonstrar que além das atividades desenvolvidas na ABE, esses intelectuais da educação também se movimentavam politicamente, ocupando cargos diversos na administração pública, onde puderam desenvolver suas propostas para a educação brasileira, além de terem participado ativamente das Conferências Nacionais de Educação, que tiveram um papel fundamental na

²⁵ Conforme Chaguri e Machado (2018, p.77).

disseminação dos ideais da Escola Nova. De acordo com Diana Vidal (2013), no Brasil, a Escola Nova não se deteve apenas no campo pedagógico, algo defendido pelo grupo católico dentro da ABE, mas também no campo político, em prol da renovação do sistema público:

[...] o Brasil foi o único país do mundo ocidental em que a Escola Nova tornou-se um investimento de Estado. [...] No Brasil, entretanto, a Escola Nova constituiu-se em elemento aglutinador de reformas do aparelho escolar municipal ou estadual nas várias regiões, reformas estas implementadas pelas Diretorias de Instrução Pública (antecessoras das Secretarias de Educação). (p.582)

Outro detalhe a ser considerado, é que parte desses nomes citados por Malba Tahan foram signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, redigido por Fernando de Azevedo. A promulgação desse manifesto foi um determinante motivo para que o grupo dos católicos da ABE se desligassem da entidade, como foi o caso de Everardo Backheuser. Diana Vidal (2013) alerta que o Manifesto não pode ser considerado uma reforma educacional, mas que:

Sua formulação, entretanto, deu substância a algumas iniciativas na arena política educativa. Isso se deveu não apenas à plataforma que enunciava, mas ao fato de implicar uma plêiade de educadores que assumiram postos diversos no cenário nacional naqueles anos de 1930. Os contextos de influência e produção do texto estavam ligados a esse grupo, homogêneo o suficiente para configurar uma frente, unido por laços de solidariedade e amizade. (p.584)

A presença de figuras de relevo nos quadros da ABE, além de alguns signatários do *“Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”* de 1932, na bibliografia que compôs as antologias, nos apresenta de alguma forma as fontes das quais Malba Tahan se nutriu para compor seu entendimento a respeito da educação de modo geral, ou seja, a respeito daquilo que deve compor uma antologia “útil ao professor esforçado e estudioso” (TAHAN, 1969, p.10). São citados por Malba Tahan os signatários Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Raul Briquet e Paulo Maranhão. São nomes influenciados pelos ideais da Escola Nova, e que segundo Vidal (2004) tinham objetivo de mudar o ambiente de aprendizagem e suas práticas, propondo “a reordenação das práticas escolares, tendo os alunos como centro do processo educativo, e o ensino ativo como mote das práticas pedagógicas” (VIDAL, 2004, p.

206). Os traços da Escola Nova estão presentes em diversas outras fontes bibliográficas utilizadas por Malba Tahan, como veremos adiante.

3.2 Instituto de Educação e Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos

Além de nomes que atuaram na ABE e que foram signatários do manifesto de 1932, Malba Tahan trouxe para as antologias trabalhos de intelectuais que atuaram em outras instituições ligadas à educação, como o IE-RJ e o INEP. Desses intelectuais, Malba Tahan cita obras, como já indicamos anteriormente, de Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e Anísio Teixeira. Contudo, também traz nomes de professores que lecionaram e ocuparam cargos em departamentos desses Institutos.

O IE-RJ deu seus primeiros passos após as reformas promovidas por Fernando de Azevedo no Distrito Federal, seguidas pelas adotadas por Anísio Teixeira, que vai transformar em 1932 a Escola Normal da capital no IE-RJ, que teve Lourenço Filho sob sua direção até 1937 (VIDAL, 2001, p.20).

Para Paulilo (2015), ao tratar do engendramento burocrático e estratégias empreendidas por Anísio Teixeira à frente do Departamento de Educação (1931–1935), o Instituto de Educação “exerceu o papel de centro de articulação administrativa, de experimentação metodológica e didática e de reestruturação da carreira docente” (PAULILO, 2015, p.125).

Além disso, “mais que um conjunto de conhecimentos e técnicas necessário ao exercício qualificado da atividade docente, o Instituto de Educação estabeleceu programas diferenciados de especialização” (PAULILO, 2015, p.126). De fato, o Instituto passou a ter uma configuração específica após a reforma de Anísio Teixeira, e assim, passou a ser:

[...] constituído por quatro escolas: Escola de Professores, Escola Secundária (com dois cursos: um fundamental com cinco anos de duração, e um preparatório, com um), Escola Primária e Jardim-da-Infância. O curso normal, que antes era classificado como curso de formação profissional, transforma-se num curso superior (Escola de Professores) cursado após a escola secundária de seis anos (LOPES; GURGEL, 2017, p.84).

No último ano em que esteve à frente do Departamento de Educação,

Anísio Teixeira criou a Universidade do Distrito Federal (UDF), sob a reitoria de Afrânio Peixoto. A UDF foi vinculada à Escola de Professores que passou a chamar Escola de Educação, e essa condição permitiu que as alunas oriundas da Escola de Professores pudessem ingressar em um curso superior e assim ascender academicamente, formando professores secundários. A respeito da criação da UDF e a maneira como Anísio a concebeu, Nunes (2000b, p.17) afirma que:

A grande novidade na concepção da Universidade do Distrito Federal (UDF), criada em 1935, é que ela se apresentava como *locus* de aglutinação de professores. Pela primeira vez no país, através da Escola de Educação, que se situava ao lado dos Institutos de Filosofia e Letras, de Ciências, de Política e Direito, de Artes e Desenho e de Música, o magistério alcançava uma formação em nível superior. A concepção de que o profissional da educação é um intelectual e de que a Escola de Educação tem relevância no interior do projeto universitário justifica-a e evidencia o ponto alto de um processo que, já nos anos 20, levava a antiga Escola Normal do Rio de Janeiro a ser transformada em Instituto de Educação. O que está no cerne da concepção de universidade em Anísio Teixeira é a melhoria da qualificação docente, cuja prática via como um misto de ciência e arte e cujo papel reunia a investigação e a transmissão dos conhecimentos produzidos.

A UDF é extinta em 1939 e o Instituto de Educação fica encarregado apenas da formação de professores primários e cursos de aperfeiçoamento para professores já formados, sendo que os professores secundários seriam formados por uma nova instituição, a recém-criada Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (LOPES; GURGEL, 2017, p.87).

Malba Tahan lecionou no Instituto de Educação, na condição de professor catedrático de matemática, ao lado de nomes que lhe são familiares, como do Professor Euclides Roxo²⁶, que foi seu parceiro na publicação de manuais de matemática. A condição de professor catedrático no IE-RJ era respeitada e geralmente estava ligada a nomes que atuavam em outras instituições de prestígio:

Tradicionalmente ocupado por nomes de grande projeção intelectual, o cargo de professor catedrático era restrito a indivíduos que circulavam em meios acadêmicos como Academia Brasileira de Letras (ABL), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Associação Brasileira de

²⁶ O Professor Euclides Roxo trabalhou também no Colégio Pedro II e foi membro da ABE, tendo publicado alguns artigos na *Revista Schola*, no entanto, Malba Tahan não faz qualquer menção ao seu trabalho em suas antologias.

Educação (ABE) ou lecionavam em escolas secundárias prestigiadas, como o Colégio Pedro II (LOPES; GURGEL, 2017, p.82).

Dentre os intelectuais que compuseram o quadro de professores, nos departamentos e/ou na direção do IE-RJ em diferentes momentos da instituição, Malba Tahan citou nas antologias os nomes de: Anísio Teixeira, idealizador e criador do Instituto; Lourenço Filho, o primeiro Diretor Geral; Jônatas Serrano, professor de História da Civilização; Iva Waisberg Bornow, que foi aluna da Escola de Professores e ingressou como professora de Psicologia da Educação por meio de concurso no Instituto em 1943; Celso Kelly, que foi Coordenador de Cursos de Aperfeiçoamento, professor de História da Educação e de Fundamentos Sociais da Educação em cursos para professores e diretores de escola; Alfredina de Paiva Souza, que foi Assistente da Secção de Matérias de Ensino na Escola de Educação, tendo atuado como professora de Didática Geral em diversos cursos; A. Carneiro Leão, que após se afastar do Instituto em 1937, voltou ao mesmo em 1950, como coordenador de cursos de aperfeiçoamento. Malba Tahan também atuou como professor nos cursos de aperfeiçoamento de professores no Instituto, tendo lecionado cursos de Literatura Infantil e Arte Folclórica.

Outros intelectuais citados por Malba Tahan tiveram artigos publicados na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (RBEP), uma publicação do INEP. O INEP teve como seu primeiro Diretor Geral Lourenço Filho, entre 1938 e 1946, quando foi substituído por Murilo Braga Filho. Anísio Teixeira substituiu Murilo Braga Filho em 1952, um ano após ter assumindo a supervisão da CAPES. Nomes que publicaram artigos na RBEP, criada em 1944 por Lourenço Filho, aparecem também nas antologias. Em sua folha de apresentação, a RBEP trazia expresso seu objetivo:

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS, órgão dos estudos e pesquisas do Ministério da Educação e Cultura, publica-se sob a responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, e tem por fim expor e discutir questões gerais da pedagogia e, de modo especial, os problemas da vida educacional brasileira. Para isso aspira congrega os estudiosos dos fatos educacionais do país, e refletir o pensamento de seu magistério. REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS publica artigos de colaboração, sempre solicitada; registra resultados de trabalhos realizados pelos diferentes órgãos do Ministério e pelas Secretarias Estaduais de Educação. Tanto quanto possa, REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS deseja contribuir para a renovação científica do trabalho educativo e para a formação de uma esclarecida mentalidade pública em matéria de educação.

A presença de nomes alinhados com o pensamento escolanovista é constante nos artigos e materiais apresentados na revista. Além dos já citados Anísio Teixeira e Lourenço Filho, os intelectuais Fernando de Azevedo, Juracy Silveira, que foi diretora da escola México, Everardo Backheuser, A. Carneiro Leão, Gildásio Amado, Rafael Grisi, Imídeo Giusepe Nérici, Alceu Amoroso Lima, Irene da Silva Mello de Carvalho e Lúcia Marques Pinheiro. São intelectuais lembrados por Malba Tahan, mas por meio de outros trabalhos publicados, pois Malba Tahan não faz nenhuma citação de artigos apresentados por esses educadores na RBEP, o que não permite dizer que ele não era leitor da revista, mas a ausência de citações é de algum modo sugestiva.

3.3 A Coleção Atualidades Pedagógicas

Outro grupo de citações que podemos identificar nas antologias são aquelas ligadas à Coleção Atualidades Pedagógicas. Esta coleção foi organizada por Fernando de Azevedo até 1943 e, posteriormente, por J.B. Damasco Penna, tendo sido publicada pela Companhia Editora Nacional (CEN) em 1931. Fazia parte da Biblioteca Pedagógica Brasileira, dentre diversas coleções que a CEN publicava. A Biblioteca Pedagógica Brasileira se enquadrava, como outras coleções da editora, em uma estratégia editorial frente à demanda crescente do mercado por livros voltados à educação universitária, secundária e fundamental. Dentro dessa estratégia, a escolha do nome do organizador da coleção é parte importante.

De acordo com Toledo (2001, p.57), a CEN, desde seu início, adentrou ao mercado de livros educacionais, o que determinava dentro da editora uma especialização interna no trato de cada seguimento publicado. Com relação às coleções, há um cuidado em relação ao nome escolhido para organização da mesma, desde a escolha dos títulos à escolha dos autores, pois “a noção da relação popularidade do nome do autor/sucesso do livro é transferida para a relação nome do responsável pela coleção/sucesso da coleção”, o que serviria como “propaganda e autorização dos textos publicados”, ou seja, o nome escolhido para assinar uma coleção dentro da editora é fundamental:

A escolha do nome do organizador, do ponto de vista da estratégia comercial, muitas vezes, garante o convencimento do público de que a seleção ali operada é confiável e serve aos fins determinados pela apresentação da coleção. O nome do organizador é propaganda para o público; pode ser uma das chaves de sua difusão. O nome próprio do organizador da coleção pode criar a necessidade do consumo dos textos ali alocados, por ser autoridade reconhecida na matéria. A autoridade e a projeção do nome do editor da coleção, neste sentido, são transferidas para a coleção e funcionam como propaganda desta [...] Os organizadores das coleções também poderiam vincular seus projetos às coleções para as quais eram chamados a organizar, ganhando espaços estratégicos para a divulgação de suas ideias e as dos grupos aos quais estavam vinculados. Como especialistas em determinadas questões ou áreas, estavam autorizados a constituir projetos de leituras específicos para o público visado, prescrevendo aquilo que era necessário para a sua formação. (Toledo, 2001, p.57–58).

Quando Fernando de Azevedo é escolhido para assinar a série Biblioteca Pedagógica Brasileira, seu nome já gozava de prestígio no meio educacional nacional, mas principalmente em São Paulo e no Distrito Federal²⁷. De acordo com Toledo (2001, p.64–66), a opção da CEN pelo nome de Fernando de Azevedo, a colocou ao lado de um dos grupos que disputavam o protagonismo do cenário educacional brasileiro, católicos e renovadores, portanto, deste último ligado a Azevedo. Desta forma, a coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira, dotada de novos recursos gráficos, serviu de porta à divulgação das ideias dos autores alinhados com os ideais da Escola Nova, conforme relata Toledo (2007b, p.4):

O programa editorial proposto por Azevedo foi alçado à condição de referência nacional do escolanovismo, pelas estratégias de produção e difusão mobilizadas. Por dispositivos tipográficos e textuais inovadores, como capas sofisticadas, índices, notas de rodapé, textos nas orelhas, prefácios etc., Azevedo objetivou a construção de uma nova cultura pedagógica, marcada pela fé nos avanços das ciências e, especificamente, das ciências humanas. Programou autores e textos oriundos da reforma empreendida por Anísio Teixeira, no Distrito Federal, entre 1931 e 1935; e da sua própria reforma, em São Paulo, em 1933, que projetou a institucionalização do Instituto de Educação de São Paulo; assim como os autores da ABE carioca.

Após a saída de Fernando de Azevedo da CEN em 1943, a coleção Atualidades Pedagógicas tem seu projeto modificado, pois “a fórmula editorial de

²⁷ Fernando de Azevedo “Dirigiu o Inquérito sobre a Instrução Pública paulista, organizado pelo O Estado de S. Paulo em 1926; foi diretor da Instrução Pública do Distrito Federal e diretor do Departamento de Educação em São Paulo, em 1933, participando ativamente dos debates sobre educação nas décadas de 1920 e 1930, além do trabalho realizado na ABE e da Elaboração do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932.

Penna aproximava-se das estratégias católicas de apropriação e de difusão de um escolanovismo depurado” (TOLEDO, 2007a, p.11). Os critérios para escolha dos autores e modelo de publicação se modificam, passando a ser em maior número a publicação de manuais, pois “o gênero permitia a seleção e referenciava um *corpus* de saberes de autores e textos que sintetizassem uma determinada disciplina do campo educacional” (TOLEDO, 2007a, p.12). Nesse sentido, Toledo afirma que:

A opção pela publicação quase exclusiva de manuais deslocava o programa da Coleção da proposta anterior, cujo cerne estava na oferta direta dos textos apontados como as bases do escolanovismo, proporcionando ao público leitor a possibilidade de apropriação direta dessas. O programa de formação publicado por Penna, em tempos de grande controle e censura, permitia o uso do material impresso por diversas instituições de formação do professorado, acomodando-se facilmente às diferentes representações e apropriações do que seria a moderna pedagogia, constituída pelo consenso aparente dos termos. [...] Penna, no processo de reformulação das Atualidades, opera a “catolicização” da Coleção: programa compêndios de divulgação científica que apresentavam, em amplas perspectivas, os mais novos conhecimentos desenvolvidos nesta ou naquela disciplina do campo da Educação, utilizáveis tanto no ensino normal, como no ensino superior, pela facilidade da linguagem; esse manuais elidiam qualquer referência política contida nos textos e autores, na medida em que eliminavam diferenças e os apresentavam em sequência harmônica e evolutiva; seleciona, para o programa de edição, autores de referência da pedagogia católica (TOLEDO, 2007a, p.13).

Com exceção de Theobaldo Miranda dos Santos, autor de influência e orientação católica e que teve duas obras indicadas, os demais autores citados por Malba Tahan e que têm seus nomes ligados à Coleção Atualidades Pedagógicas, tiveram apenas um trabalho citado: A. M. Aguayo, René Hubert, Afrânio Peixoto, Hélio Cyrini, Lourenço Filho, R. Valnir C. Chagas, Edouard Claparède, Louis Meylan, M. Boorda e Pierre Bovet, Paul Foulquié e Rafael Grisi.

A respeito da citação de Lourenço Filho neste caso, ela tem origem em um único artigo publicado na *Revista Atualidades Pedagógicas*, número 37 de 1956. A revista, que foi publicada de 1950 a 1962, também fazia parte da Biblioteca Pedagógica Brasileira da Companhia Editora Nacional, tendo ainda em sua primeira edição artigo de Lourenço Filho.

3.4 Autores Estrangeiros

Os ideais “escolanovistas” estão presentes em parte significativa dos autores citados por Malba Tahan nas três antologias. Não se trata apenas de basear-se no trabalho de reformadores e nomes de prestígio como A. Carneiro Leão, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo ou Anísio Teixeira, mas também daqueles que atuaram junto deles, os seguiram ou os inspiraram.

Nesse ponto, há presença considerável de autores estrangeiros utilizados por Malba Tahan, que de alguma forma influenciaram esses Pioneiros. Quanto a isso, Vidal (2000, p.512–513) aponta que houve significativos esforços para trazer ao contato dos professores brasileiros obras de autores estrangeiros:

Os educadores renovados pretendiam acompanhar as discussões teóricas e as inovações práticas realizadas na educação europeia e norte-americana. Nesse sentido, não apenas liam textos estrangeiros como empreendiam esforços para tornar a bibliografia internacional acessível ao magistério público brasileiro, por meio da tradução e publicação no Brasil de várias obras.

A historiadora comenta que esses educadores “utilizavam-se, ainda, dessa literatura estrangeira para respaldar sua ação educativa no território nacional”, e que não era estranho as recorrentes citações em seus trabalhos a nomes como J. Dewey, citado uma vez por Malba Tahan em *Antologia do bom professor*. Já o autor com o maior número de citações nas antologias é o português Mario Gonçalves Vianna, que, segundo Cunha (2017), foi um pedagogo, sociólogo e professor de língua portuguesa, além de licenciado em direito, e que escreveu sobre arquivologia, formação de bibliotecas, manuais de leitura, manuais de escrita e pedagogia. Suas obras circularam de alguma forma no Brasil, mesmo não sendo publicado por editoras brasileiras, mas apenas portuguesas:

A obra de Viana circulou amiúde no Brasil, haja vista sua presença atual nas estantes virtuais de compra de livros, em acervos nacionais, como o da Biblioteca Nacional, e em bibliotecas universitárias, como a da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), que contém duas de suas obras. Tais presenças atestam sua circulação em terras

brasileiras, ainda que não se tenha notícia de seu uso escolar no Brasil.
²⁸ (CUNHA, 2017, p.302)

Dentro da variedade de temas abordados por Mario Gonçalves Viana, Pintassilgo (2017, p.37) observa que em sua pedagogia:

[...] manifestou-se próximo das concepções e práticas herdeiras da Educação Nova, que então surgia como “escola ativa”. No seu pensamento sobre os professores, Gonçalves Viana articula a valorização da dimensão especificamente profissional com uma reinterpretação de algumas das categorias tradicionais do trabalho docente, como sejam vocação, missão e exemplaridade.

Tal proximidade de Mário Gonçalves Viana com os ideais da Escola Nova, também é destacada por Cunha (2017). A autora fez um estudo sobre um manual voltado às escolas normais, o *Lições de Pedagogia, 1ª ano*, de Aquiles Archêro Júnior, autor citado quatro vezes por Malba Tahan, e seu diálogo com outro manual, o *A arte da leitura*, de Mário Gonçalves Viana. Cunha (2017, p.296–297) observou que na lista de autores citados por Archêro em seu manual, há nomes relacionados “a um discurso filosófico ligado à Escola Nova e associado a uma nova cultura escolar, que valorizava a experiência da criança e propiciava atividades que estimulassem sua criatividade”. Cunha (2017) menciona os seguintes autores citados por Archêro, que também são citados por Malba Tahan nas antologias: Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Theobaldo Miranda Santos, Jônathas Serrano, Everardo Backheuser, J. Dewey, A. M. Aguayo e o autor português Mário Gonçalves Viana. Aquiles Archêro Júnior, que fora Assistente Geral do Departamento de Educação, Diretor da Escola Universitária de São Paulo, quando Fernando de Azevedo estava na instituição, e Chefe do Ensino Secundário e Normal, com as citações e referências em seu manual, confirma a fala de Vidal quanto à influência de autores estrangeiros entre os “escolanovistas”.

Segundo Pintassilgo (2017, p.42), a docência aparece “frequentemente sacralizada nos discursos dos professores”, e aponta que na obra de Mario Gonçalves Viana ocorre o mesmo:

²⁸ Além da presença da obra de Mário Gonçalves Viana na UDESC, também encontramos, por exemplo, suas obras nos acervos das bibliotecas da USP - Universidade de São Paulo, com 21 registros, UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, com 16 registros e na UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com 10 registros, o que confirma a afirmação da autora.

As referências à profissão, à sua elevada importância social, à necessidade de os professores contribuírem para a sua dignificação são constantes. Os professores são apresentados como sendo os verdadeiros especialistas do ato educativo, detentores, como já notamos, de um saber capaz de fundamentar cientificamente a sua atividade e de uma experiência prática capaz de enriquecer os princípios que os norteiam.

Após Mário Gonçalves Viana, o autor mais citado por Malba Tahan é Willian A. Kelly e seu livro *Psicologia Educacional*²⁹, com 21 citações. As questões ligadas à psicologia educacional foram recorrentes entre os “escolanovistas”, e a presença desses autores entre os artigos e excertos nas três antologias é representativa.

3.5 Manuais de Psicologia Educacional e História da Educação

Segundo Assunção (2007), no período de 1920 a 1960, os livros didáticos de psicologia educacional ganharam significativa proeminência, apesar de que no recorte estudado pela autora, os conteúdos teriam sofrido poucas mudanças. A importância de temas ligados a essa área consolidou-se com o estabelecimento dos ideais da Escola Nova em virtude das diversas reformas educacionais que ocorreram nos estados.

De acordo com o levantamento feito por Assunção (2007), ao compararmos os autores que escreveram livros sobre Psicologia Educacional com o material utilizado por Malba Tahan, identificamos os autores: Guerino Casasanta, Iva Waisberg Bonow, Ruy de Ayres Bello e Theobaldo Miranda Santos. O trabalho e a abordagem desses autores visavam atender uma demanda na formação de professores normalistas, e podemos ver reiteradamente traços dessa influência nos temas destacados por Malba Tahan em toda a série publicada por ele na Editora Vecchi.

A Psicologia Educacional teria como objetivo, nos Cursos Normais, desenvolver uma atitude científica nas alunas, futuras professoras, propiciando-lhes, além de um autoconhecimento, o conhecimento da criança (baseado na higiene mental), buscando, sempre, o ajustamento desta ao meio. É visível nesse período a utilização de termos tais como:

²⁹ Souza (2016), mostra em sua tese (2016) que os livros de Willian A. Kelly *Psicologia Educacional* e *Psicologia da Educação* estavam presentes na bibliografia de disciplinas sobre Psicologia da Educação naquela universidade ainda em 1973.

“criança retardada”, “criança nervosa”, “criança com perturbações da linguagem”, “crianças com defeitos de caráter”, “crianças com anomalias de crescimento”, “crianças com deficiências auditivas”, dentre outros (ASSUNÇÃO, 2007, p74–75).

Os manuais de psicologia da educação e a formação de professores são discutidos por Lima e Catani (2015, p.584), para elas os autores de tais “manuais de psicologia educacional recorriam ao discurso da Escola Nova para expressar a ideia de que a principal finalidade da educação era fazer de cada criança uma pessoa capaz de oferecer sua melhor contribuição para a sociedade”:

Os manuais de psicologia educacional eram dedicados aos futuros mestres, alunas e alunos das Escolas Normais, institutos de educação e faculdades onde os autores lecionavam, incluindo diversas instituições católicas. Em alguns casos, sob o título, informava-se que o conteúdo do compêndio estava adequado aos programas oficiais. Os autores dos manuais de psicologia educacional examinados posicionavam-se como especialistas da área, como intermediários entre os psicologistas estrangeiros – de que eram leitores – e seus colegas de profissão e discípulos³⁰ (LIMA; CATANI, 2015, p. 583).

Malba Tahan distribuiu os temas abordados por esses autores entre as três antologias de forma heterogenia, mas convém ressaltar que são os autores que aparecem com a maioria das citações. Somente Mário Gonçalves Vianna, Willian A. Kelly, Emmanuel de Castro, Theobaldo Miranda dos Santos e Guerino Casasanta, juntos, somam 86 citações, sendo que entre as três antologias, a que mais privilegiou a psicologia educacional foi *Roteiro do Bom Professor*. São números que demonstram a preocupação de Malba Tahan com o tema, mas também o quanto tais autores impactaram em sua formação intelectual.

Outro gênero de manuais presentes na bibliografia das antologias são os manuais de história da educação. Não pela quantidade de citações, mas pela notoriedade de alguns autores, principalmente por um manual em específico, o *Pequena História da Educação* – 1936, das Madres Francisca Peeters e Maria Augusta de Cooman, publicado pela Melhoramentos como parte da coleção Biblioteca Pedagógica, organizada por Lourenço Filho.

Convém dizer brevemente que a Biblioteca Pedagógica foi uma coleção no mesmo diapasão das Atualidades Pedagógicas organizada por Fernando de

³⁰ As autoras examinaram os manuais de Nelson Cunha de Azevedo, Justino Mendes, João de Sousa Ferraz, Onofre de Arruda Penteado Junior, Theobaldo Miranda Santos, Afro do Amaral Fontoura, Guerino Casasanta e Sylvio Rabello, sendo que os seis últimos tiveram suas obras citadas por Malba Tahan.

Azevedo na Companhia Editora Nacional, mas com suas peculiaridades. O editor “usa os prefácios como protocolo para organizar a compreensão do texto publicado no volume prefaciado, validando a autoridade da autoria, e explicitando as razões pelas quais o livro entra na Coleção”, ou seja, a escolha era criteriosa e objetivava contemplar “os saberes pedagógicos necessários à transformação da mentalidade e da prática do professorado” (CARVALHO; TOLEDO, 2007, p.6–7).

De acordo com Freitas e Nascimento (2006) o livro *Pequena História da Educação* teve significativo sucesso de publicação, pois há referência sobre ele ter sido adotado até os anos de 1970 em alguns cursos normais e cursos para formação de professores, tendo sido publicado apenas “três anos após a entrada em circulação de *Noções de História da Educação*, de Afrânio Peixoto, o primeiro manual didático de História da Educação produzido no Brasil” (FREITAS; NASCIMENTO, 2006, p.1). O manual foi referência para os trabalhos de outros autores, como Ruy de Aires Bello e Theobaldo Miranda Santos, respectivamente o *Esboço da História da Educação* e *Noções de História da Educação* (VIDAL; FARIA FILHO, 2005).

Malba Tahan não fez uso do livro de Theobaldo, mas trouxe os trabalhos de Ruy de Aires Bello, das Madres Peeters e Cooman, de Afrânio Peixoto e Raul Briquet, porém a presença de manuais de história da educação em sua bibliografia possibilita projetarmos a importância dessa disciplina na formação do professorado da época, pois “desenvolvida como disciplina científica, a partir do interesse das escolas normais, dos cursos de Pedagogia e de outros cursos superiores de formação de professores” (FREITAS; NASCIMENTO, 2006, p.9), exercia influência no saber do professorado. Para Roballo (2009, p.14), os manuais de história da educação do período:

[...] são produtores de memória educacional e divulgadores de um saber para o processo de formação do magistério. As noções apresentadas sobre história e educação revelaram não só ensinamentos úteis para as alunas normalistas, mas seus julgamentos sobre o passado, seus engajamentos no contexto a partir da década de 1930 e seus desejos para um futuro no qual a escola é o lugar de transformação da sociedade brasileira e a educação seu instrumento necessário.

3.6 A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul

As revistas voltadas para professores foram outra fonte considerável de material da qual Malba Tahan fez uso abundante em suas antologias. A *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul* (RE/RS) foi uma delas. Ela foi publicada pela Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul entre 1939 e 1978. Em 1956 passou a ser publicada sob a supervisão técnica do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul (CPOE/RS).

Segundo Pereira (2017, p.56), o CPEOE/RS teve significativa importância no processo de reforma e renovação do ensino no Rio Grande do Sul, tendo a *Revista de Ensino* também exercido importante papel nessa tarefa, com abrangência nacional e circulação por meio de assinaturas, divulgando pesquisas de caráter pedagógico em diversas áreas, gozando ao longo do tempo de credibilidade junto ao professorado, tendo recebido artigos de nomes como Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Juracy Silveira:

[...] o que dava respaldo à RE/RS, além da qualidade e do aprimoramento de suas edições, era o fato de oferecer um grande número de material e sugestões para o professor trabalhar em suas aulas, com encaminhamento metodológico minucioso. Assim, essas características tornaram a revista um órgão merecedor de respeito e, na perspectiva deste trabalho, fonte de onde se enunciavam verdades, que eram consideradas pelos seus leitores como tais (PEREIRA, 2017, p.59).

Pereira (2017, p.63) esclarece que o CPEOE/RS foi o principal órgão divulgador dos ideais da Escola Nova naquele estado sendo que “muitos dos discursos vinculados à RE/RS [...] tiveram marcas dessa vinculação à Escola Nova”:

[...] considero importante reiterar o fato de as ideias do escolanovismo serem forte elemento a permear o pensamento pedagógico do CPOE/RS, que se ocupou da RE/RS durante parte de sua existência e, por meio dos artigos publicados, provavelmente, reproduziu essas concepções. (PEREIRA, 2017, p.69)

De acordo com Bastos (2017, p.65), a revista:

Buscou ser um instrumento técnico-pedagógico de atualização permanente dos professores em serviço e dos alunos das escolas normais, através da divulgação de experiências pedagógicas, da

realidade da educação e do ensino, como apoio ao conteúdo das diferentes áreas que compunham o currículo do ensino. [...]. Instrumentalizava a professora na execução da atividade docente, através de fartos recursos visuais e sugestões variadas, com a publicação de suplementos didáticos. Como instância de produção e de circulação dos saberes escolares, o periódico é uma fonte privilegiada para a escrita da história da educação infantil.

Dentre os muitos assuntos e artigos publicados na revista, Pereira (2017) estudou aqueles que abordaram a matemática e sua didática, e indicou dois artigos publicados por Malba Tahan como sendo relacionados à matemática. Contudo, ao pesquisarmos, identificamos que o primeiro foi o conto “O Cântaro Milagroso”, publicado na edição de abril de 1954, e o segundo artigo trata de técnicas para contar histórias, sendo publicado na revista de junho de 1958.

A revista se dedicava desde o ensino pré-primário ao ensino secundário, e organizava seus artigos por secções. Malba Tahan citou ao todo 36 vezes a RE/RS, sendo que a edição que forneceu mais citações foi a de abril de 1952, com 6, e a secção da revista que mais teve citações foi a “Escola Pré-primária” com 16. Através de algumas dessas citações podemos projetar a maneira de como Malba Tahan trabalhou os conteúdos que compuseram as antologias: selecionar parágrafos de forma pontual, transformando-os nos capítulos das antologias.

A Professora Giselda Guimarães Gomes publicou um artigo com o título de “O Furto Entre os Escolares” na edição de abril de 1952, página 58, da Revista do Ensino. Malba Tahan indicou quatro citações dessa autora, retirando quatro parágrafos do artigo e transformando-os em dois capítulos do livro *Páginas do Bom professor* e um capítulo da *Antologia do Bom Professor*³¹, sendo editados nos livros fora da sequência original apresentada na revista. Há uma quarta citação, que no livro *Roteiro do Bom Professor* consta como sendo da edição de abril da revista, mas que na verdade trata-se de outro artigo da Professora Giselda, com o título “O Medo: sua influência na conduta escolar no rendimento da aprendizagem”, publicado na edição de maio de 1952, página 43. O procedimento foi o mesmo, retirou-se um parágrafo, transformando-o em capítulo.

Outro artigo teve o mesmo tratamento. A professora Edy Flores Cabral publicou um artigo na revista de novembro de 1951 com o título “O Professor de Adultos”, na secção “Ensino Supletivo”. Malba Tahan fez uso dos três primeiros

³¹ Na lista de autores dessa obra não consta essa citação, mas ela está presente na página 45.

parágrafos, ou seja, extraiu pontualmente trechos do artigo e montou um capítulo. Essa maneira de trabalhar se repetiu com os artigos da Revista Escola Secundária, que veremos em seguida.

3.7 Revista Escola Secundária e outras publicações da CADES

O material publicado pela CADES foi a fonte mais utilizada por Malba Tahan para compor sua antologia. Identificamos a Revista Escola Secundária, Apostilas de Didática, Cadernos de Orientação Educacional e Livros publicados pela Campanha. A identificação desse material nas antologias apresenta, como ocorre em diversas outras indicações, informações e referências incompletas, o que dificulta sua localização posterior. Dentre esse material, as Apostilas de Didática e edições da Revista Escola Secundária destacam-se, pois concentram 66 de 84 citações do material produzido pela CADES, do qual Malba Tahan se serviu, sendo que um total de 62 autores são mencionados.

A influência da CADES em Malba Tahan é perceptível em alguns textos apresentados nos livros publicados pela Editora Vecchi em 1967, como vimos no capítulo anterior. Contudo, fica mais evidente essa influência ao analisarmos o trabalho feito na composição das antologias, não somente pelo número de autores utilizados, mas também pela forma que o texto foi organizado em suas páginas.

Malba Tahan, além de “professores modestos”, que em sua maioria foram seus alunos nos cursos da CADES, citou nomes importantes que contribuíram com seu trabalho nas diversas publicações da CADES. Destaco os nomes de Anísio Teixeira, Gildásio Amado e Lauro de Oliveira Lima, que segundo Nunes (2000a, p.35), são educadores que “apresentavam o ensino secundário como um dos problemas cruciais da educação brasileira. Lutaram, cada um ao seu modo, pela sua renovação pedagógica”, e que tiveram seus livros, pesquisas e trabalhos distribuídos “nos cursos e seminários patrocinados pela Campanha de Desenvolvimento do Ensino Secundário (CADES), destinados a professores em todo o país”. Nunes (2000a, p.49) reforça que o livro de Lauro de Oliveira Lima, *A escola secundária moderna – organização, métodos e processos*, citado por Malba Tahan, “foi um grande sucesso de aceitação”.

De acordo com os estudos de Frangella (2007), entre os principais

colaboradores da Revista Escola Secundária estavam professores e ex-professores do Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade do Brasil, colégio ligado à Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi), cujo primeiro diretor foi o Professor Luiz Alves de Mattos, Catedrático em Didática da FNFi, outro autor citado por Malba Tahan. Segundo Frangella (2007), a Revista Escola Secundária:

[...] pode ser vista como prática de criação/produção de identidades docentes ao estabelecer fronteira entre o que é ser ou não o professor secundário moderno que atenderia aos desejos de mudança postos como objetivos. É exatamente nessa relação, na diferenciação que se processa a criação de identidades. [...] O discurso nela apresentado produz e demarca territórios diferenciados: o que está incluído e o que se deve incluir. Ao representar o “bom professor”, alavanca a produção de uma dada identidade que adquire sentido a partir das representações apresentadas (FRANGELLA, 2007, p.6).

Para Frangella (2007, p.7), “a leitura da revista leva ao reconhecimento do professor na condição de profissional que, dominando os instrumentos adequados, desenvolveria um bom trabalho”, além disso:

A leitura que a revista oferece funciona como instrumento de legitimação de uma prática que se pretende padrão para as escolas secundárias do país: a prática narrada em suas páginas demonstra, numa análise mais atenta, o alto grau de seletividade a que as trocas de experiências e intercâmbio estão sujeitas, na medida em que apenas uma voz – a dos professores do CAp e da FNFi –, é autorizada. Isto faz com que as experiências postas em discussão na revista configurem horizonte ideal para a prática, evidenciando o certo, o adequado, enfim, o conhecimento que se impõe como e com autoridade sobre todas as outras possibilidades de atuação. [...] a produção da Revista Escola Secundária, é possível argumentar que, como instância formadora, a revista envolve mais do que conhecimentos teóricos necessários à atuação profissional. Através dela, significa-se a própria atuação docente, formando condutas, valores, normas e sentidos sobre a prática a ser exercida. Nesta orientação, mais do que conhecimentos pedagógicos, é instituída uma identidade, legitimando as formas de atuação deste professor (FRANGELLA, 2007, p.7).

A autoridade do conteúdo e modelo de professor divulgado pela revista é identificada por Miranda e Garnica (2019) ao analisarem os livros e manuais publicados pela CADES. Segundo os autores, esse material destacava que seu conteúdo estava em “acordo com a legislação vigente”, e que apesar de conter escritas de autores diferentes, tinha um “discurso harmônico”, e que “mesmo com temáticas diversas, buscavam defender ideias e ideais próximos uns dos outros, uma atitude essencial para a criação de um modelo de professor secundário”,

além disso, sua linguagem era de:

[...] fácil compreensão, sem muitos conceitos complexos ou palavras rebuscadas. Apresentam certo tom professoral, de ensino, e o frequente uso das formas verbais “deve” e “é”, bem como do substantivo “obrigação”, revelando certa intenção prescritiva. Isso, aliado ao peso de estarem diretamente vinculados a uma Campanha governamental, intensificava a impressão de que as práticas e o modo de condução do ensino neles tratados eram os corretos a serem seguidos. A simplicidade na elaboração textual também servia adequadamente como fonte de formação aos professores leigos, que seriam por esses livros introduzidos ao estudo de conteúdos com os quais ainda não tinham tido o contato mínimo (MIRANDA; GARNICA, 2019, p.10).

Desta forma, ao trazer o material da CADES para compor suas antologias, Malba Tahan acabou investindo seus livros com essa autoridade, não somente pelos autores e material que utilizou como referência, mas também pela forma como esse material está apresentado, pois as antologias seguem um estilo próximo, senão igual, ao da *Revista Escola Secundária*.

A *Revista Escola Secundária* apresenta seus artigos com o título, autor, texto, bibliografia e uma frase ou pensamento que em geral deve fechar a ideia apresentada pelo texto que a antecede. Esse é o mesmo estilo utilizado por Malba Tahan na organização dos textos que compuseram as antologias.

Como exemplo, temos o caso do excerto apresentado no livro *Roteiro do bom professor*, página 23, de autoria do Professor Bandeira Duarte. O original desse texto foi publicado na *Revista Escola Secundária*, número 13, junho de 1960, página 38. Dessa página, Malba Tahan retirou não apenas um capítulo para a antologia, mas também uma frase que foi alocada na página 39 do livro *Roteiro do bom professor*. Contudo, a realocação das frases e pensamentos por Malba Tahan não segue um alinhamento com os temas e assuntos como ocorre na *Revista Escola Secundária*, o que é indício de que parte dessas alocações, opiniões e pensamentos foram retirados dos conteúdos da própria revista.

O mesmo se deu com a citação de uma frase de Diamantino Martins feita em *Páginas do Bom Professor*, página 160. No original, *Revista Escola Secundária*, número 13, junho de 1960, página 68, essa frase encerra o artigo do Professor Lucas N. H. Bunt que trata do ensino de estatística nas escolas holandesas. Apesar de a revista mencionar a autoria da frase, Malba Tahan não faz menção alguma em sua antologia.

Assim, Malba Tahan foi seccionando os diversos artigos e capítulos,

não apenas da *Revista Escola Secundária*, mas também dos livros, manuais e cadernos, distribuindo-os de maneira aleatória pelas páginas das antologias. Essa maneira de trabalhar assemelha-se ao estilo utilizado para aproveitamento dos artigos que publicou na coluna “A Escola e a Vida” na *Folha de São Paulo*, como apresentamos no capítulo dois. Tal maneira de lidar com autores, livros, artigos e afins, para elaborar os próprios trabalhos, o acompanhou por toda a carreira.

Conclusão

A pesquisa sobre a série de seis livros que Malba Tahan publicou através da Editora Vecchi, *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O professor e a vida moderna*, *O mundo precisa de ti, professor*, *Antologia do bom professor*, *Roteiro do bom professor* e *Páginas do bom professor*, possibilitou discutirmos obras que ainda não haviam sido analisadas em outros trabalhos pela historiografia até então. Compreendeu-se que os seis livros formam uma série com características próprias e que permitem enxergarmos não apenas a maneira de trabalhar de Malba Tahan, mas também seu repertório e abrangência intelectual.

Desta forma, em um primeiro momento, foi imprescindível conhecer a materialidade dessas obras. Ao constatarmos o método utilizado para a impressão, o método tipográfico, possivelmente como sendo uma escolha da editora, e dados os escassos materiais de divulgação encontrados, deduz-se que foram obras com baixa tiragem.

Trata-se de livros com papel, encadernação e impressão simples, o que nos permite dizer que foram também livros de baixo custo. As capas, feitas em papel de baixa gramatura, dão amplo destaque ao nome do autor, demonstrando que a editora apostou no prestígio de Malba Tahan enquanto escritor, deixando em segundo plano os títulos e conteúdo das obras. Ao apresentar a série de livros no único material promocional impresso pela editora que foi encontrado no arquivo, a marca do autor de *O homem que calculava* surge em primeiro lugar. Ou seja, o nome Malba Tahan aparece como uma marca de confiabilidade do material então oferecido, muito mais pelo histórico enquanto escritor do que professor, pois pouco se fala a respeito dos conteúdos dos livros, apenas que se destinam especialmente a professores. Esse enfoque editorial é possível constatar através de propagandas promovidas pela editora nos jornais da época, onde a defesa dos livros acontece muito mais por autores de renome que elogiam e manifestam seu apreço por Malba Tahan, do que pelo conteúdo.

Observando propagandas e anúncios de outros autores, livros e revistas publicados em jornais pela Editora Vecchi, constata-se que o mercado de livros didáticos não fazia parte do seu eixo comercial, o que fomentou dúvidas

sobre qual teria sido a relação de Malba Tahan com a Editora Vecchi. Não foi possível saber de qual das partes partiu tal aproximação para publicarem os seis livros. Todavia, aventamos a hipótese de que a publicação desses livros por meio da Editora Vecchi foi um passo dado por Malba Tahan e, possivelmente, tenha sido uma nova opção de mercado para a Editora Vecchi, que pôde publicar um novo autor em uma área diferente do seu escopo habitual.

Com exceção às questões gráficas de capa e miolo, a participação de Malba Tahan se fez presente nas seis obras, e isso se constata não somente pelas dedicatórias e prefácios, onde são citados colegas de trabalho e familiares, mas também pela apresentação da sua produção bibliográfica. Nota-se seu cuidado em mostrar os principais trabalhos publicados, editoras e autores com quem fez parceria desde o início da carreira, além de lista de possíveis novas obras a serem produzidas. Com isso, Malba Tahan não apenas se esforçou em demonstrar capacidade de produção literária, mas também externou, através dessas listas, um resumo de sua produção intelectual.

Além da divulgação realizada pela Editora Vecchi, Malba Tahan empenhou-se pessoalmente na divulgação dessas obras por meio de sua rede de contatos, o que pode ser averiguado pelas cartas localizadas em seu arquivo pessoal. Malba Tahan enviou exemplares dessas obras não somente para amigos, mas também para profissionais da educação que exerciam alguma função de supervisão e direção, o que indica uma estratégia na distribuição de suas obras.

De qualquer modo, é provável que essa estratégia não tenha surtido o efeito desejado, já que não ocorreram outras reimpressões dessas obras, com possível exceção do livro *A arte de ser um perfeito mau professor*, que teria tido uma segunda reimpressão, mas da qual não localizamos nenhum exemplar que comprovasse tal indício. Como não temos o contrato firmado entre Malba Tahan e a Editora Vecchi, pode-se supor, por comparação com outros contratos presentes no arquivo e analisados por Siqueira Filho (2008), que outras edições ou reimpressões viriam somente por demanda, e que possivelmente isso nunca aconteceu.

Após a tomada de conhecimento da materialidade desses livros e do trabalho de divulgação realizado tanto pela Editora Vecchi quanto por Malba Tahan, num segundo momento, foi necessário compreender como essas obras

foram escritas. Para isso, dividiu-se a série em dois grupos distintos. Um primeiro grupo com os livros publicados em 1967, *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O mundo precisa de ti, professor* e *O professor e a vida moderna*, e um segundo grupo com os livros publicados em 1969, *Antologia do bom professor*, *Roteiro do bom professor* e *Página do bom professor*. Essa divisão foi necessária, pois o modo como os livros de 1967 foram concebidos pelo autor é totalmente diferente da forma como as antologias de 1969 foram estruturadas.

A diferença está presente também nos recursos utilizados, como visto no capítulo 2. A principal fonte utilizada por Malba Tahan para compor os livros de 1967 foi seu arquivo pessoal. O autor escreveu uma coluna no jornal *Folha de São Paulo* entre 1963 e 1966, e organizou dois cadernos com os recortes de jornais, com esses artigos, e posteriormente utilizou esses cadernos como subsídio para escrever os originais dos livros que foram enviados para a Editora Vecchi.

Não existem no arquivo os originais destas obras. Contudo, os vestígios deixados de próprio punho pelo autor, tanto nos cadernos de recortes da *Folha de São Paulo*, quanto em outros originais e materiais de cursos e palestras presentes no arquivo, possibilitam dizermos que Malba Tahan fez uso de estilo próprio para compor o conteúdo dos seis livros publicados pela Editora Vecchi.

Os artigos da coluna “A Escola e a Vida” foram a fonte para composição dos textos presentes nos livros de 1967. Primeiramente, ele selecionou os artigos, numerou-os, em seguida, ele dividiu esses artigos em blocos, sublinhando parágrafos; anexou recortes de outras fontes e os colocou ao lado dos artigos selecionados, direcionando cada parte para compor o conteúdo de um ou mais capítulos. Essa maneira de montar o conteúdo de um livro foi a forma que o autor encontrou para suprir sua incapacidade em datilografar, algo que o mesmo assumiu em diálogo com Monteiro Lobato, quando ambos conversavam sobre a maneira que Malba Tahan utilizou para escrever o livro *A sobra do arco-íris*.

Ocorre que a historiografia aponta indícios de que Malba Tahan reutilizava material de outras publicações de sua autoria, seja para compor novos textos ou mesmo livros. Essa indicação se confirmou tanto pelos textos apresentados nos seis livros publicados pela Editora Vecchi, quanto pelos temas abordados nos artigos que foram publicados na coluna “A Escola e a Vida”, da *Folha de São Paulo*.

Diversos temas que apareceram na coluna “A Escola e a Vida” já

tinham aparecido em trabalhos anteriores. Malba Tahan republicou partes de artigos em plataformas distintas, acrescidos, às vezes, de algum comentário ou frases e pensamentos, com o intuito de reforçar o assunto debatido no texto. Malba Tahan trouxe temas que já tinham sido abordados por ele em seu livro *Didática da Matemática* para sua coluna na *Folha de São Paulo*, e também trouxe, para a mesma coluna, material presente em revistas, livros e apostilas de didática publicadas pela CADES.

Ao ministrar cursos de didática através da CADES, Malba Tahan acumulou material e repertório prontos para serem reaproveitados em momento oportuno. A coluna na *Folha de São Paulo* foi uma oportunidade para isso. Com o fim de sua coluna, os artigos agora formavam outro material, que organizado em seu arquivo, serviu como fonte principal para compor *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O mundo precisa de ti, professor*, e *O professor e a vida moderna*. Esse modo de trabalhar possibilitou ao autor escrever muitos livros em curto espaço de tempo, pois aproveitava material de sua autoria e também de outros autores que, de maneira geral, defendiam os ideais da Escola Nova.

No caso de outros autores, Malba Tahan utilizou forma semelhante de trabalho nas antologias de 1969, como a pesquisa pôde apurar no capítulo 3. Nas antologias o material utilizado não foi o arquivo, mas a biblioteca que Malba Tahan mantinha em sua casa. Após o cotejamento das obras e seus respectivos autores, que serviram de referência bibliográfica para a composição das três antologias, *Antologia do bom professor*, *Páginas do bom professor* e *Roteiro do bom professor*, ficou evidente o protagonismo de autores e instituições ligados ao escolanovismo nos diversos temas selecionados por Malba Tahan.

Por conta do número de obras e autores citados, bem como pela forma como os textos saíram de seus originais, fica evidenciado que o estilo empregado por Malba Tahan nas três primeiras obras lançadas pela Editora Vecchi se manteve para compor as três antologias. Sendo assim, Malba Tahan não selecionou especificamente autores ou textos, mas sim livros, revistas e apostilas que ele tinha à mão em sua biblioteca. Após selecionar uma obra, Malba Tahan extraiu parágrafos ou frases e, rearranjando-os de maneira aleatória, montou o material que serviu de referência para ser datilografado, criando assim um original a ser utilizado pela editora na composição dos livros.

Dentre o material bibliográfico utilizado como fonte nas antologias, as

publicações da CADES aparecem em maior número. A retomada de material produzido pela CADES nas seis obras ocorreu quando as atividades da CADES diminuam com o fim da publicação da *Revista Escola Secundária*, em 1963, bem como dos cursos de aperfeiçoamento e capacitação promovidos pela instituição, nos quais Malba Tahan atuara como professor.

Com relação aos autores citados, nota-se uma grande variedade de nomes de áreas diversas, mas se percebe também um núcleo principal. São intelectuais que tiveram significativo protagonismo nos movimentos de reforma do ensino nos anos 1920 e 1930, além de terem atuado em posições de destaque na administração pública, ocupando cargos de confiança ligados diretamente à educação de modo geral.

Sem atuar nos cursos da CADES, estando fora da Universidade, tendo seu espaço em jornais e novas editoras diminuindo, Malba Tahan viu na Editora Vecchi uma oportunidade para sistematizar sua compreensão sobre educação. Especialmente, posicionou-se por meio do trabalho concluído em *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O professor e a vida moderna*, *O mundo precisa de ti, professor* e nas três antologias sobre o modelo de docência que julgava adequado e que ele próprio representava em um momento em que seus principais referenciais perdiam efeito no cenário que se instalou depois de 1964.

Bibliografia

ARAÚJO, Maria Cristina de Albuquerque. **A reforma Carneiro Leão em Pernambuco**. In: M. E. B. Miguel, D. G. Vidal & J. C. Araújo (Orgs.). Reformas Educacionais: As manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946). Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2011. p. 231–246.

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9–34, jul. 1998. ISSN 2178–1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061> . Acesso em: 12 de fevereiro de 2019.

ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de. **Os livros didáticos de Psicologia Educacional**: pistas para análise da formação de professores(as) – (1920–1960). In: *Temas psicol.*, Ribeirão Preto , v. 15, n. 1, jun. 2007, p. 69–84. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2007000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 de outubro de 2019.

BARALDI, Ivete Maria; GAERTNER, Rosinète. **CADES**: seus textos e seus contextos na história da educação matemática. In: Anais do ENAPHEM, Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática. 2º, Bauru, 2014, p. 972–981. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/ENAPHEM/issue/view/411>. Acesso em: 12 de agosto de 2019.

BASTOS, Maria Helena Camara. **De jardineira para a jardineira**: orientações didático-pedagógicas para a educação pré-primária (Revista do Ensino/RS, 1951-1963). In: Revista Linhas. Florianópolis, v. 18, n. 38, set./dez. 2017, p. 63–80.

BATISTA, Pía. **Reforma de la enseñanza secundaria en el Uruguay de la década de 1930**: la revista ensayos y la agrupación universidad. In: Revista POLED, V. 9, nº 1, 2016, p. 86–102.

BURLAMAQUI, Mariana Mello. **A Associação Brasileira de Educação como uma instituição de divulgação das ciências**. In: Scientiarum Historia – 6º Congresso de história das ciências e das técnicas e epistemologia. Ufrj - universidade federal do rio de janeiro, 2013, Anais. Disponível em: http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh6/SHVI/trabalhos%20orais%20completos/trabalho_005.pdf. Acesso em: 22 de outubro de 2019.

CAMARA, Sônia. **A reforma Fernando de Azevedo e as Colmeias Laboriosas no Distrito Federal de 1927 a 1930**. In: M. E. B. Miguel, D. G. Vidal & J. C. Araújo (Orgs.). Reformas Educacionais: As manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946). Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2011, p.177–196.

CARDOZO, Missila Loures. **A atratividade da capa do livro no meio online**. In: anais do XXVIII Congresso brasileiro de ciências da comunicação, V Encontro dos núcleos de pesquisa da Intercon, GP-04. Rio de Janeiro: Produção Editorial, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0240-2.pdf>. Acesso em: 27 de dezembro de 2019.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A educação na encruzilhada, que encruzilhada?** In: Molde nacional e fôrma cívica. Bragança Paulista: EDUSF, 1998, p. 17–52.

_____. **A República, a escola e os perigos do alfabeto**. IN: PRADO, M. Lígia; VIDAL, Diana G. À Margem dos 500 anos: reflexões irreverentes. São Paulo, SP: Edusp, 2002, p. 203–218.

_____; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Biblioteca para professores e modelização das práticas de leitura**: análise material das coleções Atualidades Pedagógicas e Biblioteca de Educação. In: Anais do XXIV Simpósio Nacional de História, São Leopoldo: Associação Nacional de História – ANPUH, 2007.

CATANI, Denice Barbara. **Estudos de história da profissão docente**. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 585–599.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAGURI, Jonathas de Paula; MACHADO, Maria Cristina Gomes. Notas biográficas de um educador brasileiro: Antônio Carneiro Leão. In: **REVELLI** - Revista de Educação, Linguagem e Literatura, Inhumas/GO – Brasil, v.10, n.1, Maio–2018, p. 70–98.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. In: Estud. Av. São Paulo, v. 5, nº 11, abril de 1991, p.173–191. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>. Acesso em: 14 de agosto de 2018.

_____. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução: Mary Del Priori. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1999.

_____. **Cultura Escrita, Literatura e História**: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

_____. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

_____. **A mão do autor, a mente do editor**. Tradução: George Schlesinger. 1ª edição. Editora UNESP, São Paulo, 2014.

CUNHA, M. T. S. A mão, o cérebro, o coração. Prescrições para a leitura em manuais escolares para o Curso Normal (1940 – 1960/ Brasil-Portugal). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 13, n. 3[33], p. 285-309, 3 dez. 2017.

DARNTON, Robert. **A questão do livro**: sobre passado, presente e futuro. Companhia das letras, São Paulo, 2009.

ESCOREL, Ana Luisa. **Brochura Brasileira, objeto sem projeto**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, INL, 1974.

FARIA, J. C. de. **A prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan**: um olhar a partir da concepção de interdisciplinaridade de Ivani Fazenda. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2004. Disponível em: http://www.malbatahan.com.br/artigos/dissertacao_juracycfaria.pdf. Acesso em: 05 de maio de 2019.

FERNANDES, Magali oliveira. **Chico Xavier**: um herói brasileiro no universo da edição popular. São Paulo: Annablume, 2008.

FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres. Formação docente e a emergência de uma nova identidade profissional – a revista escola secundária da CADES (1957 – 1963). In. **Revista Teias**, [S.l.], v. 4, n. 7, p. 8 pgs., outubro. 2007. ISSN 1982-0305. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23966/16938>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. As madres da historiografia educacional: o manual de Peeters e Cooman. **ANAI DO IV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**: A educação e seus sujeitos na história. Goiânia, 2006. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo03>. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Trad.: Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê, 2009.

GUIMARÃES, Neve Ione Ribeiro. **O sermão da montanha na visão do filósofo cristão Huberto Rohden**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2014.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil, sua história**. Editora Universidade de São Paulo, 2º ed. revista e ampliada, São Paulo, 2005.

LIMA, Ana Laura Godinho; CATANI, Denice Barbara. “Que tipo de aluno é esse?”: psicologia, pedagogia e formação de professores. In: **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 62, p. 571–593, Sept. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782015206202>. Acesso em: 14 de outubro de 2019.

LOPES, Antônio José. Dia da Matemática e a obra didática de Malba Tahan, para além do homem que calculava. In: **Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM)**: Boletim nº 13. Brasília, 2012.

_____. A perspectiva Didática da Matemática Recreativa de Malba Tahan. In: **Revista de Educação Matemática**, São Paulo, v. 15, n. 19, mai./ago. 2018, p. 223–234.

LOPES, Sonia de Castro; GURGEL, Patricia. A “PRATA DA CASA”: percursos acadêmicos e trajetórias profissionais de ex-alunas do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1930-1960). In: **Educação em Foco**: revista de educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. Vol. 22, nº 2., Maio 2017/agosto 2017, p. 73–111.

LORENZATO, Sérgio. Um reencontro com Malba Tahan. In: **Zetetiké** - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Círculo de Estudo, Memória e Pesquisa em Educação Matemática – Ano 3 - n. 4, Campinas, 1995, p.95–102.

_____. Malba Tahan, um precursor. In: **Educação Matemática em Revista**, São Paulo, ano 11, n. 16, maio 2004, p. 63–66.

_____. Uma especial página da educação matemática brasileira. In: **Ciências em Foco**, v. 2, n. 1, 31 jan. 2013.

MARTINS, Aulus Mandagará. As margens do texto nas margens do cânone: paratexto, texto e conteúdo em Luanda e Mayombe. In: **IPOTESI**, Juiz de Fora, v. 14, nº 2, p. 169-177, jul/dez. 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/04/14-As-margens-do-texto-nas-margens-do-c%C3%A2none.pdf>. Acesso em: 06 de dezembro de 2018.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: historia do livro, da imprensa e da biblioteca, com um capitulo referente a propriedade literaria. 3. ed. ill. rev. e atual São Paulo, SP: Ática, 2002.

MIRANDA, B. C. B.; GARNICA, A. V. M. Por um novo modelo de professor: os livros publicados pela CADES. **Zetetiké**, v. 27, p. e019002, 31 mar. 2019.

MORAIS, Claudiana dos Reis de Souza. **Registros do acervo de Júlio César de Mello e Souza**: rede de contatos em fundos de documentação pessoal. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Faculdade de Educação. 2017.

NASCIMENTO, Ângela José do. A Trajetória da Editora Vecchi. In: **Intercom** – Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, v. 12, n. 60, jan./jun. 1989, p. 102–106

NUNES, Clarice. O "velho" e "bom" ensino secundário: momentos decisivos. In: **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n.14, ago. 2000a, p.35–60. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 de abril de 2019.

_____. Anísio Teixeira entre nós: a defesa da educação como direito de todos. In: **Educ. Soc.**, Campinas, v. 21, n. 73, dez. 2000b, p. 9–40. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302000000400002>. Acesso em: 17 de dezembro de 2019.

_____. Modernidade pedagógica e política educacional: a gestão de Anísio Teixeira na Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro (1931-1935). In: M. E. B. Miguel, D. G. Vidal & J. C. Araújo (Orgs.). **Reformas Educacionais**: As manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946). Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2011. p.291–313.

OLIVEIRA, Cristiane Coppe de. **A sombra do arco-íris**: um estudo histórico/mitocrítico do discurso pedagógico de Malba Tahan. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. “A Bandeira e a Cruz”: caminhos da trajetória intelectual da educadora Maria Junqueira Schmidt. In: **Educar em Revista**, [S.l.], v. 33, n. 65, ago. 2017, p. 103–118. ISSN 1984-0411. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/53319/33232>. Acesso em: 29 de dezembro de 2019.

PAULILO, André Luís. A reforma Carneiro Leão no Distrito Federal (1922-1926). In: M. E. B. Miguel, D. G. Vidal & J. C. Araújo (Orgs.). **Reformas Educacionais: As manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946)**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2011. p.43–61.

_____. **Políticas públicas de educação: a estratégia como invenção**: Rio de Janeiro, 1922-1935. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2015.

_____. Malba Tahan e a sua memória: a organização do arquivo do Prof. Júlio César de Mello e Souza. In: **Revista de Educação Matemática**, São Paulo, v. 15, n. 19, mai. /ago. 2018, p. 173–187.

PEIXOTO, Silveira. **Falam os Escritores**. 3.v. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1971–1976.

PEREIRA, Luiz Henrique Ferraz. **A matemática na Revista do Ensino do Rio Grande do Sul. Passo Fundo**. Ed. Universidade de Passo Fundo, 2017. 5.460 kb, PDF.

PINTASSILGO, Joaquim. Uma reflexão entre o passado e o presente: os contributos do pedagogo português Mário Gonçalves Viana. In: **Educação em Foco**: revista de educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. Vol. 22, nº 2, Maio 2017/agosto 2017, p. 37–50.

ROBALLO, Roberlayne de Oliveira Borges. O passado que se tornou lição: os manuais de Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos e as noções de história da educação para alunas normalistas. In: **ANAIIS DA 32ª REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED), GT-02**. Caxambu – MG, 2009.

ROCHA, Lucia Maria da Franca. A Instrução Pública na Bahia 1924–1928: Anísio Teixeira. In: M. E. B. Miguel, D. G. Vidal & J. C. Araújo (Orgs.). **Reformas Educacionais: As manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946)**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2011, p.63–82.

ROMANO, Antonio, “Nueva educación” y enseñanza secundaria en el Uruguay (1939-1963). In: **Cadernos de História da Educação**, v.15, n.2, maio-ago. 2016, p. 468–491. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/viewFile/36090/19081>. Acesso em: 21 de janeiro de 2019.

SANTOS, Meily Cassemiro. **Pedagogia de Malba Tahan na formação de professores e no ensino-aprendizagem de Matemática**. 2016. Dissertação (Mestrado em Projetos Educacionais de Ciências) - Escola de Engenharia de Lorena, Universidade de São Paulo, Lorena, 2016.

SIQUEIRA FILHO, Moysés Gonçalves. **Ali lezid Izz-Edim IBN Salim Hank Malba Tahan: Episódios do Nascimento e Manutenção de um Autor-Personagem**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

_____. Três Breves Histórias sobre Malba Tahan. In: **ANAIS DO I CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**, 2011, Covilhã - Portugal. v.1. p.230–238. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135865>. Acesso em: 23 de agosto de 2019.

SOUZA, Aldiléia da Silva; MOREIRA, Geraldo Eustáquio: As influências de Malba Tahan para a educação matemática: o legado de um educador à frente de seu tempo. In: **Revista de Educação Matemática**, São Paulo, v. 15, n. 19, mai. /ago. 2018, p. 294–309.

SOUZA, Audrey Pietrobelli de. **TRAJETÓRIA DA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UEPG (1962-2012): CONFORMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO CAMPO DE CONHECIMENTO**. 2016. 236 f. Tese (Doutorado em Educação) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2016.

SOUZA, Rosa Fátima de. Fernando de Azevedo e a reconstrução do sistema educacional do estado de São Paulo em 1933: sentidos e alcances de um projeto de reforma. In: M. E. B. Miguel, D. G. Vidal & J. C. Araújo (Orgs.). **Reformas Educacionais: As manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946)**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2011. p.337–362.

TAHAN, Malba. **Didática da Matemática**. São Paulo: Editora Saraiva (2v.), 1965.

_____. **O professor e a vida moderna**. Rio de Janeiro: Ed. Vecchi, 1967.

_____. **A arte de ser um perfeito mau professor**. Rio de Janeiro: Ed. Vecchi, 1967.

_____. **O mundo precisa de ti, professor**. Rio de Janeiro: Ed. Vecchi, 1967.

_____. **Antologia do bom professor**. Rio de Janeiro: Ed. Vecchi, 1969.

_____. **Roteiro do bom professor**. Rio de Janeiro: Ed. Vecchi, 1969.

_____. **Páginas do bom professor**. Rio de Janeiro: Ed. Vecchi, 1969.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)**. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Modelos de leitura em disputa: a concorrência entre as coleções Atualidades Pedagógicas e Cultura, Sociedade e Educação, nos bastidores da Companhia Editora Nacional (década de 1960). In: **ANAIIS DO 16º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL: no mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las**, III Seminário “Leitura, Escola, História”, Mesa-Redonda II - “Impressos e prescrições de leitura para professores”. Unicamp. Campinas – SP. 2007a.

_____. Circulação de modelos de leitura para professores: a atualidades pedagógicas e a biblioteca museu do ensino primário. In: **ANAIIS DA 30ª REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED)**, GT-02. Caxambu – MG. 2007b.

TORRES, Edson Tavares. **A construção e a permanência do nome do autor: o caso José Condé**. 2013. 295 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

UNSELD, Siegfried. **O autor e seu editor**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

VALÉRIO, Telma Faltz. **As Conferências Nacionais de Educação como estratégias de intervenção da intelectualidade abeana na política educacional do Ensino Secundário no Brasil (1928-1942)**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Paraná, 2013.

VALENTE, Wagner. Controvérsias sobre educação matemática no Brasil: Malba Tahan versus Jácomo Stávale. In: **Cadernos de Pesquisa**, nº 120, nov. 2003, p. 151–167.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Conferências Nacionais de Educação: intelectuais, Estado e discurso educacional (1927-1967). In: **Educ. rev.**, Curitiba, n. 65, set. 2017, p. 19–34. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.53670>. Acessos em: 22 de outubro de 2019.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola nova e processo educativo. In: E. M. T. LOPES, L. M. FARIA FILHO & C. G. VEIGA (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.497–517.

_____. **O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2001.

_____. Bibliotecas escolares: experiências escolanovistas nos anos 1920–1930. In: MENEZES, Maria Cristina. (Org.). **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p.187–212.

_____. Práticas escolares de escrita no fim do século XIX: o fracasso de uma inovação pedagógica como mote. In: **Culturas escolares: estudo sobre as práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)**. Campinas: Autores Associados, 2005, p.125–166.

_____. 80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, nº 3, setembro 2013, p. 577–588. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022013005000007>. Acesso em: 17 de dezembro de 2019.

_____; FARIA FILHO, Luciano Mendes. **As lentes da história**: estudos de história e historiografia da educação no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2005.

XAVIER, Libânia; CUNHA, Luís Antônio. Associação Brasileira de Educação – ABE. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br>. Acesso em: 14 de dezembro de 2019.

ZAID, Gabriel. **Livros demais**: sobre ler, escrever e publicar. São Paulo. Summus editorial, 2004.

Anexo

Quadro 14: Relação dos autores pesquisados e que foram utilizados por Malba Tahan.

AUTORES	NÚMERO DE CITAÇÕES	TRABALHOS CITADOS	Antologia do bom professor	Páginas do bom professor	Roteiro do bom professor
Antônio Carneiro Leão	4	1	1	1	2
A. M. Aguayo	2	1		2	
A. Tavares de Lacerda	1	1	1		
Afrânio Peixoto	3	1	2		1
Agliberto Xavier	1	1	1		
Agostinho Minicucci	1	1	1		
Alceu Amoroso Lima	2	1	1		1
Alfredina Paiva e Souza	1	1			1
Álvaro de Rezende Rocha	1	1			1
Anísio Teixeira	6	2	4	1	1
Anna Rimoli de Faria Doria	2	1		2	
Antônio Fernandes Deléo	1	1			1
Antonio Ganriel Marão	1	1	1		
Antônio José Dyffles Amarante	1	1		1	
Antônio Marques Moline	1	1			1
Antônio Sanvito	1	1			1
Aquiles Archêro Júnior	4	1		3	1
Arlette Cunha	1	1		1	
Bandeira Duarte	1	1			1
Basto de Armando	2	1	2		
Benilde Dantas	1	1	1		
Benjamin Albagli	1	1	1		
Bertrand Russel	1	1		1	
Botyra Camorim	1	1		1	
Cadmo Souto Bastos	1	1			1
Cândida de Cerne Carvalho	1	1	1		
Carlos Trezza	1	1	1		
Cecy de C. Costa	1	1			1
Celso Kelly	1	1		1	
Chafid Haddad	1	1			1
Clarindo Macedo	1	1			1
Clélia Dias	1	1		1	
Clemen Barreto Sampaio	1	1			1
Consuelo Sanchez Buchon	3	1	1	2	
Cte. Achilles de Farias Mello	3	1		2	1
David P. Aarão Reis	1	1			1
Desconhecido	1	1			1

AUTORES	NÚMERO DE CITAÇÕES	TRABALHOS CITADOS	Antologia do bom professor	Páginas do bom professor	Roteiro do bom professor
Dirce Capanema Mateos Garrido	1	1		1	
Duverlina Santos	1	1			1
Edith Ferraz de Abreu	3	1		3	
Edivette Cruz Machado	2	1	1		1
Edouard Claparède	4	1	1	2	1
Edward L. Thorndike	1	1		1	
Edy Flores Cabral	1	1		1	
Elida de Freitas e Castro Druck	1	1		1	
Emmanuel de Castro	14	1	4	2	8
Ernest Loisel	1	1			1
Etienne Santos Corrêa	1	1			1
Everardo Backheuser	5	1	1	3	1
F. G. Goelzer	1	1		1	
Faria de Vasconcelos	1	1	1		
Fenelon	1	1	1		
Fernando de Azevedo	2	1	1	1	
Fiovo Euquinotti	1	1			1
Flávio Lombardi	1	1		1	
Francisco Alexandre Ferreira Mendes	1	1			1
Francisco Rebud Filho	1	1			1
George V. Sheviakov	3	1		1	2
Gildásio Amado	1	1			1
Gilvia Borges Aguiar	6	1	6		
Giselda Guimarães Gomes	4	1	1	3	
Guerino Casasanta	10	1	3	3	4
Guerra Junqueiro	2	2	1		1
Gustave Thibon	2	1		1	1
Heli Menegali	1	1			1
Hélio Cyrini	1	1	1		
Heródoto	1	1			1
Hilton Rocha	1	1	1		
Hugo Calzetti	1	1		1	
Humberto Monsentier	1	0			1
Imão Dr. José Otão	2	1			2
Imídio Giuseppe Nérici	7	2		3	4
Inah Fonseca	1	1	1		
Inezil Pena Marinho	1	1			1
Iracema C. de França Campos	1	1			1
Irene da Silva Mello Carvalho	5	3		2	3
Irmã Brancamaria	1	1		1	
Irmã Gisah Xavier de Azevedo	1	1		1	

AUTORES	NÚMERO DE CITAÇÕES	TRABALHOS CITADOS	Antologia do bom professor	Páginas do bom professor	Roteiro do bom professor
Irmã Helena Filha de Caridade	1	1			1
Irmã Maria Auxiliadora de Godoy	1	1		1	
Irmã Maria Cristina Alves Campos	1	1		1	
Irmã Maria de São Luís Gonzaga	1	1			1
Irmã Maria Luisa Romão	2	1	1	1	
Irmã Maria Stella, O.P.	3	1		2	1
Irmã Marlise	1	1	1		
Isaías Raw	3	1	2		1
Iva Waisberg Bornow	2	1			2
J. M. Gomes Ribeiro	1	1	1		
Jamil El-Jaick	4	1		1	3
João de Souza Ferraz	4	1	4		
João Gabriel Chaves	1	1	1		
João Guimarães Rosa	1	1			1
João Luiz Vives	1	1		1	
João Pupo	1	1			1
John Dewey	1	1	1		
Jônatas Serrano	2	1	1		1
José de Oliveira Tognetti	1	1			1
José Francisco de Almeida Pimentel	1	1		1	
José G. Nunes Gouveia	1	1			1
José Garcia Ramos	1	1	1		
José Ingenieros	1	1	1		
José Reis	1	1			1
José Rodrigues Alves Sobrinho	1	1		1	
José Saglietti	1	1			1
José Walter Bautista Vidal	3	1	3		
Joseph Baldwin	1	1			1
Joseph Göttler	1	1		1	
Julieta Kfauri	1	1			1
Juracy Silveira	5	1	3		2
Jurandyr Manfredini	1	1		1	
Kazuo Kawamoto	1	1		1	
L. Riboulet	5	1	1	2	2
Laura Geni Kochenborger	1	1			1
Lauro de Oliveira Lima	2	1	1	1	
Lays Esteves Loffredi	3	2		1	2
Léa Tapajós	1	1			1
Leda do Amaral Freire	1	1		1	
Leodegário Amarante de Azevedo Filho	1	1	1		
Leonardo Korechi	1	1		1	

AUTORES	NÚMERO DE CITAÇÕES	TRABALHOS CITADOS	Antologia do bom professor	Páginas do bom professor	Roteiro do bom professor
Leonilde S. Montandon	2	2	1	1	
Lídia Lopes	1	1			1
Louis Meylan	3	1		3	
Lourenço Filho	7	2	2	4	1
Lucia Marques Pinheiro	1	1	1		
Luciano Lopes	1	1		1	
Lucio José dos Santos	1	1	1		
Luís Alves de Mattos	2	1	1		1
Lydia Menon Marão	1	1		1	
M. Boorda	1	1		1	
Madre Francisca Peeters	1	1	1		
Madre Maria Augusta de Cooman	1	1	1		
Maria Auxiliadora Ribeiro	1	1	1		
Maria de Lourdes Nunes de Andrade	1	1			1
Maria Edmeé de A. Jacques da Silva	1	1		1	
Maria Eduarda Rios de Souza	1	1			1
Maria Emília Alvez Saltiel	1	1			1
Maria Ferri Soares Veiga	5	1		5	
Maria Helena A. Silveira	1	1			1
Maria Junqueira Schmidt	6	2		1	5
Maria Nadyr de Freistas	2	2			2
Mário Altenfelder	1	1		1	
Mario Cavalcanti	2	1	2		
Mário Gonçalves Vianna	27	1		8	19
Max Scheler	1	1	1		
Moema Lisboa Haesbaert	1	1		1	
Monsenhor Pedro Anísio	1	1	1		
Nazareth Sutinga	1	1		1	
Ofélia Boisson Cardoso	4	1		4	
Olympio da Fonseca Filho	1	1	1		
Omar Catunda	1	1	1		
Onofre de Arruda Penteado Júnior	4	1	2	1	1
Oswaldo Câmara de Aquino e Castro	2	1	2		
Padre Álvaro Negromonte	1	1		1	
Padre Herádio Conduru P. Marques	1	1	1		
Paul Foulquié	1	1			1
Paulo Maranhão	1	1	1		
Paulo Sá	1	1	1		
Pedro Anísio	1	1			1
Pierre Bovet	1	1		1	
Presciliana Duarte de Almeida	1	1	1		

AUTORES	NÚMERO DE CITAÇÕES	TRABALHOS CITADOS	Antologia do bom professor	Páginas do bom professor	Roteiro do bom professor
R. Valnir C. Chagas	3	1	2		1
Rafael Grisi	1	1		1	
Raul Bresciani	2	1		2	
Raymond Buysse	1	1	1		
René Hubert	1	1		1	
Renilda da Silva Neves	1	1	1		
Roberto das Neves	1	1	1		
Roberto de Oliveira Campos	6	1	6		
Rodolfo Senet	1	1	1		
Romanda Gonçalves Pentagna	4	1		4	
Roy C. Newton	1	1		1	
Rui Barbosa	8	1		2	6
Rui Gomes de Almeida	1	1		1	
Ruth Gouvêa	7	2	2		5
Ruy de Bello Ayres	2	1		1	1
Santo Inácio de Loiola	1	1	1		
Sieglind Barbosa M. Autran	1	1			1
Silveira Bueno	1	1			1
Silvio Rabello	1	1	1		
Sud Mennucci	1	1	1		
Theobaldo Miranda dos Santos	14	3	5	8	1
Tirado Benedi	1	1		1	
Waldemar Cocchiarale	1	1	1		
Will Carson Ryan	3	1		3	
Willian A. Kelly	21	1	1	8	12
Zeferino Vaz	5	1	2	3	